

# **O ELOGIO DA MENTIRA e outras histórias**

**Lycio de Faria**

Rio de Janeiro, 2004

(Edição do Autor)

## **Dados da licença no Creative Commons:**

```
<!--Creative Commons License--><a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/"></a><br/>Esta obra est&#225; licenciada sob uma <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/">Licen&#231;a Creative Commons</a>.<!--/Creative Commons License--><!-- <rdf:RDF xmlns="http://web.resource.org/cc/" xmlns:dc="http://purl.org/dc/elements/1.1/" xmlns:rdf="http://www.w3.org/1999/02/22-rdf-syntax-ns#"> <Work rdf:about=""> <license rdf:resource="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/" /> <dc:title>O ELOGIO DA MENTIRA e outras histórias</dc:title> <dc:date>2004</dc:date> <dc:description>Ficção - Contos</dc:description> <dc:creator><Agent><dc:title>Lycio de Faria</dc:title></Agent></dc:creator> <dc:rights><Agent><dc:title>Lycio de Faria</dc:title></Agent></dc:rights> <dc:type rdf:resource="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" /> </Work> <License rdf:about="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/"><permits rdf:resource="http://web.resource.org/cc/Reproduction"/><permits rdf:resource="http://web.resource.org/cc/Distribution"/><requires rdf:resource="http://web.resource.org/cc/Notice"/><requires rdf:resource="http://web.resource.org/cc/Attribution"/><prohibits rdf:resource="http://web.resource.org/cc/CommercialUse"/></License></rdf:RDF> -->
```

Lycio de Faria

○  
**ELOGIO DA MENTIRA**  
e outras histórias

## SUMÁRIO

O ELOGIO DA MENTIRA.....	1
FÁBULA CONTEMPORÂNEA.....	7
A METAMORFOSE.....	15
OTELLO – 2001.....	21
<i>DELENDA CORRUPTIO</i> .....	27
O TECNICISMO.....	31
O CLONE.....	37
A QUEIXA.....	43
O ALIENISTA, SÉCULO XXI.....	49
O PACIFISTA.....	53
RECIDIVA.....	59
A PROFECIA.....	63
O PAQUERADOR.....	67
FAUSTO – 2002.....	75
O TRANSPLANTE.....	81
AZAR.....	87
LÍNGUA MATER .....	93
A SEGUNDA CARTA .....	99
O CASAMENTO .....	105
O CRIME PERFEITO.....	111
O CALUNIADO .....	117
A SENHA .....	123
O TRANSVIADO .....	131

## O ELOGIO DA MENTIRA

Estava o velho Erasmo (de Rotterdam) posto em sossego em sua mansão celestial, de seus séculos colhendo doce fruto, quando ouviu que à sua porta batiam.

"Quem poderá ser, a esta altura da eternidade? Talvez Camões, aquele poeta genial que, infelizmente, não conheci em vida, pois nasceu ele quando eu já quase me despedia do mundo. Cismou agora de escrever novo poema épico, cultuando não mais um povo apenas — **Os Lusíadas** — mas abrangendo todos os povos do mundo. A nova obra monumental teria por título **Os Humanos**. Minha colaboração, diz ele, é indispensável porque demonstrei, com minha obra mais famosa — **O Elogio da Loucura** — conhecer profundamente aquela que, há milênios, reina absoluta sobre toda a humanidade. Um despautério, pois não tenho mais engenho e arte para empreender trabalho de tal magnitude. Ele, porém, insiste e fico um tanto sem jeito de dizer-lhe um não definitivo."

Quem batia, entretanto, não era Camões, era a própria Loucura.

— Posso entrar, mestre?

— Claro, minha querida, mas que surpresa! Como veio parar aqui? Você não é deste mundo! Deixou a Terra? Como podem os humanos viver sem você?

— Ah, mestre, é uma longa história...

— Sente-se e me conte tudo. Custa-me a crer que os humanos tenham aceito a abdicação de sua soberana de tanto tempo.

— Eu não abdiquei, fui deposta.

— O mundo enlouqueceu!

— Ao contrário, mestre, os humanos me expulsaram e têm agora outra soberana.

— Como pode ter isso acontecido? Você esqueceu o velho conselho que lhe dei?

— Qual deles, mestre? Foram tantos...

— O mais importante de todos: "Não tens quem te elogie? Elogia-te a ti mesmo."

— Não, mestre, não esqueci. O que aconteceu foi que a minha rival soube dele e usou-o com maior eficiência.

— E quem é essa rival tão poderosa?

— A Mentira, mestre, ela é quem reina agora, absoluta. Os humanos a adoram.

— Custa-me a crer, repito. Os humanos sempre abominaram a mentira, taxando-a até de pecado. Você, não, você sempre foi respeitada e houve época em que a tiveram por santa. Como pôde ter ocorrido mudança tão radical?

— É que surgiu uma novidade, nem imaginada possível no seu tempo. Chama-se mídia.

— Mídia? O que é isso? Tem alguma relação com o velho Rei Midas, que transformava em ouro tudo aquilo em que tocava?

— Mídia é uma abreviação para "meios de comunicação de massa", que possuem um poder descomunal. Não tem, entretanto, nenhuma relação com o velho Midas que o senhor mencionou, a não ser a avidez que aquele rei tinha pelo ouro, antes de pedir a Dionísio que lhe concedesse o dom de tudo transformar no precioso metal.

— A mídia gosta de ouro?

— Bem, hoje, ouro é apenas maneira de dizer. O de que a mídia gosta mesmo é de dinheiro.

— E as duas palavras não são sinônimas?

— No seu tempo eram. Hoje, não mais. O dinheiro pode ser de papel e até virtual.

— Papel? Alguém admite receber papel, e não ouro ou prata, como dinheiro?

— Todo mundo.

— Mas você falou também em virtual, ou seja, não existente fisicamente. Os humanos também aceitam como dinheiro essa coisa que eu nem sei como qualificar?

— Exatamente.

— E você me diz que os humanos não estão loucos?

— Exatamente. Nesse ponto nada existe de loucura. Tudo funciona muito naturalmente. Até quando eu também não sei...

— Não importa. Se os humanos agora entendem que algo virtual pode valer tanto quanto o ouro é problema deles. Voltemos ao que nos interessa. Como pôde a Mentira desbancar você, minha querida Loucura. Durante séculos se disse que era mais fácil pegar um mentiroso do que um coxo. O que mudou?

— Ninguém mais quer saber de coxos, só pensam em coxas...

— Mas o que tem isso a ver com a Mentira? Eu cada vez entendo menos. Por tudo o que você me diz, eu fico achando que os humanos estão mais loucos do que

nunca. Você mesma, porém, me afirma que foi desbancada e que a Mentira é quem impera. Me explica melhor essa confusão, especialmente o papel dessa tal de mídia que você inventou.

— Não, mestre, não fui eu quem inventou a mídia. Aliás, ninguém a inventou, ela foi surgindo aos poucos, por aglutinação de diversas partes criadas por diversos inventores.

— Um Frankenstein, portanto?

— Não mestre, nada disso. A mídia até que tem muitas qualidades, o problema é o uso que fazem dela.

— Não me confunda mais ainda. Se a mídia é boa e poderosa, como pôde a Mentira crescer tanto e chegar a usurpar a coroa que você, minha querida Loucura, detinha há tantos séculos?

— Ela seduziu a maioria dos integrantes da mídia. Começou pela propaganda, o vetusto *réclame*, o velho anúncio, o atual *marketing*. No princípio eram mentirinhas de brincadeira, com as quais ninguém se importava. Do tipo:

Veja ilustre passageiro  
O belo tipo faceiro  
Que o senhor tem a seu lado  
E no entanto acredite  
Quase morreu de bronquite  
Salvou-o o Rum Creosotado."

Depois foram sofisticando a enganação, como na propaganda de cigarros. Todo mundo está farto de saber que o cigarro faz um mal enorme à saúde, mas nos anúncios de todas as marcas (todas, sem qualquer exceção) os fumantes são jovens belos e saudáveis e estão sempre cercados de moçoilas mais belas e saudáveis ainda. Tudo descaradamente falso, mas aceito com a maior naturalidade. Até eu fui enganada, achando que mesmo ali continuava a reinar, já que fumar é, indubitavelmente, uma rematada loucura. Doce ilusão. Quem prevaleceu foi a Mentira, que ainda se dava ao desplante de chamar de loucos os que tinham a pretensão de querer desmascara-la. O campo seguinte foi a política.

— Mas, minha querida, os políticos sempre mentiram, desde que o mundo é mundo, sem que o reinado da Loucura fosse afetado.

— Certo, certíssimo, mas quando suas falsidades eram descobertas eles ficavam desmoralizados. Caiam no ostracismo. Houve até um Presidente dos Estados Unidos

que chegou a ter de renunciar, não porque fosse um safado de primeira (isso seria perfeitamente desculpável) mas porque foi apanhado em deslavada mentira. Hoje, não, nem existe mais a figura do ostracismo, desde que as mentiras sejam belas como pérolas. Os políticos chegam ao cúmulo de contratar marqueteiros...

— Perdão por interrompe-la, querida, mas o que é um marqueteiro?

— Marqueteiro é um eufemismo usado para designar mentirosos profissionais incumbidos de ensinar aos políticos como enganar os eleitores.

— Mas isso é uma loucura!

— Loucura, nada, mestre, mentira, pura e simples, só que muito respeitada e melhor remunerada.

— Voltando à propaganda. Não existe uma lei que proíbe a chamada "propaganda enganosa" e pune os seus infratores?

— A lei existe, mas é do tipo que "não pegou".

— Como "não pegou"? As leis, por acaso, são mudas de plantas. que podem pegar ou não pegar?

— Parece estranho, não? Lá de onde eu vim, porém, é a coisa mais natural do mundo. O conceito, graças ao permanente e entusiástico apoio da mídia, já está tão arraigado que as pessoas até se orgulham da aberração.

— Está bem, você me convenceu. Na propaganda e na política a Mentira impera absoluta. Mas nos outros campos, como estão as coisas?

— Que outros campos? Nada agora está imune à ação do *marketing*, por intermédio dos meios de comunicação de massa, ou seja, da mídia. Há uma expressão, conceituada como da mais alta sabedoria, e por isso reverenciada ao extremo, que sintetiza a situação: "Quem não se comunica se trumbica." Sublime, não?

— Prefiro não opinar. Não desejo me "trumbicar" (embora eu nem imagine o que isso possa significar).

— Não se acanhe, mestre, se não deseja que conheçam sua opinião, minta, pois essa é hoje a regra.

— Para você, então, a verdade não mais existe?

— Não, não é bem assim. A verdade continua existindo, mas poucos conseguem vê-la, tal a quantidade de mentiras que a cerca.

— Você exagera, os humanos não sobreviveriam a uma loucura desse porte.

— O mestre não se emenda. Loucura! Que loucura? Eu não estou mais na Terra, fui expulsa. Quem manda agora é a Mentira. Nem mais na beleza feminina se pode confiar. Não se tem mais como saber o que é verdadeiro e o que é puro silicone.

— E aquele velho ditado cigano, "As cartas não mentem jamais", também foi suprimido?

— Que cartas, mestre? Não existem mais cartas, a nova humanidade só conhece e-mails...





## FÁBULA CONTEMPORÂNEA

O falcão, mal o sol raiou, saiu de seu esconderijo no alto da montanha e ficou contemplando a paisagem. "Lindo esse mundo", pensou, olhando lá em baixo a maravilhosa floresta que fora criada, algum tempo antes, por Alguém que ele não saberia dizer quem era.

O espetáculo, porém, mexeu com sua imaginação criativa. Especialmente o brilho do sol, que reinava, absoluto, sobre toda a criação.

Abriu as asas, com a majestade própria dos falcões, desceu até à floresta e convocou alguns dos animais, seus amigos prediletos, para uma reunião. Foi direto ao assunto:

— Meus amigos, eu os convoquei para lhes transmitir uma idéia que tive hoje, quando, logo ao raiar do sol, contemplei esta floresta de beleza indescritível. Os seres que não voam não podem sequer imaginar como ela é bela. Mas os bichos que a povoam estão muito desorganizados e, assim, não desfrutam de tudo o que este mundo pode oferecer. Minha idéia é fazer algo para mudar essa situação e para isso preciso da colaboração de vocês.

— Vossa Excelência permite um aparte?

— Fale, companheiro, mas não gostei do "Excelência", pois essa palavra ainda nem existe. O tratamento de "Majestade", que acabo de criar, é mais adequado à posição de Faraó, que me cabe por poder pairar acima de todos vocês.

— Perdoe a nossa falha, majestade. O que eu queria perguntar é porque o macaco não foi convocado para esta reunião.

— Ah, querido súdito, não sei o que deu no macaco, mas ele está insuportavelmente *snob*. Desceu das árvores, passou a andar ereto, não se considera mais bicho e diz que vai emigrar para outras plagas onde tenha tranquilidade para desenvolver sua inteligência.

— Todos os macacos fizeram isso?

— Não, só aquele alto, de cabeça grande e que, por isso, se julga melhor do que os outros.

— Mas onde estão os outros, que também não vemos, há tempo.

— Eles estão proibidos de descer das árvores. O cabeçudo disse que quem não obedecer ele "pega, mata e come". Como o macacão é fortíssimo, ninguém ousa a ele se opor. Voltemos, porém, ao nosso assunto, pois para desenvolvê-lo não precisamos

de macaco algum. Meu projeto para organizar a bicharada é criarmos uma confraria que, desde logo, proponho que se chame **Companheiros de Rá, Ísis e Osiris**. Como seremos o único grupo organizado, daremos as ordens. Quem se opuser, morre. Todos terão de temer a ira suprema.

— Mas como os outros saberão que pertencemos à confraria, falamos em nome dos seres supremos e devemos, assim, ser respeitados e temidos?

— Usaremos nomes e vestes especiais. Você, chacal, terá o codinome de Anúbis; você, boi, passa a se chamar Ápis; você, jararaca, será Atum; você, gata, fica batizada de Bastet; e você, crocodilo, será chamado de Sobek. Eu, como encarnação maior dos seres supremos, serei conhecido ora como Rá, às vezes como Hórus, em outras ocasiões como Amon, tudo para confundir mais ainda a ralé, que não poderá sequer me olhar diretamente. Com o mesmo objetivo, minhas vestes serão as mais suntuosas e cobertas de ouro. Aliás, esse metal passa a ser de uso exclusivo da confraria. Quem ousar desobedecer a esse primeiro mandamento, será fulminado. Também de nosso uso exclusivo serão os hieróglifos, que eu já inventei, mas guardava em segredo até agora. Só nós saberemos o que eles significam. Assim, a bicharada reles só saberá das coisas ouvindo nossas palavras.

— Perdoe-me a interrupção, divino Rá, mas gostaria de um esclarecimento. A confraria é fechada ou novos sócios poderão ser admitidos?

— Não, a confraria não é fechada. Novos sócios poderão vir a ser aceitos, mas só com prévia e expressa autorização minha. Também eu (e só eu) escolherei os nomes e vestes que passarão a usar.

O projeto foi um sucesso. A floresta se desenvolveu, foram construídos imensos palácios, enormes estátuas, pirâmides e templos, muitos e muitos templos.

A confraria também cresceu, na mesma proporção dos templos, mas nada mudou em relação ao monopólio do saber.

Quando os animais comuns tinham dúvidas, o único recurso para se esclarecerem era recorrer a um dos membros da confraria. Estes, abnegadamente, não deixavam uma consulta sem resposta.

Certo dia, um minúsculo hamster procurou um templo com uma dúvida nunca antes formulada: por que só os membros da confraria não trabalhavam, eram gordos e saudáveis, moravam em palácios ou nos suntuosos templos e viviam cobertos de ouro? O progresso fora muito bom para eles, mas, para o comum dos animais, a desorganização anterior não parecia pior do que as condições em que agora viviam.

Bondosamente, o consultado respondeu: "É a vontade de Amon e suas razões são inescrutáveis."

O hamster nada disse, porque não era burro nem temerário, mas pensou: "Como são inescrutáveis as razões de Amon? Está na cara que ele só gosta de quem monopoliza os hieróglifos". Juro que hei de inventar um meio de acabar com esse monopólio da informação e da comunicação. Com ele eu vou virar esta floresta de pernas para o ar."

Coitado do hamster. Pouco depois morreu, em uma das inúmeras pragas que periodicamente assolavam a terra e com ele morreram as esperanças de mudar a organização da floresta.

Em uma outra floresta, longe dali, mas não muito, os animais também se organizaram, mas de um modo um tanto diferente. A maior diferença foi em relação à confraria dominante. Era inteiramente aberta e nela qualquer um, desde que fosse bom de bico, poderia entrar. A maior semelhança era em relação aos templos e aos participantes da confraria que os controlavam. O mais famoso era o localizado em um recanto chamado Delfos. Os seres supremos tinham nomes diferentes — Zeus, Hades, Afrodite, Atena, Poseidon, etc. — e nenhum bicho tinha o direito de se arrogar representante direto de qualquer deles.

A segunda floresta também prosperou muito, sobretudo na área intelectual, mas quando um outro hamster começou a questionar o monopólio da informação e da comunicação, ele foi preso e condenado a beber cicuta.

Depois disso, por motivos que nunca ficaram bem esclarecidos, a segunda floresta entrou em decadência.

Foi a vez de se organizarem os descendentes de uma loba, moradora em uma terceira floresta.

Os lobinhos eram os bichos mais espertos que já haviam existido. Sua organização era fantástica e eles não tinham a menor cerimônia em se apropriar de tudo o que lhes parecia bom das florestas vizinhas. Com relação aos seres supremos, por exemplo, nem se deram ao trabalho de imaginar outros. Pegaram os que existiam na segunda floresta e simplesmente mudaram seus nomes. Zeus passou a ser Júpiter, Hades virou Plutão, Afrodite transformou-se em Vênus, Atena em Minerva e Poseidon em Netuno.

Da primeira floresta apropriaram-se do sistema de centralização absoluta do poder. Também, como no outro caso, mudaram o nome do principal representante do ser supremo e o Faraó passou a se chamar César.

Ocorre que também entre os bichos a história se repete e acabou surgindo, na figura de uma ave do paraíso, alguém para contestar a opressão que se espalhava por todas as florestas conhecidas.

A ave do paraíso não pregava violência. Ao contrário, sua mensagem era apenas de amor. Mesmo assim, os lobinhos se assustaram e pregaram a dissidência em uma cruz.

Nova repetição da história. A tentativa de sufocar idéias diferentes acabou tendo justamente o resultado inverso ao pretendido. O império dos lobinhos entrou em decadência e o mundo mergulhou em trevas.

Os únicos que permaneceram organizados foram os discípulos da ave do paraíso. Acabaram formando uma nova confraria, que pretendia atuar em todas as florestas do mundo conhecido.

Eram também muito espertos e, nutrindo-se dos ensinamentos do passado, logo monopolizaram o conhecimento, a informação e a comunicação.

As regras que vigiam ao tempo do desaparecido império da primeira floresta ressurgiram como que por milagre. Quando os animais comuns tinham dúvidas, o único recurso para se esclarecerem era recorrer a um dos membros da confraria. A diferença é que estes não mais intermediavam a infinidade de seres supremos que antes existira. Agora todos representavam um único ser supremo, cujas ordens estavam registradas em um calhamaço que só eles podiam ler.

No princípio, as coisas até que não foram ruins, porque os seguidores da ave do paraíso tinham bom coração e realmente procuravam ajudar aos animais menos favorecidos.

Aos poucos, porém, os anuns, aquelas aves negras, de má catadura, foram ingressando na confraria e acabaram dominando-a completamente. Nessa ocasião, as vestes dos confrades voltaram a ser o principal instrumento de indicação de sua categoria. Só que agora eram negras, "mais negras que a asa da graúna."

Os anuns eram de uma ferocidade brutal, embora se apresentando como seguidores da ave do paraíso, que havia sido a personificação da candura. Chegaram ao cúmulo de queimar seus desafetos em fogueiras no meio da floresta.

Esse tipo de trevas perdurou por vários séculos, mas um dia um simples pica-pau descobriu que podia, com seu potente bico, desenhar letras em pequenos blocos de madeira.

De início, ele nem imaginou a força do que ele estava criando, mas reuniu seus companheiros e, solenemente, anunciou:

— Acabo de inventar a Imprensa.

Alguém na platéia observou:

— Acho que os anuns não vão gostar nada disso.

— Pouco me importa. E, para provar, o primeiro livro que vou imprimir é justamente o calhamaço de onde os anuns tiram sua força.

— Alguém mais exclamou, em tom de advertência:

— Já estou sentindo cheiro de pica-pau assado na fogueira.

Para surpresa geral, entretanto, os anuns nem se importaram. Até riram.

— O que o pica-pau inventou é um simples brinquedo. Aquelas lambuzeiras que ele produz nem se comparam com nossos sublimes alfarrábios manuscritos. Nossa palavra é a única que continuará valendo.

Quando os anuns perceberam o poder que tinha a palavra escrita, reproduzida aos milhares, já era tarde. Seu monopólio do conhecimento, da informação e da comunicação chegara ao fim. Eles ainda tentaram impedir a impressão de livros e queimaram muitos deles, junto com seus autores e editores, mas tudo foi em vão.

Tempos depois, uma enorme águia de bico recurvo, pregou 95 teses nas portas de um templo da confraria dos anuns, que existia em uma clareira chamada Wittenburg, numa floresta negra.

A confraria dos anuns rachou ao meio e nunca mais voltou a ter o poder de que antes desfrutava, de modo absoluto.

As trevas que haviam coberto o conjunto das florestas começaram a se dissipar e cada vez um número maior de animais comuns começaram a ler e a pensar. Com isso, começaram também a ver que muitas coisas não eram justas e precisavam ser modificadas.

Na floresta franca foi onde as leituras produziram a maior tensão. Esta foi tão violenta que os animais comuns acabaram perdendo a cabeça (metaforicamente) e deceparam (literalmente) as cabeças dos integrantes da confraria dos pavões que ali era a dominante.

Foram muitos anos de turbulência, mas as mentes acabaram serenando e relativa paz voltou a reinar no conjunto das florestas. Longe se estava das desejadas liberdade e justiça para todos, mas muito já evoluíra a organização dos animais, desde aquela manhã primordial em que o falcão reunira seus amigos prediletos.

A paz era precária e muitas injustiças continuavam prevalecendo, mas a maioria dos animais parecia despreocupada, achando que o tempo resolveria todos os problemas.

Foi quando uma hiena megalomaniaca escreveu um livro — **Minha Luta** — conclamando todos os animais da floresta negra em que morava a se reunirem em uma novíssima confraria para dominarem todas as florestas.

O livro não fez o sucesso que a hiena esperava, mas conseguiu reunir em torno dela bastantes feras dispostas a segui-la incondicionalmente. As vestes que as distinguiam eram bem mais simples do que as das confrarias do passado. Eram apenas camisas pardas.

O grupo era bem grande, mas não o suficiente para dar execução aos planos mirabolantes que estavam em sua origem. Foi quando um bichinho nojento, chamado fuinha, ingressou na confraria e logo se fez amigo do *Führer*, título que a hiena se autoconcedera.

A pretensão inicial do fuinha foi ser designado responsável pela promoção do grupo, garantindo ter meios para faze-lo crescer vertiginosamente. Desanimado e incrédulo o *Führer* perguntou:

— Como você pretende fazer isso?

— Com o rádio, meu *Führer*, o primeiro meio de comunicação realmente de massa, que foi inventado há relativamente pouco tempo e que ninguém até agora usou para fins políticos.

— Você está delirando. O rádio é apenas um brinquedo. Aqueles guinchos que ele produz nem se comparam com nossos sublimes livros. A palavra escrita é a única que continuará valendo.

O fuinha, porém, sabia do que estava falando e fez do microfone a sua arma. Em poucos anos, a confraria da hiena era a organização mais forte que a bicharada havia conhecido e começou a invadir e dominar todas as florestas vizinhas.

A força era tanta que ninguém imaginava possível dete-la. Somente um bode, velho, mas de enorme sabedoria e coragem maior ainda e que morava em uma ilha próxima ao covil da hiena, resolveu enfrenta-la.

Mesmo os mais dedicados companheiros do bode estavam temerosos.

— É melhor negociar com a hiena, pelo menos salvaremos a pele.

— De jeito nenhum. Só os loucos ou os idiotas imaginam possível negociar com uma hiena hidrófoba. Além disso, nós temos a mais poderosa frota de golfinhos que existe e, como estamos em uma ilha, a hiena não terá como nos atingir. Vamos reunir nossas forças e mais tarde destruiremos aquela fera ensandecida.

— Você é que deve estar louco, bode. A hiena dispõe de número incalculável de tubarões que acabarão por afundar nossos golfinhos. Além disso, ela tem a seu serviço a maior frota de urubus (amestrados por um gordíssimo porco). Eles virão pelos ares e não teremos como nos defender.

— Nós temos colibris e eu confio neles.

No final, o bode estava certo. Os colibris enfrentaram valentemente os urubus e impediram que a floresta da ilha fosse tomada. Ficou famosa a frase do velho bode: "Nunca tantos deveram tanto a tão poucos."

Depois de muita luta, as feras foram derrotadas e a hiena matou-se.

A paz voltou a reinar e, para evitar novas loucuras, a bicharada fundou a **Organização das Florestas Unidas – UFA**.

Não muito tempo mais tarde, um lince, famoso pela acuidade de sua visão, procurou a coruja, que presidia a UFA:

— Precisamos fazer alguma coisa. As gralhas estão se apossando da televisão.

— Que mal você vê nisso, meu caro lince?

— As gralhas são irresponsáveis.

— Não se preocupe, a televisão é apenas um brinquedo, não tem como nos prejudicar...





## A METAMORFOSE – 2002

Seu nome oficial era Coleóptero Lampirídeo, mas poucos sabiam disso. Quase todos o chamavam de pirilampo e os mais íntimos de Piri.

O dia estava terminando e o pirilampo acordava para sua labuta noturna, quando percebeu que seu corpo sofrera horrível metamorfose.

Não tinha mais asas. Suas seis patas também haviam desaparecido e em seu lugar surgiram dois braços e duas pernas. Esses membros, porém, eram desprovidos das pequenas garras que o habilitavam a aderir a qualquer superfície. Em vez delas, o que possuía agora eram mãos, com cinco dedos e pés também com cinco dedos. Os dedos das mãos tinham bastante utilidade, já os dos pés se apresentavam absolutamente inúteis. A única coisa que conservara de sua constituição anterior era a cabeça, mas provida agora de olhos incrivelmente ineficientes, pois nada viam se não houvesse luz. Além disso, a cabeça era coberta de medonhos pelos.

O pirilampo ficou terrivelmente nauseado quando se olhou no espelho formado pela água parada em uma poça e viu que era agora um enorme ser humano.

Sua primeira preocupação foi em relação ao sexo. Seria macho? Seria fêmea? Não tinha como saber, pois nunca havia visto um daqueles monstros sem os horríveis panos que eles usavam sobre seus corpos.

Essa era, aliás, a sua maior preocupação. Como inseto, jamais se preocupara com a nudez, mas agora, instintivamente, sentia que não podia continuar desnudo. Seus novos semelhantes não tolerariam a excentricidade.

Por sorte, havia ali perto um varal com inúmeras roupas postas a secar ao vento. Era só escolher. E assim ele fez, saindo daquele quintal deserto com bela calça azul e uma camisa branca.

Resolvido o mais urgente problema, a questão do sexo voltou a ocupar sua mente. "Como vou saber se sou macho ou se sou fêmea?" "Como pirilampo eu não tinha dúvidas, pois só os machos ostentam a maravilhosa lanterninha verde que pulsava em minha barriga." "Como humano, sem lanterna para me iluminar, não sei." "O melhor é não tentar esconder minha ignorância e, humildemente, perguntar a quem possa me esclarecer." "Aquela pessoa sentada ali adiante, à beira do caminho, parece bastante idosa e, assim, deve possuir grande sabedoria." "Além disso, tem um ar bondoso e certamente não se rirá de minha pergunta." "Tentemos."

— Boa noite, camarada, permite-me fazer-lhe uma pergunta? Eu cheguei há pouco a esta terra e quase nada sei dos hábitos que aqui vigoram. A pergunta é bem simples: como posso saber se eu sou macho ou se sou fêmea?

— Santa ingenuidade! Você chama isso de pergunta simples?

— E não é? Onde eu antes estava, ninguém, absolutamente ninguém, tinha dúvidas sobre isso. Aqui também não é assim?

— Já foi, mas há muitos anos. No meu tempo, por exemplo, o normal era cada pessoa saber, desde o início de sua vida, se era macho ou se era fêmea. Hoje, a única certeza é a dúvida.

— Mas não há sinais que indicam, claramente, o gênero de cada ser?

— Os sinais existem, mas são todos operáveis. A ciência médico-cirúrgica avançou de tal modo que nada mais é garantia de nada.

— E a mente? Também é operável?

— Não, a esse ponto ainda não se chegou.

— Graças a Deus. Eu posso então seguir os meus instintos e proceder como homem?

— Poder, pode, mas não é muito aconselhável, pois você vai ser taxado de radical reacionário. Hoje só se valoriza o meio termo. Nada mais é certo ou errado, tudo depende das circunstâncias...

— E pode haver meio termo até em relação ao sexo?

— Justamente nesse campo é que a indefinição passou a ser padrão de excelência. Ninguém mais exhibe orgulho em ser macho ou em ser fêmea, pois é muito perigoso. Só os indefinidos alardeiam seu orgulho. Chegam a fazer passeatas para isso...

— Gostaria de agradecer seus tão valiosos conselhos, mas continuo sem saber se devo dizer obrigado ou obrigada.

— Diga *merci* ou, melhor ainda, diga *thank you*. *Merci*, a maioria já nem sabe o que é, *thank you* todo mundo entende.

— *Thank you*, então.

O ex-pirilampo seguiu cabisbaixo o seu caminho. Sentia-se confuso. Sua primeira reação à metamorfose fora de repulsa, pois achara horríveis suas novas feições. Depois, animou-se pensando que, afinal, ele passara a integrar a espécie mais evoluída de toda a criação, a única possuidora de inteligência e de livre arbítrio. Agora,

entretanto, à vista das primeiras informações sobre os humanos, estava em dúvida. "A metamorfose teria sido realmente um progresso?"

"Não devo, porém, desanimar", pensou. "Certamente existirão também coisas boas, que compensarão as negativas."

Como a noite já ia muito alta, sentiu sono e dormiu. Quando acordou, ao amanhecer, ficou maravilhado. Nunca havia sequer imaginado que o mundo pudesse ser tão belo, à luz daquele astro que refulgia no céu e que ele, como notívago, não chegara a conhecer.

Continuou a caminhar (agora alegremente) apenas desfrutando da beleza da paisagem. Após algum tempo, sentiu fome.

Guiado pelo instinto atávico que ainda remanesce no âmago de sua consciência, dirigiu-se à mata em busca de alimento.

O despertar para a nova realidade foi traumático. Atordoado, constatou que nenhuma das delícias gastronômicas de seu tempo de pirilampo tinha agora qualquer utilidade. O jeito era procurar comida humana e assim ele fez, dirigindo-se a uma bela edificação que estava de portas abertas e de onde vinha delicioso aroma de panelas fumegantes.

Imitando as pessoas que ali estavam, sentou-se a uma das mesas e ficou aguardando a comida ser trazida a seu prato, como estava acontecendo com os de todos os outros.

O garçom olhou aquela figura tão simplesmente trajada, com um ar tão pateticamente simplório e, sem a menor cerimônia, perguntou:

— Ô rapaz, você tem dinheiro que chegue para pagar a conta?

— Não, não tenho dinheiro, só tenho fome.

— Então, azar o seu, quem não tem dinheiro não come.

— E como eu arranjo dinheiro?

— Trabalhando, naturalmente.

— E onde eu encontro trabalho?

— Ah, isso eu não sei. Achar trabalho hoje em dia é a coisa mais difícil que existe.

Como a índole pacífica dos pirilampos ainda não fora de todo destruída pela nova condição, Piri levantou-se, conformadamente, e agradeceu os esclarecimentos que acabara de receber:

— *Thank you.*

Voltou a caminhar, mas não mais alegremente. Estava de novo perplexo. "Que mundo estranho este!"

Pouco adiante, parou ao se deparar com um grande número de pessoas aglomeradas em um ponto do caminho, olhando algo que ele não conseguia enxergar.

— O que é que vocês estão olhando tão interessadamente? Deve ser alguma coisa muito bonita. Por favor, deixem-me também apreciar.

— Tá maluco, cara? Não tem nada de bonito aí. É o corpo de um coitado que acaba de ser morto.

— Se não é bonito, por que fica tanta gente olhando e tanto tempo?

— Sei lá, talvez porque parece coisa de filme ou de televisão.

— Os filmes e a televisão mostram cadáveres?

— E como...

— E as pessoas gostam?

— E como... são os espetáculos que mais atraem o público.

— Mas isso não é racional!

— Nem um pouco.

— Mas os homens não são racionais?

— É o que dizem, mas acho que a maioria se esquece disso quando se trata de desgraças. Cada vez há mais gente vivendo de mostrar desgraças e cada vez mais gente pagando para vê-las.

— Estranho, muito estranho. Agora, me diga uma coisa. De que morreu o coitado que está servindo de espetáculo?

— Foi degolado por um assaltante.

— Um outro homem?

— Lógico! Um bandido sanguinário, desses que andam soltos por aí. Eles são verdadeiros animais...

— Perdão, você está insultando os animais. Eu os conheço muito bem e nenhum deles ataca os seus semelhantes. Só aqui estou vendo isso.

Cada vez mais desencantado com sua nova espécie, o antigo pirilampo voltou a caminhar. Pouco depois, viu um bando de crianças, bem pequenas ainda, com uma aparência miserável, amontoados em um canto escuro do caminho, cheirando umas latinhas.

"Quem são essas crianças?", perguntou a um passante.

— São pivetes. São menores abandonados. Eles são talvez o maior problema da atualidade.

— Mas quem os abandonou?

— Seus próprios pais.

— Então o maior problema não é o dos menores abandonados é o dos maiores abandonadores.

— Tem razão, os abandonadores são verdadeiros animais, sem o menor vestígio de consciência...

— Você também, insultando os animais? Repito o que disse há pouco: eu conheço intimamente os animais e nunca vi qualquer deles abandonar suas próprias crias. Só aqui estou vendo isso.

Já quase desesperado, Piri afastou-se, correndo. Só parou bem adiante, para admirar uma vitrine iluminada que atraiu sua atenção por só ter coisas bonitas.

Era a loja de um antiquário e a peça que mais o impressionou foi uma lamparina dourada, que parecia velhíssima.

O dono da loja aproximou-se e comentou:

— Gostou da Lâmpada de Aladim? É a peça mais antiga de meu estoque. Quando a comprei, disseram-me que era mágica e se fosse esfregada o gênio que está preso dentro dela seria liberado. Pura fantasia. Cansei de esfrega-la, até com Bom-Bril, e nada aconteceu.

— Posso examina-la?

— Certamente. Entre e examine-a à vontade, enquanto eu vou lá dentro buscar umas outras do mesmo tipo para que o senhor também as veja.

Piri segurou a lamparina, olhando-a detidamente e quando já se dispunha a pousa-la no balcão sentiu que ela vibrava estranhamente em suas mãos. Lembrou-se da história do gênio que estaria preso em seu interior e esfregou-a suavemente.

No mesmo instante, percebeu um clarão imenso e viu o gênio materializar-se à sua frente.

— Obrigado, meu amo e senhor, por me ter libertado dessa milenar prisão. Como o senhor deve saber, o meu poder é ilimitado e é direito seu a realização de três desejos, quaisquer que eles sejam.

— Só tenho um desejo: voltar a ser o que eu era antes da metamorfose.

— Só isso?

— Só isso. Nada mais.

O gênio atendeu-o prontamente, mas antes de desaparecer para sempre no espaço infinito, desabafou: "Egoísta! Poderia ter usado os outros pedidos para neutralizar a ação dos corrompidos que desgraçam a humanidade, mas só pensou nele próprio. Maldito seja."

Quando o comerciante voltou, não mais encontrou o freguês. A loja estava vazia. Só um pequeno inseto estava no chão, abrindo as asas para iniciar seu vôo. Rapidamente, o comerciante o esmagou com sua pesada bota, exclamando:

— Odeio esses bichinhos malditos...

## OTELO – 2001

Otelo e Desdêmona eram um casal jovem e feliz, apesar da ironia de seus nomes. Desde quando começaram a namorar eram alvo de infundáveis brincadeiras.

— Cuidado, Dedê, no fim esse cara vai matar você.

— Bobagem, meu Otelo é um amor, nem barata ele gosta de matar.

Eles se conheceram no vasto escritório da estatal onde ambos trabalhavam. O ambiente era o habitual nesse tipo de comunidade. Muita camaradagem superficial, poucas amizades verdadeiras. Várias pessoas corretas e decentes e outras tantas hipócritas, prontas a "esfaquear" pelas costas seu melhor "amigo", em troca de qualquer pequena vantagem pessoal. O resto era a massa ignara, moral e intelectualmente amorfa, pronta a seguir qualquer tendência que se fizesse moda.

Entretanto, o balanço entre os aspectos positivos e negativos do convívio dava grande vantagem ao primeiro. Bastava não alimentar ilusões. E assim faziam Otelo e Desdêmona, vivendo em paz com todo mundo.

O único problema é que Desdêmona era lindíssima, de corpo e alma. Um anjo. Otelo, ao contrário, era feio como um filhote de coruja, embora inteligente, culto e bem educado.

A princípio os dois mal se falavam, não porque Otelo não tentasse, mas por causa da muralha de admiradores que cercavam Dedê, a começar pelo chefe, que a chamava a sua sala com uma frequência que era literalmente escandalosa.

Desdêmona atendia, solícita, a todos os chamados, cumpria com religiosa exatidão cada ordem recebida e fingia nem perceber os olhares concupiscentes que o chefe dirigia a seu decote.

Aquela barreira foi quebrada por puro acaso. O carro de Otelo ficara na oficina e ele estava a pé, na porta do edifício, abrigado da forte chuva que pouco antes desabara. Dedê o viu, encostou o carro e gritou:

— Quer carona?

A primeira reação de Otelo foi olhar para trás, pois custava-lhe crer que ele pudesse ser o alvo do convite. Quando se convenceu, saiu correndo e como que se atirou dentro do carro.

— Você é um anjo.

— Pelo amor de Deus! Você também? Se disser que só faltam as asinhas eu te expulso do carro agora mesmo.



— Calma, calma, não é nada do que você está pensando. A metáfora é de um anjo que caiu do céu para salvar um pobre náufrago perdido na tempestade.

— Então está perdoado. Pode ficar. O que eu não suporto mais são essas paqueras vulgares.

Seguiram-se infundáveis minutos de silêncio. Dedê foi quem, afinal, quebrou o gelo e perguntou:

— Por que você nunca falou comigo?

— E podia? Era tanta gente à sua volta, que nem dava para chegar perto. Além disso, o que poderia eu dizer sem que você achasse que seria uma "paquera vulgar"?

— Algo que não se relacionasse ao meu corpo. Você sabia que as mulheres (salvo, naturalmente, as louras oxigenadas) também têm cérebro? E alma e sentimentos?

— Você é brasileira?

— Que pergunta idiota é essa?

— Nada, não. É porque em relação à "mulher brasileira" eu só ouço, leio e vejo referências a seus atributos físicos: bela, exuberante, sensual...

— ... e burra! Na certa você é leitor da revista **CARAS** ou, pior ainda, **BUNDAS**. Se for assim, pode saltar.

— Não, não é nada disso. "A beleza é essencial, como dizia um certo poeta", mas eu não sou poeta. Meu conceito de beleza é mais amplo. Você já reparou na minha cara? Se eu achasse que a beleza é tudo, já teria me suicidado.

Desdêmona não conseguiu disfarçar um sorriso.

— De fato, você não é nenhum Adonis, mas que importa isso. A maioria dos bonitões que eu conheço só seriam toleráveis se fossem mudos.

— Quem está sendo preconceituosa agora é você.

— Tem razão, desculpe, não se pode generalizar sem cometer injustiças. Mas vamos a coisas mais prosaicas, onde é que você mora?

— Na mesma rua em que você, dois edifícios antes.

— Não é possível! Como é que eu nunca te vi?

— Sei lá, na certa nem olhou...

Essa conversa foi só o início de um relacionamento que se tornou cada vez mais íntimo e culminou com um solene anúncio do Otelo, ao final do expediente de uma sexta-feira:

— Atenção, pessoal. Uma notícia importante. Aliás, importantíssima: Dedê e eu vamos nos casar. Vocês estão todos convidados para a festa, daqui a um mês.

Não se sabe quem foi, mas do fundo da sala ouviu-se uma voz dizer claramente:

— Cuidado, rapaz, tem muito Iago e muito Cássio por aí...

Era uma brincadeira de mau gosto, que deixou todo mundo constrangido. Desdêmona, porém, não se intimidou.

— O cretino que disse isso que tenha muito cuidado. Estamos no século XXI e as Desdêmonas de hoje só usam lenços de papel, muito úteis para entupir a goela de qualquer Iago que tente se fazer de besta. Intrigas venezianas não têm mais vez no nosso tempo.

Todos aplaudiram a reação de Dedê e o incidente nem foi mais lembrado.

Meses mais tarde, surgiu na televisão um desses programas sensacionalistas, que se dispõem a qualquer baixaria para obter audiência. O título era sugestivo: **Você conhece essa voz?** O esquema consistia na filmagem, ostensiva, dos participantes de eventos festivos, freqüentados por muita gente, famosa ou não. Podiam ser lançamentos de livros, inaugurações, *vernissages* ou até mesmo comemorações de aniversários. Ao mesmo tempo eram escondidos inúmeros microfones que gravavam conversas sem que os participantes percebessem. Depois as conversas eram levadas ao ar, junto com as imagens dos inúmeros participantes, seguindo-se a cada repetição do áudio a pergunta: "Você conhece essa voz?"

Foram quase unânimes as condenações à novidade: "Isso é uma indignidade!" "Isso é uma fofocagem nojenta." "Isso é uma vigarice, as conversas são forjadas, para criar suspense." "Isso é caso de polícia."

De nada, porém, adiantaram as reações. Embora nem prêmios existissem, a audiência aumentava vertiginosamente a cada semana. Os idealizadores do programa estavam eufóricos. "Conseguimos a fofoca quimicamente pura". "E sem custos, pois nem cachê pagamos..." Pouco lhes importava que a sordidez das insinuações pudesse causar malefícios. "Quem não deve não teme", era a cínica resposta que davam aos que os criticavam.

Um dia o cenário do programa foi a festa de inauguração das novas instalações da estatal onde Otelo e Desdêmona trabalhavam. Estava "todo mundo" lá e foram

brindados com closes expressivos, especialmente Desdêmona, cuja beleza continuava radiante. A frase gravada às escondidas dizia: "Oi, Dê, quando poderemos nos encontrar de novo?" "Não seja indiscreto, ele pode ouvir." "Não se preocupe, o O é manso..." Seguia-se o indefectível: "Você conhece essa voz?"

Na segunda-feira seguinte, quando Otelo e Desdêmona entraram no escritório, absolutamente tranqüilos, porque haviam viajado no fim de semana e não tinham assistido ao programa, fez-se um silêncio "ensurdecedor". Inocentemente, perguntaram:

— O que foi que houve, morreu alguém?

Nem um só dos colegas se atreveu a sequer mover-se, permanecendo com os olhos fixos nos papéis que estavam sobre as mesas ou nos monitores dos computadores. O único que teve coragem para evitar o prolongamento daquela situação insuportável foi o Sebastião, o velho contínuo que servia o cafezinho. Pousou a bandeja e falou bem alto, para que todos o ouvissem:

— Cambada de covardes.

Dirigiu-se depois para o casal, puxou-os para um canto e contou-lhes tudo.

O grito de Desdêmona soou como o urro de uma leoa que tivesse recebido uma flechada pelas costas:

— CANALHAS!

Nada mais conseguiu dizer, desabando pesadamente no chão, desmaiada. Otelo tomou-a nos braços e a levou dali.

Desdêmona só acordou muito tarde no dia seguinte, devido aos sedativos que o médico lhe receitara. A seu lado estava Otelo, que passara a noite em claro segurando suas mãos.

— Você sabe que é tudo mentira, não sabe, meu amor?

— Lógico que sei. Nós passamos todo tempo juntos e você não falou a sós com ninguém. É uma canalhice, como você bem disse. Amanhã eu resolvo isso.

Otelo foi direto para a estação de televisão e exigiu um desmentido, categórico, de modo absoluto, que deixasse tudo claro, sem a menor sombra de dúvida. O responsável pelo programa apenas sorriu e disse:

— Não há nada a desmentir, nós não dissemos nada. Há muitas Dê e muitos O no mundo. Você é que está imaginando coisas. E sem motivo algum, "quem não deve não teme".

Otelo não disse uma palavra. Deu um violento soco na cara do rapaz, fazendo-o cair desfalecido, com os dentes e o nariz esvaçados, virou-se calmamente e saiu da sala. Nem o segurança que estava ali de plantão esboçou qualquer tentativa de detê-lo. Otelo ficou com a impressão de que ele tinha um ligeiro sorriso de satisfação no rosto.

Quando chegou no escritório, nem olhou para os lados. Foi direto para sua mesa e ligou o monitor do computador. O que viu ali, porém, não foi o habitual logotipo da empresa. Tomando toda a tela, havia o desenho de um touro negro de chifres enormes, sentado, com o talo de uma rosa na boca e a legenda: "O manso..."

Desdêmona ainda estava na cama e se apavorou com as feições transtornadas do marido. Mais apavorada ainda ficou quando ele a agarrou pelo pescoço e começou a sufoca-la.

— Querido, não faça isso, você sabe que não é verdade.

— Desculpe, querida, só eu e você sabemos. No mundo cão de hoje, a verdade é só o que aparece na televisão.

Em seguida matou-se, com um tiro no peito.

Pela primeira vez na história do mundo, uma caveira, a de Shakespeare, verteu uma lágrima...



## DELENDIA CORRUPTIO

Benedito Isidoro Leme Lopes, o Bill, para os amigos, ficou exultante com a notícia que acabara de assistir no novo microchip de televisão que havia mandado implantar em seu nervo ótico.

O Tribunal Supremo da Eletrônica – TSE acabara de decidir, por unanimidade, que o voto eletrônico era inviolável. Como se tratava de matéria traficada em julgado, não existia mais possibilidade alguma de contestação. A afirmativa passava a ser um dogma *per omnia secula seculorum*. Qualquer tentativa de contestação seria, em consequência, uma óbvia injúria e seu autor seria exemplarmente punido.

Só permanecera uma dúvida em relação àquele crime abominável: qual seria a pena mais adequada? Os conservadores sugeriram, inspirados em lendas de eras passadas, que os infratores tivessem cortadas as mãos e a língua, para não mais poderem escrever ou dizer infâmias. Prevaleceu, entretanto, a versão mais humanitária: os culpados teriam implantados em seus cérebros aqueles chips especiais, de "últíssima" geração, que bloqueavam qualquer pensamento que não fosse de exaltação das maravilhas da tecnologia moderna e cuja eventual retirada causaria a morte instantânea do hospedeiro.

Aquilo era o que Bill aguardava, havia vários anos, para poder implementar seu plano de extinguir a corrupção na República Federativa das Brasas. Em sua visão, o problema da corrupção não era uma consequência da degradação moral das pessoas, era um problema das instituições, tornadas obsoletas com a evolução tecnológica.

O primeiro passo era ascender ao poder, mas com uma votação tão expressiva que não deixasse margem a dúvidas quanto ao total e absoluto apoio do povo que ele iria representar.

Até então, Bill não se havia dedicado à política e nem era membro de qualquer partido. Para iniciar sua carreira escolheu o Partido da Tecnologia – PT e, no mesmo instante em que assinou a ficha eletrônica de inscrição, declarou sua intenção de disputar a eleição interna para a escolha do candidato do partido às eleições presidenciais, que se realizariam alguns meses mais tarde.

Havia, naturalmente, miríades de outros pré-candidatos, inclusive o vetusto Lúdico Ladino, codinome Lula, mas isso não intimidava Bill. Ele tinha plena confiança em sua capacidade de captação de votos. E, realmente, no dia da eleição, lá estava o resultado no painel inviolável: Candidato Benedito Isidoro Leme Lopes – 100%. Abstencões: zero.

Uns poucos retrógrados pensaram que aquilo era estatisticamente impossível. Mas só pensaram, preservando prudentemente seus cérebros da inevitável implantação dos chips corretivos, já determinada pelo TSE.

Na eleição nacional a coisa seria muito mais difícil, pois já existiam naquela época mais de 500 partidos, cada um com seu candidato próprio e entre eles havia inúmeros outros eméritos captadores de votos eletrônicos.

A campanha eleitoral foi renhida, mas absolutamente equânime. Correram, naturalmente, rios de dinheiro, verdadeiros Amazonas, mas não se registrou uma reclamação sequer. Cada candidato teve todas as suas necessidades financeiras atendidas com os recursos do Fundo Pândego – FP, suprido com o produto da Contribuição dos Palhaços para a Melhoria das Finanças – CPMF.

Rigorosamente na hora aprazada, o computador central do TSE, produzido com a mais avançada conjugação da teoria quântica com a teoria do caos, divulgou os resultados fractais da disputa: Candidato Benedito Isidoro Leme Lopes - 100%. Abstenções – zero.

Uma das candidatas, embora com largo sorriso nos lábios, para evitar insinuações maldosas de que ela pudesse estar suspeitando de alguma falha na apuração, perguntou a uma colega, também derrotada:

— O que você me diz desse resultado?

— Eu? Eu não digo nada, disputa é disputa, ganha quem diz melhor...

O povo brasiano estava de alma lavada. Somente aqui se conseguira, afinal, a tão sonhada unanimidade, que nem Stalin, no longínquo século XX, conseguira alcançar. É verdade que ele só dispunha do primitivíssimo sistema de eliminar fisicamente os descontentes.

Entretanto, o que mais inflou o ego dos habitantes de Brasas foi a humilhação sofrida pelos países até então ditos desenvolvidos. Nenhum deles ousara a aplicação da maravilhosa tecnologia aqui implantada simultaneamente em todos os níveis de governo e em todo o território nacional. Eles ainda usavam métodos tão arcaicos que possibilitavam a apuração de eventuais fraudes e a apreciação desses casos pelo Poder Judiciário. Atraso inconcebível!!!

A primeira providência de Bill foi mandar fazer uma pesquisa (via Internet, naturalmente, pois que valor poderia ter uma opinião não eletrônica?) para saber qual das instituições nacionais o povo considerava a mais corrupta. Venceu a Superintendência de Desenvolvimento da Auto Medicação – SUDAM.

Bill não pestanejou, extinguiu a SUDAM numa penada. Alguns retrógrados observaram que a providência tinha o inconveniente de deixar impunes os corruptos, como já tantas vezes ocorrera no passado. Bill contestou aqueles eternos negativistas com a declaração de que, completado o seu plano, os corruptos morreriam à míngua, por falta de instituições corrompidas onde pudessem continuar a exercer suas nefandas atividades. O povo vibrou com aquela perspectiva.

A segunda pesquisa indicou o Instituto Nacional de Sistematização da Simulação – INSS, que foi também prontamente extinto.

Seguiram-se na mesma sistemática o Departamento Nacional de Estratégias Refinadas – DNER, o Banco Nacional de Descapitalização de Estruturas Supérfluas – BNDES e a Caixa de Extermínio da Fome – CEF (a então famosa "Caixa Preta").

Em todos os casos, as atribuições das instituições extintas foram transferidas para a Presidência da República, o santuário onde os corruptos não ousariam nem passar pela porta.

Completado o programa, Bill convocou uma rede planetária de televisão para nela anunciar ao mundo, orgulhosamente, que não mais existia corrupção abaixo do equador.

Antes, porém, para evitar qualquer eventual lapso na identificação de instituições corruptas, mandou fazer uma última pesquisa popular.

Ele já estava em frente das câmeras de televisão, com o largo sorriso de felicidade próprio dos vencedores, quando, na telinha do *teleprompter* apareceu o resultado daquela que deveria ser a pesquisa derradeira:

Instituição mais votada:

Presidência da República – 100%

Outras – zero.

Bill não morreu com o choque, mas passou o resto de seus dias em um hospício, repetindo sem parar uns versos que havia lido em velho livro, que comprara num sebo:

No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra.





## O TECNICISMO

Salomão Otoniel da Silva era um juiz incorruptível. Sob esse aspecto honrava a magistratura, mas seu excessivo apego ao formalismo comprometia muito sua atuação.

Naquele ponto ele era de uma rigidez quase fanática, prejudicando, afinal, a desejada eficiência da Justiça.

Muitos de seus colegas chegavam a critica-lo abertamente

— Ô, Salomão, você nem parece conhecer a velha expressão latina, tantas vezes repetida durante nossos estudos: *Summum jus, summa injuria*.

— Eu conheço muito bem essa expressão. Só que eu acho que ela foi cunhada por algum anarquista, que não respeitava o sublime aspecto da Lei (com letra bem maiúscula). O meu lema também é latino e muito mais antigo do que o seu: *Dura lex sed lex*.

— Ninguém discute isso. O que é perigoso é o excesso de formalismo, é a prevalência dos aspectos formais da lei, em prejuízo de seu espírito, de seu objetivo social.

— O que você chama de formalismo eu chamo de precisão. Para mim a lei tem de ser cumprida com todo o rigor possível. As conseqüências para as partes são irrelevantes quando comparadas com a necessidade de ser preservado o Estado de Direito. Se os juizes fraquejarem na aplicação pura e simples da lei e começarem a agir emocionalmente, o que acabará ruindo será o arcabouço jurídico da sociedade, do qual a própria civilização depende para continuar existindo.

— Você exagera! A Justiça é cega, mas os juizes são os seus guias e devem ter olhos de lince. Todos sabemos que não existe a sentença perfeita, pois a ciência jurídica não é uma ciência exata. O que nós juizes devemos buscar é a interpretação e a forma de aplicação que melhor atenda aos interesses da sociedade.

— Balelas! Isso é conversa de rábula que sempre associa o interesse social aos de seus clientes. Esse palavrorio não me afeta. Para mim a prioridade absoluta é a técnica jurídica. Para mim existem as sentenças perfeitas, são as que possuem adequado embasamento técnico-jurídico.

— Mas, Salomão, você não vê que o que você chama de técnica pode também ser denominado de tecnicismo e que este é o mais perfeito caldo de cultura da impunidade?

— Balelas, repito. A impunidade decorre exclusivamente da má formulação das leis. Os legisladores é que são os maiores responsáveis pela impunidade.

— Você está querendo o impossível! Leis absolutamente perfeitas não podem existir. Elas sempre terão fissuras de que os técnicos se aproveitam para tentar a impunidade de seus clientes. A nós juízes é que compete barrar aquele tipo de ação nefasta.

De nada, porém, adiantavam quaisquer ponderações. Salomão continuava, impávido, aplicando a rigidez de seus conceitos. Vários casos tornaram-se quase folclóricos.

O mais celebre talvez tenha sido o de um crime passional, praticado por um jovem oficial das forças armadas.

Em um ataque irracional de ciúmes, ele matou a jovem esposa, com requintes de crueldade, não respeitando nem sua já avançada gravidez.

O réu foi a júri, que, por unanimidade, o condenou. Em virtude da dimensão da pena, o oficial perdeu a patente e foi recolhido, como um cidadão comum, à penitenciária.

Lá cumpriu a pena, integralmente, pois era de temperamento agressivo e nunca se pode valer dos benefícios que a legislação concede aos presos de bom comportamento.

Quando se imaginava que aquele era um caso encerrado de modo absoluto, um advogado especialista em tecnicismos verificou pequeníssimo lapso na redação de uma das peças da sessão do Tribunal do Júri.

Imediatamente, solicitou a anulação do processo e a realização de novo julgamento. Por ironia do destino, a decisão ficou a cargo do juiz Salomão Otoniel da Silva.

Quando a notícia correu no Fórum, vários juízes, não formalistas, ficaram preocupados e foram procurar o colega.

— Veja lá, Salomão, o que você vai fazer. Esse advogado tem o apelido de Anjo Protetor do Bandido Endinheirado.

— Vou fazer o que a minha consciência mandar. O resto, vocês já estão fartos de saber, não me interessa.

— Mas não se esqueça de que, se por um formalismo ridículo, o processo for anulado, aquele criminoso sórdido volta à condição de réu, com a peculiaridade de não mais poder ser condenado em novo julgamento, pois o crime já estaria prescrito.

Dessa vez as convicções de Salomão ficaram abaladas. Ele passou vários meses lendo e relendo minuciosamente todo o processo, com um drama de consciência como jamais havia tido.

O condenado era, realmente, um ser desprezível. Nunca se arrependera de haver assassinado (injustamente, como ficara provado) a esposa e o filho de ambos, prestes a nascer e durante todo o tempo que passara na prisão, seu comportamento fora sempre reprovável. A anulação do processo representaria uma verdadeira sorte grande, pois ante a impossibilidade de nova condenação, ele seria reintegrado nas forças armadas, receberia de uma só vez todos os atrasados, com juros e correção monetária, seria reformado como oficial superior e ainda poderia processar a União, para receber uma indenização por ter cumprido pena sem culpa.

Por outro lado, a falha processual existia. Era insignificante, mas a lei não cogitava desse pormenor.

Salomão ficou angustiado, perdeu doze quilos, mas não conseguiu vencer seu fanatismo. Anulou o processo, justificando-se:

— Tecnicamente, eu não posso fazer outra coisa.

O público nem chegou a tomar conhecimento do fato. A decisão do juiz, tecnicamente, era de rotina: anulava o processo, mas mandava fazer novo julgamento.

No Fórum, entretanto, muitas foram as reações de inconformismo em admitir-se "aquilo" como uma decisão "tecnicamente correta".

Houve até quem suspeitasse da honestidade do juiz, ante o vulto das vantagens financeiras que a decisão propiciava.

As suspeitas eram injustas, mas feriram tanto a sensibilidade de Salomão que este entrou em depressão e teve de pedir licença para tratamento de saúde.

Resolveu então viajar para bem longe e, para tentar restabelecer seu equilíbrio emocional, o fez em um desses cruzeiros marítimos que passam longos períodos percorrendo lugares exóticos nos confins do mundo.

Os primeiros dias foram de absoluta tranqüilidade. Salomão não se integrou em nenhum dos grupos que habitualmente se formam nesse tipo de viagem. Preferiu isolar-se e passava os dias em longas caminhadas pelo convés ou se quedava, horas seguidas, naquelas confortáveis espreguiçadeiras, lendo um dos muitos livros que tivera o cuidado de levar em sua bagagem. Muitas vezes nem descia para jantar. Preferia ficar fitando as estrelas, tentando não pensar em nada que pudesse perturbar a paz de

sua consciência. Só se recolhia bem tarde, bem depois que cessava o longínquo som da orquestra que animava as danças na boate do navio.

Naquela noite o mar estava excepcionalmente tranqüilo, a brisa que soprava era deliciosa e as estrelas brilhavam com se tivessem acabado de ser polidas. Um ambiente de paz e tranqüilidade absolutas.

De repente, o que era um paraíso transformou-se em verdadeiro inferno. Três violentíssimas explosões ocorreram com intervalos de poucos segundos. Seguiu-se imenso incêndio, que levou horas para ser debelado.

Na manhã seguinte, o capitão reuniu o pouco que restava de sua tripulação, para uma avaliação da situação. As perspectivas não eram nada animadoras. As explosões e o incêndio haviam danificado o navio de modo irreversível. Era quase um milagre estarem ainda flutuando.

Mas estavam à deriva, sem propulsão, e não tinham como solicitar socorro, pois todos os equipamentos de comunicações haviam sido destruídos.

A única coisa a fazer era organizar, da melhor maneira possível, a espera de algum socorro externo, que certamente viria, embora não se pudesse saber quando.

O levantamento da situação humana, que havia sido feito logo após a extinção do incêndio, era desalentador. Era enorme o número de mortos e maior ainda o de feridos, muitos em estado grave.

Confirmando o ditado de que uma desgraça nunca vem só, o médico de bordo e a maioria de seus auxiliares estavam entre os mortos. Por sorte, havia entre os passageiros alguns médicos que, abnegadamente, vinham fazendo o possível para minorar o sofrimento dos feridos.

Ainda coberto de sangue, um dos médicos procurou o capitão e se identificou como médico da marinha. A preocupação dele era com o número excessivo de mortos, cujos corpos estavam se deteriorando muito rapidamente, em virtude do forte calor que então fazia.

— O que podemos fazer sobre isso, doutor? Nós não temos como embalsamar tanta gente.

— É verdade. E por isso mesmo é que vim procura-lo. O momento não permite sentimentalismos. Temos de lançar os corpos ao mar, sob pena de aumentarmos ainda mais o risco a que estão sujeitos os sobreviventes.

— Mas doutor, isso é monstruoso. São os meus passageiros, o que eu direi às famílias?

— Eu compreendo os seus escrúpulos, mas não existe outra alternativa. Nós estamos em guerra, em guerra contra a morte. Como militar eu posso assumir essa responsabilidade, se o senhor, como autoridade suprema a bordo, permitir.

— Eu permito e até agradeço. O senhor não pode imaginar o peso que o senhor retira de minha consciência.

— Para evitar qualquer dúvida, eu pessoalmente atestarei os óbitos e colocarei uma etiqueta indicadora em cada corpo. Depois, o senhor mande um de seus homens lançar os corpos ao mar.

O trabalho de identificação dos mortos foi lento e árduo e o médico já estava quase desfalecendo quando colocou a etiqueta na última vítima, que acabara de examinar.

Era o corpo do juiz Salomão, que fora atingido por um dos destroços do navio sem ter tido oportunidade sequer de levantar da cadeira onde estava contemplando as estrelas.

Quando o marinheiro puxou-o pelos pés e o colocou sobre a amurada do convés, o juiz Salomão, que, de fato, estivera apenas desacordado, recobrou a consciência. No mesmo instante percebeu o que se passava e tentou comunicar-se com o marinheiro. Mas tudo o que conseguiu fazer foi arregalar os olhos. Tentou falar, mas inutilmente.

O marinheiro olhou-o bem nos olhos e disse:

— Moço, o senhor tá meio esquisito e não parece muito morto, não, mas aqui na papeleta diz que está.

E jogou o corpo ao mar, acrescentando:

— Tecnicamente, eu não posso fazer outra coisa.

### **O CLONE**

Aleluia, aleluia, a Ciência vencera. A Suprema Corte acabara, afinal, de decidir, por unanimidade, que era legítima e não atentava contra a sagrada constituição

americana, a clonagem de seres humanos, mesmo com a utilização de células de pessoas há muito desaparecidas.

A decisão punha fim, agora definitivamente, já que fora unânime, à controvérsia que se arrastava desde quando aqueles experimentos haviam sido autorizados, nos albores do século XXI.

À exuberante alegria da comunidade científica, se contrapunha a estupefata tristeza de todas as pessoas que viam o ser humano como algo mais do que um reles amontoado de células, manipuláveis pelos detentores de uma tecnologia que já pouco tinha de humana.

Mas a esse grupo restava tão somente o "jus sperniandi". Todos os milhares (ou seriam milhões?) de processos em que se discutia a questão haviam sido sumariamente arquivados. Ou melhor, haviam sido deletados, pois há muito se fora a época de processos não virtuais.

O único consolo do grupo derrotado era o fato de o processo de clonagem humana continuar tendo um custo financeiro astronomicamente elevado. Tanto que, apesar dos anos decorridos desde a primeira autorização, eram pouquíssimos os casos em que a clonagem chegara a se concretizar.

A primeira experiência fora decepcionante e levava à falência o consórcio de empresas multinacionais que financiara o projeto.

Foram tremendamente acaloradas as discussões sobre quem deveria merecer a glória de retornar da eternidade, em carne e osso. As hipóteses eram tantas, que a escolha se tornava realmente muito difícil. O que deveria ser prioritário? O elemento social, o cultural, artístico ou científico, o político, o popular? Prevaleceu, afinal, o critério mais objetivo: o financeiro.

A escolha recaiu então em Elvis Presley, Novas músicas do "deus", por ele próprio autografadas, naturalmente renderiam tanto que possibilitaria, com folga, o custeio de novas clonagens de equivalente expressão econômica. Seria um círculo vicioso (ou melhor, virtuoso) de clonagem, riqueza, riqueza clonagem, numa seqüência que seria eterna, já que auto-sustentável.

O simples anúncio daquela decisão centuplicou o valor das ações do consórcio financiador, nas bolsas de todo o planeta. Nunca se vira uma euforia tão grande e tão generalizada como aquela. O investimento era de longo prazo, evidentemente, pois o clonado só começaria a produzir depois de crescido. Mas as perspectivas de sucesso eram tão grandes que os investidores consideraram irrelevante a questão de prazo.



A princípio as coisas correram até melhor do que o esperado, pois Elvis, **O PRÓPRIO**, como o clone ficou desde logo conhecido, demonstrou, imediatamente após seu nascimento, excepcionais tendências de precocidade. Se ele viesse a ser, como tudo indicava, um menino prodígio, talvez já começasse a compor (e conseqüentemente a gerar receita) na primeira infância.

Essas expectativas otimistas se confirmaram quando, no dia em que completava cinco anos, O PRÓPRIO pediu uma caneta e uma pauta em branco, pois estava sentindo sua primeira inspiração.

Trancou-se em um quarto, onde já haviam sido colocados exemplares de todos os tipos de guitarras possíveis e imagináveis, desde aquele modelo anacrônico com o qual o ídolo havia morrido, até os de "ultimíssima" geração, apelidados de "guitafúrias".

A decepção (e a inestancável derrocada do consórcio) surgiu no dia seguinte, quando Presley entregou a seus criadores o resultado de seu trabalho. Por um acidente inexplicável, havia ocorrido, ainda na fase laboratorial do processo de clonagem, uma infecção com um gene de origem desconhecida e o Elvis redivivo só sabia compor sinfonias e de muito mau gosto, por sinal...

A segunda experiência foi também frustrante. O novo consórcio financiador desistiu do campo artístico e concentrou-se no setor científico, cujos integrantes são, em geral, menos temperamentais.

A seleção do clonável, a exemplo do que ocorrera no caso precedente, não foi tranqüila. As discussões pareciam infundáveis. Houve um momento em que se chegou a consenso, em relação ao grego Arquimedes, mas a idéia foi logo abandonada, ante a evidência da impossibilidade de se localizar uma célula que fosse daquele gênio da antiguidade. O escolhido foi finalmente Thomas Alva Edson, um quase contemporâneo, mas de assombrosa criatividade. Se com um laboratório primitivo como o de que ele dispusera, criou as maravilhas que se sabe, imagine o que fará tendo à sua disposição os moderníssimos laboratórios da atualidade.

No caso de Edson, o prazo foi bem mais longo do que no de Presley, porque ele não demonstrou qualquer sinal de precocidade. Somente aos dezoito anos concluiu seus estudos básicos e se dispôs a entrar no laboratório que havia sido montado para seu uso exclusivo.

Entretanto, sua permanência ali não demorou senão alguns minutos e quando saiu foi peremptório:

— Podem tirar todo esse lixo daí. Eu odeio a eletrônica. Meu mundo é o da eletricidade e nele eu permanecerei até esgotar suas possibilidades.

Nem é preciso dizer o que aconteceu com o valor das ações do novo consórcio, nas bolsas de todo o mundo.

Esses dois fracassos afastaram, durante longos anos, os empresários e os especuladores, passando as experiências sobre a clonagem humana a se desenvolver apenas no meio universitário, mas muito lentamente, por falta de recursos suficientes.

A decisão da Corte Suprema dera novo alento a todos os interessados naquele assunto. Ela pusera fim à principal controvérsia sobre a questão, mas restava um aspecto que teria de ser ainda decidido: o clone "herdava" os direitos de seu antepassado ou deveria ser considerado como uma forma rediviva do próprio original? As conseqüências jurídicas e econômicas desse pormenor eram fundamentais e por isso a Corte Suprema preferira deixá-la para uma decisão em separado.

Depois de longos meses de angustiada espera, a Corte divulgou ao mundo sua decisão:

— considerando que não se tratava de um processo de reprodução, decidido pelo ser original;

— considerando que, ao contrário, o processo era um simples restabelecimento da organização celular daquele ser, feito à sua revelia;

a Corte Suprema decidiu (também por unanimidade) que o clonado não poderia ser considerado sucessor, conservando, portanto, todos os direitos civis que possuía quando ocorreu o que se chamava morte e que de hoje em diante se deveria denominar, mais apropriadamente, de simples desagregação celular, passível de ser revertida.

As implicações dessa decisão eram tão vastas e tão complexas, que toda a comunidade científica, com integral apoio da comunidade jurídica, entendeu por bem não completar qualquer dos processos de clonagem humana, que haviam ficado como que em *stand by* nos inúmeros laboratórios universitários. Isso, até que se concluíssem os estudos, sobretudo jurídicos, que o problema exigia.

Os não tecnicistas respiraram aliviados, pois sabiam que ditos estudos seriam de longuíssima duração, absorvendo provavelmente algumas gerações de seres humanos tradicionais, produzidos pelo multissecular sistema de acasalamento, *in corpore* ou *in vitro* de um espermatozóide com um óvulo.

Ninguém se lembrou, porém, de um caso em que o processo se completara e o clone estava agora completando vinte e um anos. O esquecimento devia-se ao fato de o

experimento ter sido desenvolvido em uma insignificante universidade existente em uma reserva indígena, por um grupo de paleontologistas mais insignificantes ainda, por serem descendentes dos índios Canarsee.

Foi, portanto, uma surpresa quando um cidadão, que declarou ter o nome de Pensawitts, escreveu à Prefeitura de New York, solicitando que a ilha de Manhattam fosse desocupada, por ser de sua propriedade e ele desejar restabelecer a paisagem que ali existia em 1626, quando fora abusivamente tomada pelos holandeses.

As reações iniciais de surpresa e riso se transformaram em estupefação quando ele esclareceu que era o clone do Grande Chefe Canarsee que negociara com os europeus e, ao mesmo tempo, invocou a recente decisão da Corte Suprema, que reconhecera todos os direitos que ele possuía quando ocorrera a desagregação celular de seu corpo, agora revertida.

Aos que observavam que tinha havido uma operação de compra e venda, perfeita e acabada, ele respondia que a só menção do preço — vinte e poucos dólares — fixado arbitrariamente pelos compradores e pago não em dinheiro, mas em bugigangas, evidenciava a má-fé dos compradores e, portanto, a nulidade da transação. Ela só prevalecera porque à época não existia Justiça nesta terra e ele, vendedor, não possuía os conhecimentos que agora adquirira.

Legalmente, ele era o mais antigo cidadão americano e não iria abrir mão dos direitos que a própria Corte Suprema acabara de reconhecer, em memorável decisão, irrecurável.

O mundo ficou perplexo e a manchete do New York Times foi, pela primeira vez na história, redigida em português:

### **"E AGORA, JOSÉ?"**

Realisticamente só existiam duas alternativas:

ou se esvaziava a Ilha de Manhattam;

ou se desmoralizava o sistema jurídico americano.

Qualquer das duas era catastrófica.

A solução foi surpreendente e altamente polêmica.

Para os integrantes de uma parte da humanidade que estava em acelerado processo de sufocação — os que ainda conservavam vestígios de consciência — ela foi monstruosamente imoral.

Para os adoradores da tecnologia, ela foi genial.

A famosa solução decorreu da conjugação do conhecimento tecnológico dos maiores laboratórios existentes, financiados generosamente pelos interessados no mais rápido possível deslinde daquela inquietante (e, portanto, desprezível) questão.

Os cientistas desenvolveram, com velocidade assombrosa, o projeto que fora denominado **FÓRMULA UM TURBINADA**, cujo objetivo era possibilitar a clonagem de seres humanos já na forma adulta.

Concluído o projeto, fizeram imediatamente um clone de Lee Oswald e este, sem pestanejar, fuzilou o malfadado Pensawitts, com um preciso tiro de longuíssima distância.

O New York Times festejou a retomada da tranqüilidade publicando sua segunda manchete em português:

**"TUDO COMO DANTES  
NO QUARTEL DE ABRANTES"**

## **A QUEIXA**

— Senhor delegado, eu gostaria de registrar uma queixa.

— Pois não, contra quem?

— Não sei os nomes, são muitos.

— O senhor foi assaltado por algum bando de malfeitores?

— Nada disso, eu não sou a vítima. A vítima é minha amada.

— Sua esposa?

— Não, não haveria possibilidade de casamento.

— Sua amante?

— De modo nenhum. Ela jamais se prestaria a isso.

— Meu amigo, o senhor não acha que está sendo muito confuso? Por favor, seja mais objetivo e, pelo menos, diga-me logo qual o crime que cometeram contra sua amada.

— Não foi um crime só, foram muitos.

— Ela morreu?

— Não, ela está inteiramente desfigurada, mas ainda resiste.

— Cada vez entendo menos. Conte-me como o fato aconteceu.

— É uma longa história.

— Conte-a assim mesmo. Sou todo ouvidos.

— Tudo começou há muitos anos...

— ... então a vítima é idosa?

— Bastante idosa, mas nem isso deteve a fúria de seus algozes.

— Apesar da idade, o senhor ainda a chama de "minha amada"? Isso não é muito comum!

— Meu amor é eterno e por isso, apesar dos anos decorridos, ainda me revolto com o que fizeram, e estão fazendo, com ela.

— Está bem, a intensidade de seu amor não é relevante. Prossiga.

— Quando eu a conheci, ela era deslumbrantemente bela, mas estava muito doente. Temia-se até por sua sobrevivência. Seus pais haviam morrido anos antes e as pessoas que a criaram não se preocuparam em cuidar dela. Ela ficou tão descuidada que chegava a ter mau cheiro. Muita gente chegava a evita-la, temendo ser contagiada pelas doenças de que ela padecia.

— Mas ela não protestava?

— Não. Ela era (e ainda é) de uma resignação surpreendente. Sofria tudo calada. Jamais se ouviu dela uma palavra de queixa.

— Parece coisa de oriental! Ela é estrangeira?

— Não, de modo nenhum, é brasileiríssima.

— E ela não tinha amigos?

— Tinha, e foram eles que a salvaram. Eu me orgulho muito de ser um deles. A primeira coisa que fizemos foi cuidar de sua saúde. Foi um trabalho árduo e prolongado. O médico que cuidou dela, um famoso cientista, foi de uma dedicação inexcelsável. Mas o esforço valeu a pena e ela se recuperou inteiramente. Foi nessa ocasião que eu me apaixonei por ela e não poupei esforços para dar-lhe tudo que sua beleza merecia. Com os presentes que então lhe dei, sua beleza passou a ser mais deslumbrante ainda. Eu chegava a ter ciúmes, quando via os olhares embevecidos de todos que a contemplavam.

— E ela retribuía o seu amor?

— Acho que sim, mas não demonstrava.

— Que ingratidão!

— Não, absolutamente não. Ela nem sabia o quanto eu a amava. O meu amor era platônico. Tudo o que eu queria era contempla-la. Nada pedia em troca por minhas atenções.

— Muito bem. Tudo isso é muito bonito, mas o senhor ainda não disse qual o crime que vitimou a sua amada.

— Eu já lhe disse que não foi um crime, foram muitos. Os advogados chamam isso de crime continuado e eu nem sei ao certo quando ele se iniciou.

— Por que, então, só agora o senhor vem dar queixa?

— Porque eu não estava aqui. Muito contra minha vontade, meus superiores me afastaram de minha amada e eu passei anos sem vê-la. Só soube do que havia ocorrido pelo relato de um admirador dela que foi agora removido, definitivamente, para onde eu habito.

— Habito ou habitava? Pelo visto, o seu exílio terminou.

— Não. Infelizmente, eu estou aqui só de passagem, logo, logo terei de retornar. Meus superiores me deram uma licença absolutamente excepcional, pelo tempo estritamente necessário à apresentação desta queixa. Eles ficaram condoídos de minha aflição ao saber o que estava acontecendo com minha amada.

— Apresse-se, então, para não perder a oportunidade. Além disso, eu não posso ficar indefinidamente à sua disposição.

— Os crimes são tantos que eu nem sei por onde começar.

— Não se preocupe com a cronologia, isso não é importante. O que interessa é a natureza do delito e a identificação dos responsáveis.

— O maior delito é o do cinismo. Todos declaram que a amam, mas só a exploram, sem dó nem piedade.

— Seja mais explícito. O senhor fala, fala, mas não diz nada de concreto. Assim será muito difícil podermos ajuda-lo.

— Eu não quero que me ajudem. A mim eles não têm como atingir. Eu quero é que **ela** seja socorrida, enquanto é tempo.

— O problema é de natureza física ou moral?

— Ambas. Do ponto de vista físico, as mutilações de que ela vem sendo vítima são a parte mais grave. Sob o aspecto moral, o mais sério é a falta de respeito até por sua dignidade.

— Pelo amor de Deus, cite casos concretos, eu não agüento mais essa sua indefinição.

— Está bem, está bem. Começo pelo desrespeito: há quem cuspa sobre ela.

— O senhor está exagerando. Não creio que exista quem possa fazer isso a troco de nada. Na certa ela fez por merecer...

— Exagero nenhum, fazem isso (e até coisas piores) por puro sadismo. Eu tenho provas, até fotográficas.

— Se são fotografias, nós poderemos identificar os autores dessas monstruosidades.

— Não se preocupe com isso, senhor delegado. Eu sei muito bem quem são os autores. O problema é que, como eu lhe disse, são muitos. Até filhos dela fazem aquilo.

— Filhos?!

— Sim, por mais incrível que possa parecer.

— Mas isso é uma cachorrada!

— Realmente, senhor delegado, em alguns casos, eles agem, literalmente, como cachorros...

— Traga as fotos e nós trancafiaremos esses canalhas na cadeia.



— Obrigado.

— Mas o senhor falou também em mutilações. O que foi isso?

— Antes das mutilações, eu gostaria de registrar as espoliações.

— ??

— Foi com relação às jóias que eu havia dado a ela, logo depois de sua recuperação. Eram verdadeiras obras de arte, de valor inestimável. Aos poucos elas foram desaparecendo, sendo substituídas por monstrenhos de vidro, cuja visão é, às vezes, nauseante. O pior é que os criminosos ainda obrigam a minha amada a usar aqueles adereços permanentemente.

— Isso é uma iniquidade! Também nesse caso o senhor tem provas e conhece a identidade dos facínoras?

— Sim senhor, são, quase sempre, irmãos daqueles outros.

— Também são, portanto, filhos dela?

— Infelizmente.

— E as mutilações?

— Disso eu nem gosto de falar. São tantas e tão abomináveis que me repugna enumera-las.

— Cite pelo menos uma, como exemplo.

— Poupe-me o sacrifício, senhor delegado.

— Lamentavelmente, não posso. Eu dependo de suas declarações para poder agir.

— Então, uma só, pelo amor de Deus.

— Certo, certo. Fale por metáforas, se isso lhe for menos penoso.

— Não, não, prefiro mencionar cruamente a mutilação que mais me doeu. Foi a perpetrada contra a fisionomia de minha amada. Ela era de uma doçura incomparável. Seu sorriso era como um colar de pérolas. Hoje, ela não mais sorri, apavorada com as ameaças de seus inimigos. As maçãs de seu rosto eram como suaves colinas verdejantes. Hoje, quase nada mais resta daquela beleza. Parece que lhe lançaram ácido sobre o rosto e tudo que se vê são cicatrizes.

— Basta, basta, meu senhor. Isso é demais até para um delegado de coração calejado como eu. Senhor escrivão, transcreva a fita do gravador, para que o queixoso possa assinar suas declarações.

— Sim senhor, em poucos minutos trarei tudo impresso, em um montão de vias, como exigem as normas burocráticas.

— Obrigado, senhor delegado, estou certo de que aqueles bandidos miseráveis não ficarão impunes e que, em breve, minha amada voltará a sorrir.

— Sem dúvida, pode confiar em nós. Só precisamos agora do seu nome e do de sua amada, que o senhor não nos disse.

— Perdoe-me a falha. Meu nome é Pereira Passos e minha amada chama-se Rio de Janeiro.



## O ALIENISTA, SÉCULO XXI

O Dr. Simão Escopeta, depois de formar-se nos Estados Unidos e ali obter, *cum magna lauda*, diploma de Qhd (um grau acima do antigo e então já pouco relevante Phd), retornou à sua cidade natal, a mui leal e heróica cidade de Dom Bosco do Lago de Abril. Esse nome soava um tanto estranho aos não familiarizados com ele, mas era perfeitamente lógico. A cidade havia sido fundada, à beira de formoso lago, num longínquo mês de abril. Aos trinta e quatro anos, o Dr. Simão Escopeta havia desdenhado as ofertas que recebera, de reger a Universidade de Harvard ou, em Washington, prestar aconselhamento especializado na Casa Branca.

A ciência, disse ele aos que o haviam convidado, é o meu único emprego; a Lago de Abril é o meu universo.

A especialidade do Dr. Simão Escopeta era a metapsiquiatria, uma disciplina um grau acima da velha e obsoleta psiquiatria.

Seu intento, como cientista, era estabelecer a definição, "quimicamente" pura, da insanidade mental. Isso, como preliminar para o objetivo maior: livrar a humanidade dos males que decorrem da ação dos mentalmente desequilibrados.

Para poder desenvolver os seus estudos, o Dr. Escopeta necessitava confinar os pacientes em local apropriado. Sua providência inicial foi, assim, a construção de imenso hospital, dotado dos mais modernos equipamentos médicos que existiam. Embora fosse inteiramente branco (para simbolizar a pureza das intenções de seu construtor) o edifício fora batizado de Casa Verde. Era uma singela homenagem do Dr. Escopeta a um seu antepassado, o Dr. Simão Bacamarte, que, alguns séculos antes, havia criado estabelecimento análogo (à época chamado de casa de orates) em Itaguaí.

Tudo fora custeado com a imensa fortuna que o Dr. Escopeta herdara de seu pai, também médico, que ficara famoso (e riquíssimo) com a descoberta da cura para a obesidade.

A história daquela descoberta merece ser contada, como um parêntese à do Dr. Escopeta, pois sem ela as experiências deste nem poderiam ter existido, por falta de recursos.

Na época do Dr. Escopeta, sênior, a obesidade se havia tornado uma verdadeira calamidade, pondo em risco a própria sobrevivência da espécie humana. Isso por que a doença afetara, quase que inteiramente, a parcela de cerca de um por cento da humanidade que detinha, aproximadamente, noventa e nove por cento das riquezas do planeta. As pessoas não integrantes daquele grupo já antes estavam ameaçadas de

extinção, mas pelo motivo oposto: falta de alimentação adequada. E para isso não havia remédio, nem quem se interessasse em descobri-lo.

A cura da obesidade fora um verdadeiro ovo de Colombo, fruto da arguta inteligência do Dr. Escopeta, sênior. Pela primeira vez, alguém estabeleceu, cientificamente, que era impossível fazer com que pessoas ricas comessem menos. Em conseqüência, a solução para o problema do excesso de gordura deveria ser buscada por outro caminho. Este acabou sendo o de evitar que os alimentos consumidos fossem digeridos.

A fórmula consistiu na implantação de um *by-pass* entre o estômago e o final do intestino reto, o qual ficou conhecido como **A Ponte da Salvação**. Na extremidade inicial daquele duto havia uma válvula, comandada por controle remoto, que só permitia o ingresso no trato intestinal de quantidades mínimas de alimento. O grosso, após saboreado e deglutido, era eliminado sem ser digerido.

Do ponto de vista econômico, era um desperdício monstruoso produzir toneladas de alimentos para simplesmente lança-las nos esgotos. Mas quem se importava com isso? Os obesos acorreram, aos milhões, às clínicas controladas pelo Dr. Escopeta, sênior, e os dólares deles correram, também aos milhões, para a conta bancária deste.

Fechado o parêntese, voltemos à história do Dr. Simão Escopeta e sua Casa Verde.

Para evitar os erros de diagnóstico cometidos na experiência do Dr. Bacamarte, o Dr. Escopeta não se propunha a decidir, sozinho, quem deveria ser internado. Ele apenas fazia indicações a uma comissão especial, cujas decisões seriam inapeláveis.

A primeira dificuldade foi a de estabelecer um critério justo para a composição de uma comissão de tão elevadas responsabilidades. Prevaleceu, afinal, o critério chamado de "politicamente correto". Em conseqüência, a Comissão foi integrada por: dois representantes da comunidade branca, dois da negra, dois da amarela, dois da indígena e dois da de peles vermelhas, sem risco, portanto, de preconceitos de natureza racial; dois representantes da comunidade católica, dois da protestante, dois da islamita, dois da budista, dois da hinduísta, dois da espírita, dois da de cultos africanos e dois da dos ateus, eliminado, assim, o risco de preconceitos de ordem religiosa; dois representantes da comunidade heterossexual e dois da não-hetero, impedido, desse modo, o preconceito relativo a preferências sexuais; em todos os casos, por motivos óbvios, um representante seria do sexo masculino e o outro do sexo feminino.

Quando se imaginava não poderia existir qualquer objeção quanto à equanimidade do critério, surgiu um protesto da comunidade de bissexuais, à qual não se tinha dado o direito de representação. O desejo de atender à justa reivindicação esbarrou em um obstáculo intransponível: a impossibilidade de atendimento da última condição referida no parágrafo anterior. Optou-se, então, por declarar ilegítima a condição de bissexual, em virtude de ser indissociável de sua natureza a indesculpável e desprezível existência ou de um hetero ou de um não-hetero enrustido.

Concluídas as etapas preliminares, o Dr. Escopeta iniciou suas investigações e levou à apreciação da Comissão o primeiro caso por ele identificado como de evidente insanidade mental. Era justamente o dos bissexuais. A indefinição em matéria tão relevante era, segundo o Dr. Escopeta, evidente indício de desequilíbrio mental e, assim, os portadores daquele desvio de conduta precisavam ser segregados do convívio social.

A Comissão, porém, não deu seu beneplácito à proposição. E sob um fundamento que não havia como ser contestado, por ser de natureza matemática: se os hetero e os não-hetero eram considerados sãos, a soma desses dois valores positivos jamais poderia gerar um resultado negativo.

O Dr. Escopeta ficou um pouco desapontado, mas não se deixou abater. Prosseguiu em seus estudos e, pouco tempo depois, apresentou à Comissão nova proposta de confinamento. Os indiciados compunham um grupo de parlamentares que havia sido incumbido de analisar a legitimidade da imensa fortuna que um colega ostentava, sem nenhum pudor. O acusado defendeu-se alegando que, com a ajuda de Deus, havia tirado a sorte grande na loteria, trezentas vezes consecutivas. Ao acreditarem naquilo, os integrantes do grupo demonstraram, insofismavelmente, não serem bons da cabeça.

Novamente, a Comissão frustrou as expectativas do Dr. Escopeta, não aceitando suas alegações. O relator do processo explicava em seu parecer (aprovado por unanimidade) que o fato só não seria crível se não tivesse havido a ajuda divina. Como esta tinha ocorrido, a ninguém seria lícito duvidar do poder do Todo Poderoso.

Em sua tentativa subsequente o Dr. Escopeta evitou a indicação de grupos de pessoas. Preferiu concentrar suas atenções em casos individuais. Em relação a estes seria, certamente, mais fácil a comprovação da insanidade, em termos aceitáveis pela Comissão. O primeiro que se apresentou naquelas condições foi o de um indivíduo que sofria de alucinações, julgando ser um cachorro. A constatação da gravidade da doença deu-se quando ele foi flagrado (e filmado) urinando em uma árvore, na via pública e em

plena luz do dia. Dessa vez, pensava o Dr. Escopeta, não haveria como a Comissão deixar de decidir pela internação do paciente.

Entretanto, para surpresa (e quase inconformismo) do Dr. Escopeta, a Comissão não concordou com o cientista também naquele caso. As conclusões do processo de análise da proposta de confinamento foram no sentido de que o réu era um porco, mas, de modo algum um demente. Ele sabia perfeitamente o que estava fazendo, jamais supondo ser um cachorro, como imaginara o seu acusador. A prova disso estava justamente no filme que documentara o flagrante: em nenhum momento o acusado levantara uma perna para urinar.

Mesmo os mais ardorosos admiradores da cultura e da pertinácia do Dr. Escopeta achavam que ele não mais encontraria ânimo para dar prosseguimento a seus trabalhos. Todos estavam enganados, pois o pesquisador continuou, impávido, a estudar todos os casos suspeitos que chegavam a seu conhecimento.

Depois de alguns meses de árduo labor, ele chegou a uma nova conclusão, apressando-se em submetê-la ao superior julgamento da Comissão. O caso era novamente o de um grupo, mas as evidências pareciam-lhe, dessa vez, incontestáveis. Tratava-se do júri de um salão de belas artes que atribuía o primeiro prêmio a uma tela inteiramente branca e o segundo prêmio a uma tela completamente preta. Quem poderia, em sã consciência, deixar de reconhecer que aquilo era uma rematada loucura?

Esse, entretanto, não foi o entendimento da Comissão. Ela não via naquele procedimento o menor vestígio de insanidade mental. Do ponto de vista artístico, o procedimento do júri lhe parecia perfeitamente normal. O que a Comissão via naquela premiação era apenas o ressurgimento do mais abjeto preconceito racial, merecedor de castigo exemplar e não de tratamento, mesmo metapsiquiátrico.

A decisão foi a pá de cal no projeto que o Dr. Escopeta iniciara com tanto entusiasmo e tantas esperanças. Ele se rendeu à evidência de que, no século XXI, não mais existiam loucos passíveis de serem tratados, pela simples razão de que não mais existia o que no passado se designara por senso comum.

Sua ciência era inútil, como também sua presença na sociedade. Em conseqüência, ele próprio se encerrou na imensa Casa Verde e ali morreu, dezessete meses depois, na mais absoluta solidão.

## O PACIFISTA

Toda sexta-feira, Mazinho se reunia com os colegas do escritório para jogar conversa fora no bar da esquina. Seu nome verdadeiro era Mahatma de Souza, mas poucos sabiam disso porque ele o achava ridículo e procurava escondê-lo o mais possível.

Alguém apelidara aquela reunião semanal de *Macaca Connection* porque o monte de bobagens que ali se dizia parecia imitação do *Manhattam Connection* que, na televisão fazia coisa parecida.

Mas nem tudo eram futilidades. Mazinho gostava de provocar os amigos com temas que o preocupavam intensamente. Suas tentativas, porém, eram inúteis. Ninguém levava muito a sério suas preocupações com a violência, a permissividade, a corrupção, a ética, a moral e outras baboseiras que ele insistia em abordar.

— Não chateia, Mazinho, aqui não é lugar para esses assuntos.

— Mas vocês não se preocupam com a corrupção, por exemplo?

— Não "enche". O seu mal é perder tempo com essas besteiras. Pense em coisas mais amenas. Quem pode se interessar por corrupção, "por exemplo" (como você diz), quando pode dedicar sua atenção às bundinhas maravilhosas que a televisão agora exhibe, com pormenores "nunca dantes navegados" (como diria o Camões se vivesse agora).

— Mas a corrupção...

— ... não "enche", repito. O que é que você tem a ver com o roubo? Aqui é assim mesmo e pronto. Aliás, houve um humorista (o Millôr, se não me engano) que já sintetizou isso muito bem quando disse: "No Brasil ninguém se importa com o roubo, só não quer ser roubado".

— Mas e a violência, o terrorismo...

— Isso é coisa de árabes e judeus, nós não temos nada com isso...

— Vocês são uns insensíveis. Só pensam em vocês mesmos, o sofrimento dos outros pouco lhes importa!

— É isso aí, Mazinho. Você descobriu a origem de tudo. O problema é musical: "Cada um só pensa em SI e ninguém tem DÓ". Agora nos deixa em paz, ou melhor, em vez de ficar se atormentando com as desgraças do mundo, vem cantar conosco, pois também é musical aquele velho ditado: "Quem canta, seus males espanta".



Mazinho aceitou o convite e naquela noite "encheu a cara" como há muito não fazia.

Passada a bebedeira, porém, ele se arrependeu de sua fraqueza e pensou que era de sua obrigação tentar "despertar a consciência daqueles irresponsáveis". Na semana seguinte voltou a provocar os amigos, mas estes continuavam refratários a quaisquer coisas que não fossem frivolidades.

— Escuta aqui, Mazinho, será que você não percebe que mesa de bar não é local apropriado para a discussão dessas tuas maluquices? Se você quer salvar o mundo, funda uma seita nova, vai ler a Bíblia no meio da rua ou, sei lá, escreve para os jornais, protestando...

— Jornais, jornais! Eles falam, falam, mas, no fundo, no fundo, também são musicais só pensam em SI. O único lema sagrado para eles é o "*News are bad news*", porque as más notícias é que "dão IBOPE". Pouco se importam com as conseqüências da desenfreada exploração de tudo o que não presta.

— Ô, Mazinho, você se preocupa tanto com a justiça e está cometendo enorme injustiça com essa generalização irresponsável. Nem todos os jornalistas são "chatôs".

A última observação calou fundo na consciência de Mazinho. Realmente, ele estava sendo injusto e aquele talvez fosse o caminho.

Na mesma noite redigiu sua primeira carta à Tribuna da Impertinência:

"Prezados senhores

Preocupado com a alarmante escalada da violência no mundo, venho fazer um apelo para que vocês moderem o sensacionalismo na divulgação das notícias a ela relacionadas, especialmente os atos de terrorismo.

Aquilo que a Imprensa divulga, e a forma como o faz, afeta muito a mente dos leitores e acaba influenciando nas ações deles.

Certo de poder contar com a colaboração desse prestigioso diário em tão justa causa, firmo-me com consideração e estima. Mahatma de Souza Rua...".

Postada a carta, Mazinho aguardou, ansioso, sua publicação e (quem sabe?) algum comentário do jornal.

No fim de uma semana, um pouco decepcionado com a ausência de publicação, mas ainda animado com as possibilidades de seu esforço, Mazinho remeteu novamente a carta, pensando: "Na certa o Correio extraviou". Para maior segurança, mandou o segundo exemplar por SEDEX.

Nova espera, nova decepção.

Na sexta-feira seguinte, os amigos notaram o acabrunhamento de Mazinho e um deles brincou:

— O que é que há com o nosso pacifista? Por que essa tristeza? Você seguiu nossos conselhos? Escreveu aos jornais?

— Escrevi, mas nada aconteceu. Nada vezes nada!

— Não desanime, Mazinho, essas coisas são assim mesmo. Os jornais recebem milhares de cartas e não podem publicar todas. Na certa não perceberam a importância da sua porque a maioria das cartas de leitores são baboseiras, meros palpites, que eles fingem levar a sério, publicando algumas, mas que no fundo desprezam solenemente. Não desista, insista que eles acabarão atentando para a grandeza de seus propósitos e lhe darão a merecida atenção.

Mazinho não sentiu o menor vestígio de ironia nas palavras do colega. Tomou o conselho ao pé da letra e insistiu, insistiu, insistiu.

Como o nada vezes nada permanecia imutável, Mazinho resolveu mudar o tom de sua correspondência. A nova carta era encimada por uma observação, em vermelho, em letras enormes, em negrito e sublinhadas: À ESPECIAL ATENÇÃO DO SENHOR EDITOR CHEFE. O texto era o seguinte:

"Estou decepcionado com vocês.

Já lhes escrevi inúmeras cartas sobre tema da maior relevância e vocês simplesmente as ignoraram.

Nem sequer foi feita uma publicação resumida (ou mesmo mutilada) na reles seção de cartas dos leitores.

O seu silêncio me dá o direito de concluir que seus propósitos não são honestos."

Mazinho leu e releu a carta inúmeras vezes e concluiu que termos tão veementes não poderiam deixar de surtir efeito.

Suas esperanças voltaram, mas permaneceram somente até à ocorrência de mais um daqueles atentados suicidas em que um árabe se imola, coberto de explosivos, em algum lugar lotado de judeus.

O jornal, como tão freqüentemente ocorre, explorou ao máximo a carnificina. Publicou as fotos mais chocantes que conseguiu e ainda o retrato do autor do atentado, com a legenda: "Sacrificou-se por sua fé".

Aquilo fez o sangue de Mazinho ferver de indignação. Encarou a reportagem como uma provocação pessoal a ele e resolveu revidar. Escreveu então uma carta aberta:

"CARTA ABERTA aos (i)responsáveis pela Tribuna da Impertinência.

A atitude de vocês em relação ao recente episódio de terrorismo no Oriente Médio é imperdoável.

O objetivo desta carta é fazer com que o público perceba a hipocrisia que se esconde por trás de reportagem como a que vocês publicaram.

Não é crível que vocês não percebam o mal que causam com atitudes como aquela. Quantos malucos seguirão o exemplo, só para terem seus nomes glorificados nos jornais? Quantos novos inocentes morrerão por isso?

Anátema sobre vocês!!!"

Essa carta ele não mandou pelo Correio. Foi pessoalmente a uma agência do jornal e pagou, em dinheiro, um anúncio de um quarto de página, especificando: página ímpar, no primeiro caderno, com o título em negrito.

Como de hábito, ninguém se preocupou com o teor de matéria paga e o texto foi publicado integralmente, com as especificações determinadas.

O dono do jornal só faltou morrer de ódio quando, cedo ainda, abriu o exemplar que recebera em sua casa. Ligou imediatamente para a redação e o editor chefe atendeu-o, lívido, pois bem imaginava a intensidade da fúria de seu patrão.

— Vocês ficaram loucos? Como é possível que uma coisa dessas aconteça no meu jornal?

— Calma, chefe, o mal está feito e o senhor bem sabe que é impossível "despublicar" seja lá o que for. Mas para tudo há remédio. Já estamos preparando uma edição extraordinária com um editorial, na primeira página, rebatendo as idiotices daquele energúmeno.

— Isso é muito pouco. Vocês têm o nome do autor da molecagem? Quero processa-lo por atentado à liberdade de Imprensa.

— O nome nós temos, mas creio que processa-lo não será uma boa idéia. O gaiato chama-se Mahatma e o advogado dele certamente alegará que só isso já justifica sua insanidade.

A reação de Mazinho ao ler o anúncio foi exatamente oposta à do dono do jornal. Vibrou de alegria. "Eles tiveram o castigo que merecem". "Fiquei falido com o custo do anúncio, mas valeu a pena".

A alegria de Mazinho durou apenas até a hora do almoço, quando viu estampada na banca da esquina a primeira página da edição extraordinária do jornal.

O editorial era em termos candentes. Começava aludindo ao fato de que a publicação do anúncio era uma demonstração cabal do respeito que o jornal dedicava às opiniões alheias, mesmo quando vazadas em termos insultuosos como o da Carta Aberta. Esclarecia que, em condições normais, nem caberia resposta ao ataque, tal o primarismo dos argumentos apresentados. O jornal só o fazia em respeito a seus leitores, em face da magnitude e da atualidade da questão tratada. Acrescentava que o tema da influência da Imprensa no comportamento do público já havia sido exaustivamente examinado, em inúmeras ocasiões, pelas maiores sumidades mundiais e a conclusão era, invariavelmente, no sentido de que não existe evidência científica de que eventuais (e raríssimas) repetições de atos tresloucados sejam conseqüência do escândalo que eles provocam e que a mídia divulga por dever de ofício. O documento terminava com uma bombástica declaração de que os responsáveis pelo jornal haviam pensado em processar o autor das injúrias, mas haviam desistido por terem chegado à conclusão de que ele não era merecedor de castigo, por ser evidente tratar-se de um irresponsável.

Foi a vez de Mazinho quase morrer de ódio. Pensou em responder em novo anúncio, mas lembrou-se, desalentado, de que não tinha mais dinheiro para isso.

Dias depois, o dono do jornal foi pessoalmente à redação para cumprimentar os autores do editorial, fazendo, antes, reunir no salão todos os empregados.

— Vocês estão de parabéns. Apesar de meus inúmeros anos de labuta neste nosso meio, não me recordo de ter visto uma peça tão bem elaborada na defesa dos sagrados direitos da profissão jornalística. O energúmeno voltou a escrever?

— Não. Deve ter morrido entupido com a dureza de nossa resposta...

A gargalhada que se seguiu a essa observação ainda não havia terminado quando a porta do elevador se abriu e dele saltou uma estranha figura, de chapéu, óculos escuros e trajando pesado sobretudo de lã, apesar do calor que fazia.

Antes que alguém pudesse fazer qualquer coisa, o insólito visitante já estava no meio do grupo e abrira o sobretudo. Apavorados, todos viram que ele tinha toda a cintura coberta por "bananas" de dinamite e trazia na mão direita um detonador elétrico a elas ligado por um fio.

Um segurança fez menção de sacar de sua arma, mas o chefe da redação paralisou-o com um gesto e se dirigiu ao invasor:

— Calma meu amigo, não faça uma loucura. Conversando a gente se entende. Nós compreendemos o seu problema e estamos aqui para ajuda-lo. Sente-se e diga-nos o que o senhor deseja.

— Apenas um favor: publiquem o meu retrato com a legenda "Sacrificou-se por sua fé".

Em seguida, acionou o detonador...

## RECIDIVA

Corria tranqüilo o ano de 2258 quando a triste notícia surgiu nas telas dos monitores espalhados em todas as esquinas do mundo: fracassara inteiramente, e fora abandonado de modo irreversível, o projeto **Nostalgia Musical** que vinha sendo desenvolvido por um consórcio formado pelos mais ilustres cientistas do planeta.

Desaparecia, assim, a última esperança de restabelecimento do sentido da audição que os seres humanos tinham perdido havia muitas décadas.

Os primeiros sinais do ensurdecimento coletivo foram notados no início do milênio. O fenômeno teve causas múltiplas. No campo político foi devido à constatação de que, por um motivo até hoje desconhecido, os eleitos eram sempre os candidatos que mais berravam. No setor empresarial foram os especialistas em *marketing* que descobriram que o público só comprava o que fosse anunciado aos berros.

Mas foi na área do entretenimento que a questão se tornou realmente patológica. Tudo começou quando os instrumentos musicais, que no princípio eram todos anuros, ganharam um rabo preto ligado a uma tomada elétrica.

No início as pessoas estranharam o som estridente que aquelas máquinas infernais produziam, mas aos poucos foram se acostumando, por bem ou à força, pois os instrumentos elétricos se disseminaram de tal forma que era impossível deixar de ouvi-los.

Seguindo a antiga máxima para as coisas inevitáveis, expressada na língua que então imperava absoluta nos meios musicais — *relax and enjoy it* — muitos ouvintes começaram até a dizer que estavam gostando.

Quando a mídia percebeu as potencialidades do sistema de "quanto mais decibéis, melhor", adotou-o e dinamizou-o de tal modo que gostar daquilo passou a ser, praticamente, obrigatório. Quem ousasse dizer que não gostava era escorraçado como um cão sarnento, indigno de conviver com pessoas normais.

A partir desse ponto, o padrão de medida da excelência de qualquer obra musical passou a ser o volume do som. E a coisa foi num crescendo de tal monta que ao final já nem se conseguia distinguir uma música de outra. Foi o paraíso para a indústria fonográfica, pois tudo o que precisava fazer a cada lançamento era mudar o título da peça e divulgá-la em uma campanha publicitária também estuporante.

Uns poucos alienados se refugiavam no passado e continuavam a ouvir apenas as obras compostas antes do advento dos instrumentos elétricos. Mas a resistência não durou muito e acabou desaparecendo inteiramente.

O delírio "decibélico" chegou ao auge quando da invenção da hiperturbina guitarra eletrônica. As obsoletas guitarras simplesmente elétricas já tinham sido recolhidas aos museus. O novo bólido sonoro foi chamado de Caramuru, em homenagem a um dos pioneiros do trovão humano no Brasil.

A potência de som era tão fantasticamente elevada que os assistentes dos *shows* nem precisavam aprender a dançar. As ondas sonoras os sacudiam, quisessem ou não.

Alguns médicos lançaram o alerta: os ouvidos humanos não vão resistir a essa fúria. Muito compreensivelmente, não foram ouvidos. Pelo contrário, foram acusados de serem retrógrados, inimigos do progresso, alarmistas inconseqüentes.

Só quando começaram a surgir os primeiros casos de bebês nascendo sem o aparelho auditivo o problema começou a ser considerado preocupante, mas aí já era tarde. A surdez, inata ou adquirida, aumentou vertiginosamente e por fim ninguém mais ouvia ninguém.

As conseqüências econômicas foram dramáticas. Faliram quase simultaneamente, causando o desemprego de milhões de pessoas, as empresas de rádio, as gravadoras, os fabricantes de instrumentos musicais (elétricos ou não) e todos aqueles cujas atividades tinham alguma relação com o som.

Os que mais sofreram, porém, foram os analfabetos que não tinham como usar a escrita, o único mecanismo que sobrou para a comunicação entre os humanos. Morriam à míngua, aos milhares, sem que houvesse quem sequer escutasse os seus gemidos.

Por ironia do destino, a mesma eletrônica, criadora da guitarra que quase destruíra a humanidade, acabou sendo a sua salvação.

Dificilmente poderia continuar havendo entendimento entre as pessoas sem os minimonitores e os miniteclados então desenvolvidos e produzidos aos milhões. Os minimonitores eram usados na testa e os miniteclados ficavam presos ao pulso. Não eram nada estéticos (e muito menos se prestavam a manifestações românticas), mas não havia quem pudesse deixar de usa-los. Para as comunicações coletivas foram desenvolvidos enormes telões, acionáveis por controle remoto.

Os que conservavam memória dos tempos em que havia audição sofriam horrivelmente e muitos acabaram morrendo da melancolia provocada pelo que se convencionou chamar a nova AIDS, a **Acquired Incurable Deafness Syndrome**.

A situação só começou a se normalizar quando desapareceram todos os portadores da nova AIDS. Os que já haviam nascido surdos não sofriam tanto, pois não tinham termos de comparação. Entretanto, mesmo estes, em decorrência, possivelmente, dos arcanos do inconsciente coletivo, sofriam de uma angustia difusa e sutil que ficou conhecida nos meios científicos como a nostalgia da música não ouvida.

A amplitude da difusão daquele sentimento, indefinido mas intenso, fora o que levava a comunidade científica internacional a tentar (inutilmente, como se viu) o restabelecimento do sentido da audição.

O trauma com o fracasso do projeto foi muito grande, mas os humanos não se deixaram abater e passaram a utilizar com toda a intensidade o que lhes restara como meio de comunicação.

Voltaram a ter popularidade os escritores e até os mímicos, atividade que ressurgiu graças aos esforços do Instituto de Arqueologia Marcel Marceau.

Também o cinema retornou às suas origens, voltando a ser editados, com enorme sucesso, os clássicos do cinema mudo. A figura histórica mais apreciada pelas novas gerações passou a ser o Carlitos.

Com o passar dos anos, a humanidade acabou se acostumando com a nova situação e passou até a apreciar a tranquilidade que decorreria do silêncio universal e absoluto.

Havia grupos, porém, que não se conformavam com o que eles denominavam de marasmo e ansiavam por restabelecer a vibração que sabiam ter existido quando o som imperava sobre a Terra.

Eram grupos estranhos que se vestiam com roupas exóticas, fabricadas com tecidos intensamente luminescentes, e se proclamavam adoradores da Luz.

Foi um integrante de um desses grupos que inventou o chamado **Alfabeto Estroboscópico de Alta Potência**. A idéia era usar a luz para despertar (sobretudo nos jovens) volúpia semelhante à que era produzida pelas cascatas de decibéis da era do som.

A mídia imediatamente vislumbrou naquilo o caminho de recuperação do poder de ascendência sobre as massas, que havia perdido, e encampou a idéia.



Rapidamente foram construídos painéis gigantescos que transmitiam vibrantes mensagens no novo alfabeto. Eram bilhões e bilhões de fótons por segundo despejados sobre as pessoas e exercendo sobre elas um fascínio como havia décadas não ocorria.

O clímax da nova modalidade de entretenimento ocorreu em um megaevento realizado, propositalmente, no mesmo local do primeiro *Woodstock Festival*. O requinte de revivescência das emoções de outras eras foi dado pela adaptação do controle remoto dos painéis em uma guitarra elétrica mais que centenária. O artista rebolava no palco, como se estivesse tocando o instrumento, e os painéis exibiam mensagens cada vez mais excitantes e mais brilhantes. Eram verdadeiras catadupas de fótons de todas as cores possíveis e imagináveis.

O público reagiu como era esperado. Acorreu aos milhares e se deliciou com a novidade. A cada apresentação agitava cadenciadamente os braços e pulava freneticamente. Um delírio coletivo como não se pensava que pudesse voltar a acontecer.

Os adoradores da Luz estavam exultantes. Acabara o marasmo! Pouco ou nada lhes importavam os malefícios que pudessem decorrer daquele tipo de excessos.

Alguns médicos, porém, lançaram o alerta: os olhos humanos não vão resistir a essa fúria. Muito compreensivelmente não foram lidos. Pelo contrário, foram acusados de serem retrógrados, inimigos do progresso, alarmistas inconseqüentes.

E o mundo mergulhou nas trevas...

## A PROFECIA

Ofélia terminou a leitura do livro e ficou parada pensando no que acabara de ler.

Era um livro intrigante, a começar pelo título: **O Poder Divinatório das Ciganas**. A dúvida seguinte era com relação à autoria. O nome, em letras vermelhas na capa, rezava: Cleo Zvonimir. Tanto podia ser mulher como homem e o texto nada esclarecia sobre isso. Parecia até ter havido propositada intenção de deixar a questão em aberto.

Nenhuma dúvida, porém, existia quanto à tese que o autor (ou a autora) apresentara (e documentara com inúmeras narrativas, reconhecidamente históricas): as profecias de uma verdadeira cigana sempre se cumprem. Absolutamente sempre!

No entanto, o conselho final do livro era desconcertante: "Se você encontrar uma verdadeira cigana, não lhe peça para prever o futuro. É mais tranquilo não saber o que o destino nos reserva."

Ofélia não concordava com aquilo. Seu primeiro filho estava para nascer e o maior desejo dela era poder saber o que lhe aconteceria na vida.

O livro lhe aguçara mais ainda aquela vontade, especialmente porque ela conhecia uma cigana indubitavelmente verdadeira. Era a avó de sua melhor amiga, a futura madrinha da criança que estava por nascer.

A história daquela senhora, já bem idosa mas que possuiu um porte majestático, era quase lendária. Ela havia sido adotada, ainda bebê, por um casal de diplomatas brasileiros. Eles estavam realizando uma excursão na Transilvânia quando, na pequena cidade de Alba Iulia, ocorreu um daqueles massacres de ciganos que tanto depõem contra os foros de civilização da velha Europa. A menina fora a única sobrevivente do grupo exterminado e as autoridades locais não fizeram qualquer objeção a que ela fosse levada pelos brasileiros.

Mais tarde eles tentaram obter informações sobre a família da criança, mas seus esforços foram quase inúteis. Os ciganos, embora habitassem na região havia séculos, não eram bem vistos. Poucos se dispunham a falar deles e os que o faziam misturavam tanto realidade e fantasia que era quase impossível formar juízo seguro sobre a veracidade das histórias ouvidas.

De tudo o que puderam apurar ficou apenas a vaga informação de que o grupo massacrado era de nobre estirpe e que a menina só fora salva porque era uma princesa, que contara com a dedicação extrema de serviçais que a idolatravam.

Verdade? Lenda? Nunca se saberia. A única coisa certa era ser a menina uma cigana autêntica e isso era o quanto bastava para os desígnios de Ofélia.

Nascido Vitor, Ofélia levou-o, antes até do batizado, à casa da futura madrinha e pediu à velha Ludmila que lhe dissesse como seria a vida dele.

A senhora relutou muito em atender ao pedido. Estranhamente, pois Ofélia sabia que ela se recusara a ler o livro de Cleo Zvonimir, repetiu, palavra por palavra o conselho ali apresentado: "Por favor, não insista, é mais tranqüilo não saber o que o destino nos reserva."

Mas Ofélia não se conformou e tanto insistiu que acabou sendo atendida. A cigana colocou as duas mãos sobre a cabeça do menino, fechou os olhos e ficou calada durante longos minutos, como em transe. Por fim, murmurou, de forma quase inaudível: "Vitor lutará muito, mas não morrerá sem antes ter enriquecido."

Ofélia ficou exultante. Seu filho alcançaria a riqueza com que ela, inutilmente, sempre sonhara. Também inúteis foram as tentativas que fez de obter detalhes sobre a profecia. A cigana se recusava e dizia, sistematicamente, que nada havia a ser acrescentado ao que já fora dito. Pouco tempo depois, a senhora faleceu e com ela desapareceram as esperanças de Ofélia de saber mais e mais sobre o destino de seu filho.

Mas a certeza de que ele seria rico era suficiente para fazê-la feliz. Todas as dificuldades que continuava enfrentando lhe pareciam agora mais leves. Bastava ter paciência e aguardar que a fortuna sorrisse para seu filho. "As profecias de uma verdadeira cigana sempre se cumprem. Absolutamente sempre."

Essa certeza ela transmitiu, de modo também absoluto a Vitor. Lembrou-se então que a escolha do nome fora também um vaticínio, ele seria um vitorioso. "Não morreria sem antes ter enriquecido".

A confiança que Vitor, desde cedo, adquiriu quanto ao seu destino teve um efeito curioso. O menino nada temia, fazendo coisas incrivelmente perigosas com a maior tranqüilidade.

— Não se preocupem, enquanto eu não ficar rico não poderei morrer.

Ofélia ficava quase desesperada com as atitudes do filho e alertava:

— A cigana só disse que você não morreria, mas você, se não se cuidar, pode ficar aleijado e, então, de que te adiantaria a riqueza?

Vitor apenas ria e parecia ter razão em sua despreocupação, pois nada de grave lhe acontecia.

Os anos foram passando e Ofélia começava a se preocupar. A parte da profecia que falava nas lutas que Vitor enfrentaria estava se cumprindo integralmente. Nada lhe era fácil, o pouco que vinha conseguindo era à custa de muito esforço. Nisso a cigana estava certa. Quanto à riqueza, porém, nenhum indício havia de que ela viesse a ocorrer. Ofélia estava envelhecendo e temia morrer sem ver realizado o destino glorioso de seu filho.

Vitor não se abalava. Sua certeza era absoluta, pouco lhe importando a demora. Ele tinha total confiança na velha Ludmila. Afinal, cigana mais autêntica não poderia existir.

A morte de Ofélia foi um baque, pois Vitor achava uma injustiça ela não ter tido o direito de também desfrutar da fortuna que lhe caberia algum dia. Mas ele não desanimou. Continuou lutando, lutando muito, e isso só aumentava sua convicção de que o dinheiro, quando viesse, também seria muito e compensaria todas as lutas.

Os filhos respeitavam a crença do pai, embora achassem que aquilo era uma fantasia sem sentido. Eles também lutavam muito e não vislumbravam o menor sinal de que o pai pudesse enriquecer.

Depois que se frustraram todas as tentativas que empreendera no campo empresarial, Vitor tentou o das invenções, chegando a patentear algumas descobertas que considerava muito promissoras. Nada, porém, prosperou. As lutas eram muitas, mas os resultado pífios.

Já maduro, a única esperança que lhe restava era a da sorte. A cigana falara em ficar rico, mas não dissera como. Quem sabe os esforços dele haviam sido realizados de modo equivocado? Quem sabe tudo deveria depender da sorte, pura e simples? Essa hipótese o levou a abandonar o desprezo que sentia pelo jogo e passar a apostar em todas as loterias disponíveis.

Os números eram sempre os mesmos e a primeira coisa que Vitor fazia ao abrir o jornal era conferir os resultados das diversas loterias em que jogara. Sempre em vão.

Os anos continuaram passando e Vitor foi envelhecendo sem que seu glorioso destino se realizasse. Ele, porém, não perdia a fé.

— A cigana não marcou prazo. Ainda estou vivo e tenho certeza de que ainda ficarei rico.

Agora Vitor não lutava mais. Estava aposentado e vivia, conformado, com o pouco que o Instituto lhe pagava.

O tédio da inatividade só não era absoluto porque lhe restava a esperança de ver os seus números estampados no jornal.

Os netos, já crescidos, não tinham a cerimônia de seus pais e abertamente declaravam sua incredulidade:

— Desiste disso, vovô, a cigana te enganou...

Vitor apenas sorria, desculpando a ignorância da infância. As crianças nada conheciam da vida, mas ele sabia e todos ainda viriam a se curvar ante o poder da profecia de uma cigana verdadeira.

Um dia, o coração de Vitor baqueou e ele ficou praticamente imobilizado. Seu corpo cedera ao peso dos anos, mas sua mente continuava alerta, aguardando ainda que a profecia se realizasse.

A neta mais nova era quem cuidava dele, fazia, religiosamente, as apostas nas loterias e conferia os resultados.

Naquela tarde, quando voltou para casa, comentou:

— Vovô, a Mega Sena está acumulada em quase vinte milhões de reais. Reza para a velha Ludmila e pede a ela para caprichar nas mandingas...

No dia seguinte a neta quase desmaiou ao abrir o jornal. Deu um pulo da cadeira, derramou o café que estava tomando e saiu berrando:

— Vovô, vovô, veja o resultado da Mega Sena. Um só ganhador e os números são os seus.

O velho Vitor sorriu placidamente e murmurou, de forma quase inaudível:

— Eu sabia!

Fechou os olhos e serenamente morreu, rico e feliz...

## O PAQUERADOR

O apelido dele era inusitado: O Paque. Sua origem era o fato de ele ser um paquerador compulsivo.

Não podia ver mulher alguma que lhe agradasse sem lançar-se à sua conquista. Isso embora fosse bem casado, pai de duas meninas lindas e, apesar de tudo, devotado à família.

Seu problema era uma forma peculiar de cinismo que o levava a encarar aquele comportamento como absolutamente natural.

Tinha especial orgulho do apelido e para quem lhe perguntava o significado respondia, sorrindo:

— Não é um apelido, é um adjetivo qualificativo.

A resposta para quem o criticava era também um primor de cinismo:

— Eu só sigo a minha natureza. O homem é um animal onívoro.

Como tinha muito boa aparência e ótima lábia, não lhe era difícil satisfazer aos seus desejos.

Quando os colegas o advertiam sobre o risco que corria com aquela promiscuidade quase sem limites, ele zombava:

— Não há perigo, eu fui consagrado a Eros e a AIDS não ousa afrontar um deus grego. Além do mais, eu não me considero promíscuo. Eu só tenho aventuras às sextas-feiras. Nos outros dias da semana eu sou angelicalmente família.

De fato, ele era metódico ao extremo. Suas aventuras eram, invariável e exclusivamente, às sextas-feiras.

Aquele era o dia em que os colegas se reuniam, após o trabalho, no bar da esquina, para o "chopinho amigo".

O Paque já entrava percorrendo com o olhar todo o salão, em busca de uma possível presa. Localizada a "vítima", começava o ritual de olhares e sorrisos. Depois, um pequeno aceno de cabeça e lá se ia ele sentar-se à mesa da moça solitária.

Nem voltava à mesa dos colegas. Despedia-se com um discreto adeus e seguia diretamente para o motel.

Aquele procedimento, quase invariável, lhe permitia não chegar muito tarde em casa e, assim, manter as aparências.

A mulher dele pertencia a uma espécie quase extinta: as ingênuas e crédulas. As insinuações das amigas — "Abre o olho, Dorinha, homem não presta. Teu marido na certa está te passando para trás" — eram inúteis.

— Vocês é que não prestam. Meu marido não é como os de vocês, não. Ele seria incapaz de uma baixeza dessas. Até o nome dele já diz tudo. Ele mesmo me explicou que Fidelis tem origem latina e significa fiel.

— Vai atrás disso, não, Dorinha. Nome não quer dizer nada. Tem muito bandido que se chama Ângelo e nada tem de anjo.

— Bobagem! Ele vem direto do trabalho para casa, todo santo dia, nunca faz serão até de madrugada, como os maridos de vocês. Só nas sextas-feiras é que ele chega mais tarde, mas um pouquinho de nada, porque ele vai tomar um chopinho com os amigos.

— Chopinho nada, Dorinha, ele toma é cerveja, também chamada "a lourinha".

— Vocês não prestam, mesmo. Só ficam vendo novelas e pensam que todo mundo é safado como os personagens. A vida não é novela de TV. Pelo Fidelinho eu ponho a mão no fogo.

— Chiii, já estou sentindo cheiro de carne assada...

Outra inusitada característica do Paque era não sair senão uma vez com cada mulher conquistada. Ele não tinha amantes, só "relacionamentos ocasionais, sem compromissos", como ele costumava dizer, com o sorriso típico de "rei dos machos".

Aquilo era o que mais revoltava os amigos:

— Ô, Paque, isso é safadeza demais de sua parte. Para a maioria das moças não há problema, elas também só querem se divertir, mas algumas se apaixonam por você. Dizem que o suicídio da Marieta foi por sua causa.

— E eu com isso? Eu não obrigo ninguém. Eu só peço, elas concordam de livre e espontânea vontade. Esse negócio de se apaixonar é conversa fiada. Se fosse assim, eu também poderia ter-me apaixonado...

— Cuidado, nunca diga "dessa água não beberei".

— Besteira, besteira, besteira. Isso é frase feita, de novela de televisão, e vocês ficam repetindo como uns bobalhões.

— Nada disso, Paque, nós somos seus amigos e ficamos preocupados com o que possa te acontecer.

— Obrigado pelo interesse, mas de mulheres eu entendo muito mais do que vocês que, no fundo, no fundo, têm é inveja do meu sucesso.

Na semana seguinte a essa conversa, quando o grupo chegou ao bar, a primeira coisa que chamou a atenção de todos foi a beleza estonteante de uma loura que estava sentada, sozinha, bem perto da porta de entrada.

O Paque ficou tão deslumbrado que nem acompanhou os amigos para a mesa de sempre. Partiu direto para a caçada, com o mais tentador de seus sorrisos.

— Eu tenho a impressão de que nós já nos conhecemos de algum lugar. Seu nome não é Marilyn Monroe?

A jovem abriu um sorriso radioso, mas respondeu apenas:

— Não, a Marilyn já morreu há muito tempo e não deixou herdeiras. E eu tenho certeza absoluta de que jamais nos vimos. Eu tenho memória de elefante.

— E que importa um nome? Agora já nos conhecemos. Posso sentar com você, ou você está esperando alguém?

— Não, não estou esperando ninguém, mas não acho prudente você sentar comigo.

— Prudente?

— É, eu posso me apaixonar pelo seu sorriso e minhas paixões são muito violentas. É melhor você ir sentar lá com os seus amigos.

— Mas...

— ...por favor, não me obrigue a ser grossa...

O tom da moça era tão imperativo que Fidelis não teve outra alternativa senão bater em retirada.

A "gozação" dos amigos foi impiedosa.

— Que foi que houve? Perdeu a classe?

— Nada disso, foi só uma retirada estratégica. Ela ficou assustada e até confessou que temia sucumbir a um amor à primeira vista.

— Que é isso, Paque? Você também usando frases feitas? Anda vendo, escondido, as novelas da TV?

— Não enche. Se vocês tivessem visto o sorriso dela não ficariam aí dizendo besteiras. Essa está no papo, é só questão de tempo.

— Conversa, você não vê que essa não é pro teu bico? Uma louraça dessas é pra nível de banqueiro, não é pra pés-rapados como nós.

— E vocês já viram algum banqueiro nesta baiúca?

— Sei lá, talvez algum banqueiro intelectual que se disfarce para conviver com a plebe ignara...

A conversa continuou mais um pouco, naquele mesmo tom, quando alguém chamou a atenção de novo para a loura.

— Olha lá, ela é que está paquerando aquele cara da mesa do canto!



— Qual, aquele cara de fuinha e bexiguento ainda por cima?

— Ele mesmo. Ela está dando em cima dele, descaradamente.

Fidelis ficou radiante.

— Eu não disse? Vocês acham que aquele magricela, com pinta de aidético, pode ser algum banqueiro disfarçado? A atitude dela só confirma o que eu disse, ela está com medo de se apaixonar por mim. Escolheu aquele molambo só para se fazer de gostosa. Mas na semana que vem vocês verão. Ou ela sai comigo ou eu não me chamo Paque.

— Calma lá, teu nome é Fidelis. Paque é um título que pode ser cassado a qualquer momento. E parece que o dia da cassação não está longe...

Fidelis se chateou, levantou e saiu, sem nem se despedir.

Na semana seguinte, a esperança de todos (menos de Fidelis, naturalmente) era de que a loura não aparecesse. Fidelis não falara em outra coisa durante a semana e os colegas temiam que ele acabasse ficando doente.

A esperança se desvaneceu logo que chegaram ao bar. Lá estava a loura, sozinha, no mesmo lugar de antes e mais bela do que nunca.

Dessa vez Fidelis foi mais prudente. Sentou-se com os amigos e apenas dirigiu discreto olhar para a moça. Ela parecia entediada e demorou muito a olhar para ele. Quando o viu, porém, abriu aquele sorriso maravilhoso que Fidelis interpretou como um convite. Deu um pulo da cadeira e literalmente voou para a outra mesa.

— Hoje posso sentar? Afinal já somos velhos conhecidos...

— A moça continuou sorrindo, mas respondeu secamente:

— Não.

— Por que não?

— Porque eu é que escolho meus parceiros. Não admito ser escolhida por ninguém... por mais simpático que ele seja.

Fidelis não insistiu e voltou para a mesa dos amigos. Estava perplexo e não sabia o que pensar. A recusa fora tão seca que parecia definitiva, mas a observação final deixava lugar a dúvidas. "Melhor dar tempo ao tempo", pensou. "Vamos ver o que acontece na próxima sexta-feira".

No fim da semana a cena se repetiu integralmente. Dessa vez Fidelis ficou desarvorado e saiu do bar sem nem olhar para trás.

Na segunda-feira os colegas ficaram realmente assustados com a aparência do amigo. Ele parecia um zumbi e acabou desmaiando sobre o teclado do computador.

Rapidamente, porém, voltou a si, mas tão abatido que não acharam prudente deixá-lo sair sozinho. Chamaram a mulher dizendo apenas que ele estava estressado.

Dorinha entrou no escritório como uma alucinada e foi direto para o chefe, esbravejando:

— O senhor está matando o meu marido de trabalho, o senhor é um assassino...

O chefe manteve a calma, esperou que ela também se acalmasse e acabou falando, num tom irônico que ninguém jamais imaginara que ele pudesse usar:

— Minha senhora, o trabalho aqui não mata ninguém, o problema do Paque talvez seja excesso de lazer.

— Paque?

— É, cada um aqui é conhecido pela sigla do setor em que trabalha e o Fidelis chefia o PAQUE. Mas isso não tem importância, o importante é que ele se recupere. Leve seu marido para umas férias, mas procure o lugar mais deserto possível. Em um mês ele estará novo em folha.

O conselho foi seguido à risca. As meninas foram mandadas para a casa da avó e o casal passou as férias em uma praia deserta, longe de tudo e de todos.

Fidelis voltou corado e alguns quilos mais gordo, mas nada que comprometesse sua silhueta atlética. A primeira pergunta que fez aos colegas foi:

— E a loura, continua indo ao bar?

— Ficou maluco, cara? Esquece a loura. Quer ter outro troço?

Fidelis, porém, não esqueceu. Pensara nela durante todo o período das férias e continuou pensando durante toda a semana.

Na sexta-feira, quando entrou no bar nem olhou para a mesa junto à porta. Seguiu com os amigos para a mesa deles, sentou-se calmamente e só então olhou para onde a moça costumava ficar.

Lá estava ela, mais deslumbrante do que nunca. Sorriu-lhe discretamente, mas ela retribuiu com aquele sorriso imenso que o enlouquecera desde o primeiro encontro. Não resistiu, levantou-se e dirigiu-se para a mesa junto à porta.

— Posso sentar-me?

— Poder, pode, mas eu não acho prudente.

— Por quê?

— Pelo mesmo motivo que eu lhe disse na primeira vez em que nos vimos.

— E se eu quiser correr o risco?

— Será uma tolice. Você é bem casado, tem uma esposa que o adora, duas filhas lindas e um ótimo emprego. Você não tem medo de perder tudo isso só para me ter em seus braços?

— Como você sabe tanto a meu respeito?

— Nas suas férias eu saí com um de seus amigos e ele me contou tudo, inclusive o chique que você teve por minha causa.

— Mas eu não preciso perder o que eu tenho, eu estou pensando em somar, não em subtrair.

— Aí é que você pode se dar mal, pois eu já lhe avisei que minhas paixões são avassaladoras.

— Mesmo assim, eu corro o risco.

— Então está bem, mas não esqueça que a escolha foi sua.

De longe, os amigos acompanhavam, pasmos, o desenrolar da conversa e ficaram como que siderados quando viram os dois se levantarem e se dirigirem, já abraçados, para a saída do bar.

Fidelis nem acenou, apenas voltou um pouco a cabeça e dirigiu aos amigos um sorriso de triunfo. Era a consagração do Paque.

— Vamos para um motel que eu conheço, aqui perto. Dá para ir a pé.

— Não, vamos para a minha casa.

— Você mora perto?

— Não, eu moro bem longe, mas eu tenho carro.

Quando chegaram ao estacionamento, Fidelis perguntou:

— Quer que eu dirija?

— Não, a partir de agora, quem comanda sou eu.

— OK. Você é minha deusa, "seja feita a vossa vontade".

Fidelis entrou no carro e ficou espantado quando o cinto de segurança deslocou-se sozinho e o prendeu ao banco.

— Moderno esse seu carango, hein!

A moça nem respondeu. Ligou o motor e saiu em tal velocidade que Fidelis se assustou.

— Você corre sempre assim?

— Não, só quando estou levando alguém para minha casa.

Fidelis estava com tanto medo que fechou os olhos e agarrou firmemente a alça que havia acima da janela. Sem abrir os olhos, pediu:

— Dá pra você ir um pouco mais devagar?

— Se você prefere atrasar nosso encontro, posso até parar. Ainda é tempo de você se arrepender, saltar e voltar para sua casa.

— Não, nada disso, eu quero ir com você até o fim.

— OK, seja feita a vossa vontade.

Em seguida a moça se calou. Só então Fidelis se deu conta de que nem sabia o nome dela e disse, rindo:

— Puxa, como eu pude ser tão grosseiro e nem perguntar como você se chama.

— Eu tenho muitos nomes e muitos apelidos, mas o de que eu mais gosto é o parecido como seu.

— E qual é ele?

— A PARCA...



**FAUSTO – 2002**

Fausto nunca havia se preocupado com o seu nome, inclusive porque nenhum amigo o chamava por ele. O que prevalecia, desde sua infância, era o apelido: Fafau.

Aquela indiferença desapareceu com a coincidência de ele ter lido, quase simultaneamente, a famosa obra de Goethe e um livro sobre a doutrina da reencarnação.

A partir de então, não pensava em outra coisa. Naquele dia, enquanto caminhava no calçadão de Ipanema com seu amigo Wagner, comentou:

— Sabe o que eu estive pensando? Eu talvez seja a reencarnação do Dr. Fausto, que morreu mais ou menos em 1540.

— Tá ficando maluco, Fafau?

— Não, eu falo sério. São impressionantes as coincidências, a começar pelo meu nome.

— Deixa de besteira, os Faustos de hoje são milhares, talvez milhões. Por que você seria diferente de todos os outros?

— Não é só o nome. Eu, como o Dr. Fausto medieval, sou um intelectual. Estudei filosofia, direito, medicina e até teologia, mas todo o meu saber não me satisfaz. Apesar de toda aquela sapiência, aqui estou eu o mesmo bobalhão que era antes. Pelo menos é assim que eu me sinto.

— E o que tem isso de novo? Sócrates, muito antes de teu pretendo antepassado, já dizia que "só sei que nada sei".

— A questão não é temporal, é de identidade de sentimentos. Eu sinto exatamente o mesmo que o meu "ancestral" sentia. Mas, a rigor, não se trata de ancestralidade, pois não me considero um descendente do Dr. Fausto (que, aliás, nem se sabe direito se chegou mesmo a ter filhos). O que eu creio é ser uma reencarnação de sua alma.

— Você se diz intelectual e me vem com essas baboseiras espiritualistas. Esse negócio de reencarnação não existe. Ouça a sabedoria popular. Quando a gente morre vai é para o beleléu. *Finis*, já era e pô tê, saudações.

— Não adianta argumentar com você. Você é um bruto materialista, sem o menor vestígio de sensibilidade metafísica. Eu, não, eu creio na transcendência da condição humana. Quero conhecer a Verdade. Aquela absoluta, com vê maiúsculo. Para isso chego a admitir a possibilidade de recorrer à magia, na esperança de que da boca dos espíritos me venha resposta para os mistérios da vida.

— Pirou de vez!

— Pode debochar que eu nem me importo. O certo, porém, é que eu preciso me libertar da sensação de inutilidade de minha vida que está se resumindo em ler e pensar, sem nada realizar de substancial.

— Você está é estressado, está precisando de umas férias.

— Não, não é estresse. Você não tem como alcançar a profundidade de minha angústia existencial. Dentro de meu peito tenho duas almas e ambas tentam dele sair. Uma, voluptuosa, busca a Terra e seus prazeres, a outra desdenha o mundo e tenta alçar vôo para as plagas onde nossos avós habitam.

Nessa altura, Fausto estava tão emocionado que exclamou, em prantos: "Ah, se entre o céu e a Terra existem entes dotados de poder, eu os invoco para que venham saciar os meus desejos. Não importa o quanto isso me custe, estou disposto até a sacrificar a minha alma."

— Calma, Fausto, não se exalte desse modo e, sobretudo, não provoque os espíritos malignos. Eu não acredito neles, mas, sei lá, acho melhor não invoca-los. Vamos combinar uma coisa, tira uns dias de férias e vamos passar a Páscoa na Bahia. Vamos ver "o que é que a baiana tem". Quando voltarmos, garanto que você vai rir desses seus desatinos.

Quando já iam se despedindo, Fausto reparou num pequeno cachorro preto que os vinha seguindo e agora estava ali parado olhando para ele com um ar de quem pede proteção.

— Wagner, olha a cara do pobre cachorrinho, vou leva-lo comigo.

— Não faça isso. O que você está chamando de cachorrinho é um maldito filhote de Pit Bull. Ele só lhe irá trazer desgraça.

Chegando em casa, Fausto improvisou uma cama par o animal e foi também deitar-se.

Mal tinha adormecido, percebeu estranha movimentação na sala. Ao abrir a porta do quarto, viu, apavorado, que o pequeno animal que trouxera da rua estava crescendo e se transformando em gente. Quando a transformação terminou, uma figura humana, mas com feições que lembravam um sátiro, estava de pé no meio da sala. Fausto logo o reconheceu como Mefistófeles.

— O que faz o senhor em minha casa? O que deseja?

— Eu?, nada, foi você quem me chamou. O que pretende de mim?

— Quero a satisfação de meus desejos. Quero o saber, o poder, a glória.

— E o que tens para oferecer em troca?

— Minha alma.

— Ah, meu amigo, como você é antiquado! Eu não compro mais as almas, agora não preciso disso, recebo-as de graça. em catadupas.

— Como conseguiu isso?

— Com minha invenção predileta, a televisão. O instrumento é neutro e eu até temia que ele pudesse ser usado contra mim. Entretanto, graças a Deus (se me permite a heresia) os humanos têm especial predileção para usa-la a meu serviço. Eu lucro com as almas dos que produzem programas sórdidos e moralmente deletérios e com as dos que por eles se deixam seduzir.

Fausto acordou sobressaltado, com a estrondosa gargalhada de Mefistófeles ainda ressoando em seus ouvidos.

Logo, porém, percebeu que o som que ouvia era o da campainha do telefone, tocando insistentemente. A chamada vinha de uma emissora de televisão, convidando-o a participar de um programa de debates. Combinou a data e hora do encontro e desligou tranqüilamente. Tudo voltara ao normal, exceto pela tristeza que sentiu quando verificou que havia desaparecido o cachorrinho que trouxera da rua na véspera.

No dia marcado, ao entrar no estúdio, Fausto viu na tela de um monitor que ali havia um rosto tão angelical e sedutor que imediatamente por ele se apaixonou.

— Quem é essa deusa?

— Em que planeta o senhor mora? Não conhece a mais famosa de nossas artistas?

— É que eu quase não vejo televisão.

— Então não sabe o que está perdendo. A "deusa" chama-se Margarida e é a protagonista da minissérie, **Presença de Lolitinha**, que está alcançando inimagináveis índices de audiência. O patrão chegou a ter um princípio de enfarte ao ver as planilhas dos lucros que a emissora dele está obtendo.

— Eu posso conhece-la?

— Tem de entrar na fila. O problema é que a fila, que começa aqui no estúdio, já está chegando a Campo Grande.

— E não se pode dar um jeito?

— Lógico, aqui é o paraíso do jeitinho, mas antes o senhor precisa se tornar rico e famoso. Só os dessa raça especial têm o direito de furar filas daquela espécie (e de qualquer outra).



Tornar-se rico e famoso foi questão de muito pouco tempo para Fausto. Já na tarde do dia seguinte ao programa em que ele estreara, a secretária de seu consultório telefonou:

— Dr. Fausto, socorro! Eu não sei mais o que fazer. Depois de sua aparição na TV eu não paro de atender a pedidos de consulta. Já passei o preço para mil dólares, mas nem isso adiantou.

— Passa para dois mil.

— Não sei se mesmo assim a procura diminuirá. O mulherio de dinheiro parece enlouquecido.

— E que mal há nisso? Você esqueceu que eu sou psiquiatra?

Aquilo foi só o início. Logo se seguiram os convites para novos programas e os conseqüentes contratos (milionários) de publicidade.

O poder e a glória Fausto tinha agora de sobra. Faltava-lhe, porém, o amor de Margarida, pelo qual ele ansiava cada vez mais desesperadamente.

Esse seu último desejo foi atendido naquela tarde em que, ao chegar ao consultório, já encontrou Margarida na sala de espera.

A secretária estava deslumbrada com a presença daquele ídolo. Apressou-se em esclarecer que havia passado para o dia seguinte todas as demais consultas "para que o senhor possa atender à moça com a atenção que ela merece".

O clímax daquele amor tão esperado ocorreu ali mesmo no consultório, sobre o macio carpete que forrava o chão.

À noite, Fausto foi se deitar em êxtase, saboreando a memória daquelas horas inesquecíveis. O seu sono, porém, não foi tranquilo. Acordou inúmeras vezes, ouvindo em todas elas a estrondosa gargalhada de Mefistófeles.

Dois meses mais tarde, o que o despertou da sesta que tirava, naquele domingo radioso, no iate ancorado na enseada de Angra dos Reis, foi a campainha (que lhe pareceu histórica) de seu telefone celular. Era Margarida:

— Fafau, uma desgraça! Estou grávida! É o fim de minha carreira de Lolitinha...

— Calma, não se desespere. À noite estarei aí e você verá como tudo se resolve.

Quando chegou ao apartamento de Margarida, Fausto nem precisou usar sua chave porque a porta estava apenas encostada. Entrou vagarosamente na escuridão do living e logo parou ao ver, no fundo da enorme sala, dois pontos luminosos brilhando

como brasas. Acendeu a luz e respirou aliviado. As "brasas" eram apenas os olhos de um cachorro preto que estava ali sentado. A única coisa que perturbou um pouco a recuperada serenidade de Fausto foi reparar que aquele cachorro era exatamente igual ao que desaparecera de sua casa, tempos atrás.

Fausto chamou por Margarida, mas quem inesperadamente apareceu foi Valentim, o irmão dela.

Parecia transtornado e trazia na mão enorme faca pontiaguda.

— Velho porco, você vai morrer por não respeitar nem uma criança...

— ... criança? Se você a visse na cama não diria isso. Que importa a idade?

O cinismo de Fausto enfureceu mais ainda Valentim que partiu, como um louco, para esfaqueá-lo. Mas o fez de modo tão desastrado que acabou caindo sobre a própria faca, morrendo quase instantaneamente.

Fausto sorriu, mas não chegou a saborear aquela vitória que o acaso lhe oferecera. O cachorro negro pareceu agigantar-se e pulou sobre ele abocanhando-lhe a garganta. Só a largou quando o sentiu hirtó e então desapareceu...



## O TRANSPLANTE

Cosme e Damião eram, literalmente, amigos de infância. Da primeira infância, pois "conheceram-se" na creche, cursaram os mesmos colégios até o segundo grau e somente nos cursos superiores separaram-se. Cosme seguiu Administração de Empresas e Damião formou-se em Letras.

As diferentes vocações, entretanto, não os distanciaram e permaneceram amigos mesmo depois de formados. "Amigos inseparáveis", como era inevitável dizerem, tal a força que as frases feitas têm entre nós.

Inevitáveis eram também as brincadeiras com os seus nomes, embora tenha havido, em relação a eles, simples coincidência. Suas famílias nem se conheciam quando eles nasceram.

Os amigos comuns admiravam-se muito da constância daquela amizade, em virtude de serem verdadeiramente antagônicos os seus temperamentos, ou melhor, o caráter de cada um.

Cosme era um materialista absoluto, ambicioso ao extremo, só valorizando a riqueza e o poder. Nascera em família de classe média alta, mas aquele status lhe parecia insuficiente. Queria mais, muito mais, pouco lhe importando os meios que fossem necessários para realizar os seus objetivos. A frase que mais gostava de repetir era: "Darwin tinha razão, só os mais fortes devem sobreviver."

Damião era o oposto. Nele predominavam a sensibilidade e a ternura. Amava a vida, mas no que ela tem de sublime e belo. Não era religioso, mas os princípios cristãos, de humildade e amor ao próximo, lhe eram como que inatos. Era bom por natureza. A frase de sua predileção, cujo autor até desconhecia, era: "Só as coisas simples são verdadeiramente belas e estimáveis."

O destino é, freqüentemente, cego e surdo em relação aos anseios humanos, mas, no caso de Cosme e Damião, parecia que tinha resolvido atender às aspirações deles.

Em poucos anos, Cosme se tornara riquíssimo, controlando, com mão de ferro, enorme rede de empresas de comunicação. Damião se dedicara ao magistério e, em conseqüência, os seus ganhos não lhe permitiam senão um padrão de vida bem simples.

Nem aquela diferença, porém, afetava a amizade dos dois. Com freqüência, Cosme dizia para o amigo:

— Damião, larga essa porcaria de ensino e vem trabalhar comigo. Em pouco tempo você também poderá ficar rico e ter então condições de desfrutar dos prazeres da vida.

— E quem te disse que eu quero ficar rico?

— Eu não consigo entender como alguém possa gostar de ser pobre!

— Eu não sou pobre, eu ganho o suficiente para viver decentemente, fazendo aquilo que me dá prazer.

— Eu não entendo, repito.

— Se você não entende, de forma natural, uma coisa tão simples, eu nem tentarei te explicar, porque seria inútil.

Cosme, entretanto, não desistia, pois realmente gostava do amigo e achava que ele só poderia ser feliz se fosse rico. Tanto insistiu que, um dia, Damião lhe disse:

— Olha aqui, Cosme, não adianta você insistir. Como eu já lhe disse, eu não quero ficar rico. Eu li em algum lugar, nem lembro onde, que ser rico é muito chato. Você fica sujeito a contrariedades imensas, do tipo: champanhe mal gelado, caviar azedo, mulheres em excesso, etc., etc.

— Você quer que eu seja franco? Não acredito em uma palavra do que você está dizendo. Deve haver alguma razão secreta para essa sua obstinação em ser um mero professor... e pobre!

— Já que você falou em franqueza, então lhe direi realmente o que eu penso. Eu sou seu amigo apesar dos teus defeitos, pois essa é a essência das amizades sinceras e desinteressadas, mas eu sou inteiramente contrário à forma como você fez fortuna. Para mim, suas empresas de comunicação de massa são deletérias, do ponto de vista moral. Elas, ao erigirem o dinheiro como o bem supremo da vida, embrutecem a população; ao vulgarizarem o sexo, erotizando até as criancinhas, degradam a própria condição humana; ao consagrarem a violência como forma ideal de entretenimento, favorecem o aumento dela, com todas as suas conseqüências maléficas; ao...

— Basta, Damião, você ficou maluco?

— Por quê? Dizer verdades agora é maluquice?

— Não, o problema não é esse. Você está cometendo uma tremenda injustiça. Nós, da mídia, não fazemos nada por dinheiro. Nós só queremos o bem do povo. Nós apenas servimos às pessoas aquilo que sabemos que elas desejam.

— Basta, Cosme! Você quer que eu seja franco? Não acredito em uma palavra do que você está dizendo.

Apesar da violência da discussão, os dois continuaram amigos e a se encontrar assiduamente. Dias depois, Cosme voltou ao assunto:

— Damião, você feriu muito os meus sentimentos ao imaginar que eu seja interesseiro. Eu sou apenas realista. Você é que é um sonhador, prendendo-se a essas baboseiras de ética, de *liberté, égalité fraternité*. Isso só existe na cabeça dos ingênuos. A realidade é muito outra, desde que o mundo é mundo. Eu não tenho culpa de nada, eu só mostro a vida como ela é. O fato de essa ação gerar lucros fabulosos é secundário. Eu também não sou culpado por isso, mas se alguém tem de ganhar, que sejamos nós, os mais aptos. Darwin tinha razão, eu sempre digo.

— Eu não sabia que você, em pleno século XXI, seguia tão estritamente a doutrina de Diógenes de Sínope, um grego que nasceu em quatrocentos e pouco antes de Cristo.

— Não deboche! Assim você me ofende.

— Nada disso, *no offense intended*. Está lá, no Aurélio, no verbete cinismo: "Doutrina... que se opunha radicalmente aos valores, aos usos e às regras sociais...".

— Não, não, mil vezes não. Você é que é um maniqueísta incorrigível. Não se trata de cinismo, é apenas realismo, repito. É (e sempre foi) assim, em todo o mundo, por que seria diferente aqui? Só o poder possibilita o aproveitamento integral de tudo o que a vida tem a nos oferecer. E só a riqueza gera o poder. Ou vice-versa, sei lá, e isso pouco me importa, pois eu já tenho os dois.

— Está bem, está bem, já vi que não há como conciliar nossas visões do mundo. Mas deixa pra lá, nossa amizade deve continuar pairando acima "dessas baboseiras", como você qualifica o que eu chamo de decência. Não vamos brigar por uma questão meramente semântica...

Depois daquele "debate", a relação entre os dois esfriou um pouco. Mas reavivou-se logo, da parte de Damião, quando soube que Cosme estava doente. Foi imediatamente procurar o amigo.

— O que é que houve, companheiro? Você é muito moço ainda para esses chiliques.

— Não brinca, Damião, a coisa é muito séria. Eu estou ficando cego.

— Cego?! Como pode ser isso?

— Eu também não sei. É uma doença rara, para a qual não existe tratamento. A perda da visão é lenta, mas inexorável. Dentro de aproximadamente um ano, estarei total e irremediavelmente cego.

— Não se desespere. Nada pode ser tão grave que um transplante de córnea não resolva.

— Não, infelizmente, o problema não é na córnea. É uma degeneração do próprio globo ocular. Os dois irão murchando, sem que o processo possa ser detido.

Aquilo deixou Damião desconsolado, pois, apesar das diferenças de caráter, ele estimava profundamente o amigo.

Meses mais tarde, Damião entrou correndo na casa de Cosme, numa excitação e numa alegria indescritíveis.

— Você viu?

— O quê?

— Mas que pergunta mais idiota a minha! Você não poderia deixar de ter visto, pois deu na tua própria emissora de televisão. Já há tratamento para a tua doença. As experiências em animais foram cem por cento positivas e é praticamente certo que o mesmo ocorrerá com os seres humanos.

— Não se entusiasme tanto, amigo. Não se trata de um remédio. As experiências foram de transplante de globo ocular.

— E daí? O sistema de coleta de órgãos de pessoas que morrem por acidente é agora muito eficiente. Logo, logo, você terá novos olhos. Você lembra daquele velho anúncio de colírio? "Duas gotas, dois minutos, dois olhos claros e bonitos." Com você será mais moderno: "Dois transplantes, dois minutos, dois olhos claros e bonitos."

— Infelizmente não é tão simples assim. Todas as experiências com animais "doadores" mortos fracassaram. Só prosperaram as feitas com "doadores" vivos.

Aquela dura realidade fez gelar o coração de Damião e ele ficou estático, sem dizer uma palavra, durante vários minutos. De repente, deu um tapa na testa e gritou:

— Está salva a Pátria! Eu dōo um de meus olhos para você.

— Ficou maluco, Damião? Eu não me mutilaria desse modo nem por um filho. É um contra-senso, ninguém pode ser desprendido a esse ponto.

— E quem falou em desprendimento. O fundamento de minha decisão é exclusivamente a vaidade. Você será outra pessoa (e muito melhor, modéstia à parte) quando enxergar o mundo com o meu olho. E, com o seu poder e suas empresas, o mundo só poderá melhorar com a sua nova visão das coisas. Eu serei um benfeitor da humanidade...

Imediatamente, Cosme telefonou para o cientista que fizera as experiências e relatou-lhe o ocorrido. Eles seriam os voluntários para a primeira experiência em seres humanos.

Cosme ficou um pouco decepcionado com a frieza do médico, que se recusara a concordar, de pronto, com a operação. Queria primeiro conversar com ele, para lhe expor alguns pormenores não revelados ao público.

— Isso não é problema, doutor. Hoje mesmo mandarei um de meus jatos particulares apanha-lo em sua clínica e já amanhã cedo poderemos conversar.

Assim foi feito e logo de manhã o pesquisador foi levado à presença de seu futuro paciente.

— Muito obrigado, doutor, por me atender com tanta presteza. Mas o que era tão grave que o senhor não poderia me relatar pelo telefone? Fale, sou todo ouvidos.

— Não enquanto houver outras pessoas presentes e enquanto o senhor não me der sua palavra de honra de que jamais revelará, a quem quer que seja, o que eu tenho a lhe dizer.

Cosme quase caiu da cadeira, de espanto, e pensou: "De que máquina do tempo terá saído essa figura? Palavra de honra!!!" Logo, porém, se recuperou e, com a maior seriedade, respondeu:

— Pois não, doutor, o senhor tem minha palavra de honra de que jamais revelarei o segredo. Se o senhor preferir, eu juro pelo o que o senhor determinar, assino uma declaração ou...

— ... não, não, sua palavra me basta. O problema é o seguinte: também fracassaram todas as experiências de transplante de um olho apenas. Somente tiveram sucesso, mas, aí, sem um caso sequer de malogro, os transplantes binoculares.

Foi a vez de Cosme ficar estático, calado durante um tempo que parecia infundável. Quando se recuperou, falou, pausadamente:

— O senhor estava inteiramente certo, doutor. Ninguém, absolutamente ninguém, pode saber disso... mas não creio que o fato, por mais dramático que ele seja, deve obstar o desenvolvimento da ciência. Para o bem da humanidade, naturalmente, pois esta é muito mais importante do que simples indivíduos.

— Seu amor à humanidade é comovente, doutor Cosme.

— Vejo, com muita satisfação, que o senhor percebeu a grandeza de meus sentimentos. Para o bem da humanidade, faremos o transplante dos dois olhos de meu amigo Damião. E para que ninguém possa imaginar que eu seja egoísta, doarei dez milhões de dólares para a continuidade de suas pesquisas.

— O senhor é muito generoso, mas... o que o seu amigo pensará de tanta generosidade?



— Estou seguro de que compreenderá, pois estou a ele destinando cinco milhões de dólares. Com essa fortuna, qualquer um pode ser feliz, mesmo sendo cego. Além do mais, ele talvez nem venha a saber de nada, pois pode falecer, na mesa de operação, de, digamos, um acidente de anestesia.

— O senhor é genial, Dr. Cosme, mas... se esse indesejado acidente acontecer, o senhor não acha justo que os cinco milhões de dólares sejam também destinados às minhas pesquisas científicas?

— Justíssimo, doutor, o senhor é mais genial do que eu, seu amor à ciência é mais comovente do que o meu.

— Obrigado.

— Agora, uma outra coisa: o senhor já ouviu falar em Diógenes de Sínope?

— Não, por quê?

— Nada, não, simples curiosidade...

Quando Damião acordou da anestesia, seus olhos ainda estavam vendados. O médico que realizara os transplantes estava ao seu lado e parecia eufórico:

— Parabéns, Dr. Cosme, a operação foi um sucesso. Saiu tudo, tudo, como planejado. O senhor pode ficar tranquilo, não haverá seqüelas, nem médicas nem jurídicas...

Damião não conseguiu perceber o sentido da última frase, nem entender porque o médico o estava chamando de Cosme.

Só quando as vendas foram retiradas, e Damião se olhou no espelho, tudo se esclareceu. Os olhos eram os seus, mas o corpo em que eles agora se encontravam era o do Cosme. Calmamente, ele perguntou:

— Doutor, o senhor já ouviu falar em transmutação de almas?

— Já. Existe até um conto famoso, de Balzac, **A pele de onagro**, cujo tema é, justamente, a transmutação de almas. Mas isso são devaneios de literatos. Como homem de ciência, eu não acredito que o fenômeno possa existir.

— Eu também não acreditava, mas mudei de opinião...

## AZAR

O velho dito espanhol — *Yo no creo em brujerías, pero que las hay las hay* — foi o que me veio à mente quando soube da história de Cortazar de Souza.

O estranho nome fora escolhido, antes ainda de ele nascer, como uma homenagem de seu pai ao grande escritor argentino Julio Cortázar. O primeiro indício de que o menino seria um autêntico azarado surgiu no registro de seu nascimento, quando, por falha do escrevente, foi omitido o acento.

A rigor, aliás, aquele fora o segundo indício. O primeiro ocorrera no próprio nascimento de Cortazar. Quando sua mãe entrou no carro, com destino à maternidade, desabou uma tempestade de violência jamais vista na cidade. O percurso foi uma verdadeira aventura, mas o jovem casal conseguiu chegar a salvo e a tempo. O pior, porém ainda estava por acontecer. Um raio atingiu o hospital, inutilizando suas instalações elétricas. Nem o gerador, previsto para emergências, escapou à fúria da Natureza. O menino nasceu à luz de velas e sua mãe por muito pouco escapou com vida. O parto foi o mais difícil da carreira do médico que a assistiu e que já havia ajudado mais de mil crianças a virem ao mundo.

Nada disso, porém, despertou a desconfiança de que algo incomum havia em relação ao garoto. Ele era fisicamente perfeito, lindo e nem chegou a chorar quando nasceu. Começou logo a respirar e quando levou a tradicional palmada de boas-vindas ao mundo, sorriu. Pelo menos foi isso que o pai, deslumbrado, contou aos familiares e amigos...

Nem mesmo o desmantelamento do berço em que ele foi colocado quando os pais voltaram do hospital (uma relíquia que estava na família havia várias gerações) causou qualquer preocupação. Era mais do que natural que aquela madeira velhíssima estivesse roída pelos cupins.

As primeiras dúvidas começaram a surgir no primeiro aniversário. A vela do bolo era daquelas que voltam a acender depois de apagadas e caiu sobre a toalha da mesa, devido a um piparote que o aniversariante lhe deu, quando foi inclinado para que a soprasse. O fogo logo se alastrou, acabando com a festa. Ninguém se feriu, mas nada sobrou do velho casarão que acabara de ser reformado e decorado.

Seguiram-se inúmeras "coincidências" desastrosas, tendo sempre como pivô o adorado pimpolho dos Souza. Estes, porém, embora cada vez mais preocupados, recusavam-se a admitir que seu filho fosse a causa das quase tragédias. "Ele é vítima e não responsável por essas ironias do destino", não se cansavam de repetir.

Tantas foram, porém, as "ironias", que se tornou impossível deixar de reconhecer que algo de inusitado havia com o já crescido rapazinho. A solução foi procurar cerca-lo de cuidados excepcionais, tentando evitar situações de "risco".

Tudo inútil. Nada havia que pudesse "cortar" o azar do coitado. O único consolo era o fato de que todos os "acidentes" (que continuavam a suceder com uma constância impressionante) eram "benignos". Ninguém havia morrido ou se aleijado em consequência das desventuras de Cortazar.

Ele sofria, mas não se deixava abater. Seguiu sua vida, imperturbável como um verdadeiro estóico da Grécia antiga. As desventuras não o impediam de acabar conseguindo o que desejava. Mais impressionante do que o seu azar era sua tenacidade.

Uma verdadeira prova de fogo foi quando, aos dezoito anos, resolveu aprender a pilotar. Seus pais ficaram apavorados e tentaram dissuadi-lo. Aquilo lhes parecia uma provocação ao destino. A decisão era, para eles, quase suicida. De nada, porém, valeram os seus rogos. Ele se matriculou no curso e o levou até o fim, superando todos os problemas que sua indefectível falta de sorte ocasionava.

Houve um dia em que seu instrutor lhe perguntou, com a maior seriedade, se ele era parente do Comandante Edward Murphy, o criador da famosa Lei de Murphy ("Se qualquer coisa pode dar errado, dará").

Na cerimônia de entrega dos brevês, o diretor do curso abraçou longamente Cortazar e lhe sussurrou ao ouvido: "Parabéns, você venceu, mas, pelo amor de Deus, jamais pilote um avião de passageiros." O conselho calou fundo na consciência do brevetado, mas ele não se conformava em renunciar ao seu sonho. Só se decidiu quando leu em um velho livro sobre a marinha inglesa que, no passado, uma das qualidades exigida do oficial que pretendesse comandar um navio da *Royal Navy* era: SORTE. Quando alguém reclamava do preconceito, alegando que ninguém tem culpa de não ter sorte, a impassível resposta do almirantado britânico era: "Os navios e tripulações de Sua Majestade também não tem nenhuma culpa no caso." Depois disso, a decisão de Cortazar foi absoluta: nunca, em nenhuma hipótese, sequer viajaria de avião.

Anos mais tarde, encontrou-se com antigo colega do curso de aviação, que havia seguido a carreira, mudara-se para o Canadá e era então piloto de uma das maiores companhias produtoras de aviões do mundo.

Ele estava no Brasil, a serviço de sua empresa, demonstrando a mais moderna aeronave de passageiros que existia. Iria retornar conduzindo apenas convidados especiais e queria que o antigo colega o acompanhasse. Era uma oportunidade excelente para conhecer a América, mas Cortazar não aceitou o convite.

Como o amigo insistisse, acabou contando o que se passara na ocasião da entrega dos brevês e da decisão que depois tomara. Acrescentou que sua falta de sorte continuava a mesma daquela época e não lhe parecia razoável colocar em risco a vida dos passageiros.

O piloto riu e disse que, se o motivo era só esse, ele podia ficar tranquilo. A tecnologia aeronáutica evoluíra tanto que ele estava em condições de garantir que a segurança de seu aparelho era praticamente absoluta, "à prova de qualquer azar, por maior que ele seja". Os fabricantes haviam conseguido transferir para os aviões comerciais dispositivos de segurança antes disponíveis apenas em aparelhos militares. No avião que ele estava demonstrando, a cadeira do piloto poderia ser ejetada, como nos aviões de combate, mas não apenas ela. Todo o compartimento dos passageiros era construído em pequenos módulos, também ejetáveis. Em caso de pane, todos teriam direito a um passeio extra, de pára-quedas, e pousariam suavemente, no solo ou no mar. Poderiam até continuar tomando, tranquilamente, seus uísques enquanto aguardassem as equipes de resgate.

O argumento foi definitivo e no dia seguinte Cortazar entrou, pela primeira vez, em um avião comercial. Antes da decolagem esteve na cabine dos pilotos e, embora maravilhado, espantou-se com a quantidade dos equipamentos existentes. Seu colega sorriu e comentou: "Um pouquinho diferente dos teco-tecos em que aprendemos a voar, não é, Corta?". Acrescentou, porém, que aquela montanha de botões e visores só era complicada à primeira vista. Na realidade, era tudo muito objetivo e simples "e até você, com dez minutos de explicações, seria capaz de conduzir o "monstro".

Cortazar estava deslumbrado e queria ficar ali durante toda a viagem, pouco lhe importando não haver cadeira para ele. Viajaria agachado, mas por nada no mundo perderia a oportunidade de conhecer melhor o "monstro". O comandante, entretanto, não permitiu a extravagância. "Você só está aqui porque estamos com as portas abertas. Antes de elas se fecharem você terá que voltar ao seu lugar. As medidas de segurança são hoje de um rigor absoluto. Mesmo que eu quisesse, não poderia autorizar. Há câmaras automáticas que me vigiam todo tempo e transmitem as imagens

para o "*Big Brother*", em terra. Na era dos atentados suicidas, ninguém mais confia em ninguém. Uma tristeza, mas certamente dias melhores virão".

Cortazar compreendia perfeitamente a posição do colega e foi realmente com muita tristeza que voltou para sua poltrona.

Algum tempo depois, a comissária o procurou. Estava lívida, com um ar de terror na face, mas inteiramente controlada, pois havia recebido treinamento muito eficiente, que a habilitava a enfrentar com serenidade qualquer situação. Abaixou-se e segredou em seu ouvido: "O senhor é que é o piloto amigo do comandante, não é? Por favor, acompanhe-me".

Quando chegaram à cabine, foi a vez de Cortazar ficar pálido e aterrorizado. O piloto e o co-piloto estavam desmaiados. Seu primeiro pensamento foi de que estava presenciando uma nova modalidade de terrorismo. Logo, porém, a comissária esclareceu que o drama não era aquele. O problema era de outra natureza e só ocorrera porque "não há tecnologia capaz de evitar inteiramente o azar". A falha tinha sido na alimentação da tripulação, que estava toda intoxicada. Só ela estava de pé, porque não havia almoçado e só não ficara desesperada porque se lembrou da conversa que o comandante tivera com ele antes da decolagem. "Estamos no piloto automático. Basta o senhor se comunicar com o controle terrestre e de lá eles lhe darão todas as instruções necessárias para que o senhor assuma o controle do aparelho".

Cortazar nada disse, para não criar pânico, mas logo pensou que o azar mencionado pela comissária era o dele, atuando com força total. Dessa aventura ele não escaparia com vida, pois não sabia, sequer, como ligar o equipamento de comunicação com a terra.

Fingindo a mais absoluta tranqüilidade, retirou, cuidadosamente, da poltrona de comando o corpo inerte do comandante e nela se sentou. Começou, em seguida, a percorrer com os olhos a quantidade (que lhe parecia absurdamente grande) de botões, chaves, chavinhas e "chavetas" que tinha diante de si. Qual delas ligaria o rádio salvador? E se ele errasse e desligasse as turbinas? Com o seu azar, tudo podia acontecer! Os minutos se passavam e ele permanecia indeciso. Embora o termômetro indicasse que a temperatura da cabine era de 18 graus, Cortazar sentia que o suor já havia empapado suas roupas. Desse jeito, muito em breve não teria condições nem de segurar os comandos. Reuniu então suas últimas reservas de coragem e apertou, inteiramente ao acaso, o botão que estava mais próximo de sua mão direita.

Imediatamente, sua poltrona foi ejetada, o imenso pára-quedas se abriu e ele contemplou o avião, serenamente, sumindo no horizonte...



## LINGUA MATER

**From:** [ludicoladino@pontocompontobr](mailto:ludicoladino@pontocompontobr)  
**To:** [aurélio@pontocompontobr](mailto:aurélio@pontocompontobr)  
**Sent:** domingo, 5 de janeiro de 2003  
**Subject:** Língua portuguesa

- Professor, socorro! Eu preciso de sua ajuda. Tenho muitas idéias, que dariam ótimos livros, mas não consigo dominar a língua mater.

- Não seja modesto, sua frase está muito boa. Os puristas exigiriam aspas ou itálico em *lingua mater*, porque a expressão é latina, mas isso já seria um preciosismo.

- Não é questão de modéstia. Hora eu escrevo certo, hora não.

- Realmente, esses "oras", por exemplo, não têm agá.

- Como acim? Hora não tem agá?

- Hora tem agá, mas ora não tem agá. São palavras homófonas, mas não homógrafas. E assim escreve-se com dois esses e não com cê.

- Cê ta mangando comigo? Acim não é o masculino de acima?

- Não, uma coisa nada tem a ver com a outra.

- Anotado. Eça eu não erro mais.

- Então, anota também que essa é com dois esses.

- Mas e o Eça de Queiroz, não é um autor famoso, no qual ce pode confiar?

- De fato, no Eça de Queiroz pode-se (com esse) confiar, mas o essa que você escreveu não é o do Queiroz.

- E porque o Queiroz pode escrever Eça e eu não posso? Só porque ele é famoso?

- Não é questão de fama, é questão de ortografia. O Eça do Queiroz é nome próprio e o seu "essa" é um pronome.

- Quer dizer que pronome dele pode e pro meu não pode? Porque?

- Porque, não, por que, porque a frase é interrogativa.

- Ha... agora entendi. Se a frase é interrogativa eu não posso usar Eça, mas se for afirmativa posso. Omeça! Que coisa esquisita.



- Homessa é com agá e com dois esses e no ah que você usou o agá vem depois da vogal. Se o agá vem antes da vogal é do verbo haver.

- E o que eu tenho haver com isso?

- Haver, não, a ver...

- Como a ver? O senhor mesmo não disse que se é verbo é com agá? E ver não é verbo?

- Ver é um verbo, mas a ver não...

- Esquessa, professor, isso está ficando muito complicado. Daqui por diante eu não uso mais nem eça nem essa, só vou usar esta.

- Mas esta e essa não são sinônimos perfeitos. E esqueça não é com dois esses.

- Como não, se a expressão é afirmativa?

- Está bem, use o esta, se preferir. Há tanta gente que não percebe a diferença entre esta e essa que eventual má utilização quase não será notada.

- Notada ou anotada?

- Notada, percebida, constatada. Notou a diferença?

- Ah... notei.

- Graças a Deus!

- Professor, eu gostaria que o senhor me desce uns exercícios para mim fazer...

- ... para eu fazer.

- O senhor não precisa, já é professor.

- Então, escreva quinhentas vezes: "Para eu fazer a redação, foi a ordem do professor. Para mim, fazer a redação não foi fácil."

- Cê está mangando de novo comigo? Me diz que "para mim fazer" está errado e me manda escrever "para mim fazer a redação." Homessa! (Esta eu já aprendi.)

- Repare na vírgula, ela, no caso, faz toda a diferença.

- Ah, professor, vamos deixar as vírgulas para depois, porque elas me odeiam. Ou sobram, ou faltam e nunca estão onde deveriam estar.

- Está bem, está bem, mais uma coisinha só, por ora: geralmente não se usa vírgula antes de "ou".

- Anotado.

- Uma outra coisa que já me ia escapando: o "desce" que você escreveu para me pedir um exercício é do verbo descer. O certo, naquele caso, é desse, do verbo dar.

- Dessel? Se o verbo é dar, o normal não seria "dasse".

- Não, porque o verbo é irregular.

- Este mundo é injusto mesmo. Rico pode cometer qualquer irregularidade sem sofrer coisa alguma. Para eles, até verbo irregular é certo! Já se o pobre faz qualquer coisinha irregular, todo mundo desce o pau nele.

- Você já está melhorando. Esse seu último desce está corretíssimo.

- Eu não disse? Descer o pau na gente é correto ou melhor corretíssimo.

- É triste, mas é assim. Agora, voltando às vírgulas, nessa sua última frase, a expressão "ou melhor" deve ficar entre vírgulas.

- Mas não foi o senhor mesmo que mandou não colocar vírgula antes do "ou"?

- Eu disse geralmente. Aquele caso é uma exceção.

- Exceção ou excessão?

- Exceção, excessão não existe.

- Como não existe? Que nome o senhor dá a um excesso muito grande? Como nesse caso das vírgulas, que geralmente não se pode usar antes de "ou", mas quando pode são logo duas, de cambulhada. É um excesso, ou melhor, um excessão.

- Você quer aprender a língua mater ou quer criar uma língua nova?

- Desculpe, professor, mas há horas em que eu não consigo aceitar como regras coisas verdadeiramente esdrúxulas.

- Parabéns! Uma frase inteira sem um erro. O há está certo, horas também e até um vocábulo não muito comum — esdrúxulas — foi adequadamente usado e sem falha ortográfica (o que é raro).

- Obrigado. Mas o senhor não concorda que há regras meio esquisitas?

- Esquisitas!?

- É, o gênero das palavras, por exemplo. Por que banco é masculino e cadeira é feminina? Tem lógica isso?

- Não é questão de lógica, é questão de uso. As regras não são inventadas pelos gramáticos, elas surgem naturalmente, com o tempo. Os gramáticos apenas as codificam para facilitar o aprendizado.

- Facilitar?!!! Cê está mangando novamente. Veja, por exemplo, (mais uma vez) o caso da grama planta e da grama peso.

- Grama peso não é a grama é o grama.

- Viu? Só para complicar. Está na cara que a grama, mesmo a peso, é feminina. Uma verdadeira Roberta Close da língua. Os gramáticos é que a vestiram de menino, desde a infância e insistem em querer que as pessoas acreditem que ela é macho. Uma violência, um abuso de autoridade. O senhor já viu alguém pedir

quinhentos gramas de carne de cabra no açougue? Se pedir assim, na certa vai levar carne de bode...

- Dai-me paciência, meu Deus!

- Não se desespere, professor, eu vou melhorar. Estou me esforçando. Até já comprei um computador para registrar as regras. Daqui para a frente eu computo tudo e...

- ... computar é verbo defectivo, não possui a primeira pessoa do singular do presente do indicativo.

- Como? Que regra safada é essa? O senhor disse que as regras se formam naturalmente, com o tempo, e computar é uma palavra ainda na primeira infância. Não houve tempo para regra nenhuma se formar naturalmente. Por analogia também não pode ser, pois não são defectivos os verbos compactar, compactuar, compadecer, compaginar, comparar, comparecer, compassar, compatibilizar, compelir, compenetrar, compensar, competir, compilar, completar, complicar, compor, comportar, comprar, compreender, comprimir, comprometer, comprovar, compulsar. É invencionece dos gramáticos, pura e simples.

- Nada disso, a questão não é de analogia, é de eufonia. Aquele tempo do verbo computar é desagradável ao ouvido.

- Muito delicadas essas suas aurículas. Por que, então, não são desagradáveis os verbos disputar, reputar, imputar? Para não falar no deputar, uma prerrogativa democrática obtenível apenas pelo voto.

- Eu estou quase desistindo. Você não quer aprender coisa nenhuma. Você já é muito sabido e só quer se divertir. Um verdadeiro Lúdico Ladino. Por que você não entra para a política. Você iria longe...

- Não mude de assunto, professor, fiquemos na gramática. Há muitas dúvidas que eu preciso dirimir para iniciar o romance que já tenho engendrado em minha cachola.

- Você pretende ser romancista? O gênero parece simples, mas é muito complexo, a partir do título.

- Nada disso, professor, isso é até o mais simples. Meu romance de estréia terá por título Marimbondos de fogo...

- ... isso é plágio. Já existe romance famoso com esse título.

- O senhor não me deixou terminar. Os meus marimbondos são de fogo-fátuo. Sobre estes ninguém ainda escreveu. É um romance esotérico.

- Ah, então você está feito. Marimbondos e esoterismos são passaportes garantidos para a Academia de Letras. Mas voltemos à gramática. Que dúvidas você ainda deseja que eu o ajude a dirimir?

- A nível de...

- ... pelo amor de Deus, não use esse modismo. Ele é execrável. "A nível de" mau gosto, ele só é comparável a seu coirmão "enquanto isso", "enquanto aquilo".

- Mas, professor, essas expressões eu as aprendi na mídia...

- Eu sei, eu sei, esse é um dos tormentos dos que amam a nossa língua mater. Muitos (aliás, muitíssimos) midiáticos não a respeitam e a desfiguram irresponsavelmente. Talvez por isso é que é cada vez mais difícil as pessoas aqui se entenderem.

- Se é assim, professor, eu desisto. Vou passar a falar inglês. É uma língua muito mais simples. Você encontra um conhecido na rua e pergunta:

- Como você faz? (*How do you do?*)

Ele responde, risonho:

- Muita, obrigado. (*Fine, thanks*)

E todo mundo se entende...



## A SEGUNDA CARTA

— Ô **Pero**, **vais** me fazer um favor. **Caminha** de novo ao mundo e manda-me de lá uma segunda carta, contando-me como andam agora as coisas naquela terra graciosa que Cabral descobriu.

— Pois não, majestade. Seguirei na primeira caravela virtual que passar por aqui.

.....  
.....

**From:** [perovazdecaminha@terra.com.br](mailto:perovazdecaminha@terra.com.br)  
**To:** [elreidommanuel@ceu.com](mailto:elreidommanuel@ceu.com)  
**Subject:** Brasil  
**Date:** 12 de janeiro de 2003  
**Attach:** Retrato

Companheiro Manuel

Espero que você já tenha computador para ler este e-mail. Se não tiver, danou-se, pois praticamente ninguém mais escreve cartas e os poucos que o fazem não são lidos. Os jornais, por exemplo, lançam-nas diretamente ao monturo, pois não há quem ainda se disponha ao trabalho braçal de abrir envelopes.

No anexo segue um retrato meu para que o companheiro-majestade possa ver o estilo da barba que deixei crescer para inserir-me no espírito da época.

Feitos esses preâmbulos, vamos às notícias da terra. Tanto quanto possível, procurarei atualizar o que disse na primeira carta.

*"Senhor,*

*posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza notícia do achamento desta Vossa terra nova, que agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer! "*

Nesta segunda carta não farei esses rapapés bajulatórios. Não se usam mais. O que agora dizem é que "ninguém é de ninguém" e, portanto, nada de mesuras. Os mais afoitos, especialmente em uma geringonça que chamam de televisão, mandaram às favas até os mais comezinhos princípios de cortesia. Seu linguajar habitual é o caçanje mais boçal que se possa imaginar. A tanto não chegarei. Prefiro manter-me na companhia dos que ainda prezam a educação os quais, graças a Deus, ainda são muitos.

Também não se usa mais modéstia como a da última parte da primeira carta. O que mais se vê é o império de um princípio divulgado pelo velho Erasmus que viveu em Rotterdam: "Se ninguém te elogia, elogia-te a ti mesmo." O curioso é que quase todos os nativos destas plagas seguem aquele princípio embora a maioria nem saiba que o velho existiu.

*"Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afear, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu."*

Essa parte procurarei seguir à risca, sem nada aformosentar ou afear.

*"E portanto, Senhor, do que hei de falar começo."*

E portanto, companheiro, do que hei de digitar começo.

*"[...] topamos alguns sinais de terra [...] os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno."*

Topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de sacos plásticos e de garrafas idem, a que os mareantes chamam de poluição.

*"[...] houvermos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz."*

O monte redondo ainda cá está e ainda se chama Pascoal. A terra chã também ainda cá está, mas a Vera Cruz não encontrei. Quando por ela perguntei, responderam-me que na certa eu estava equivocado. Eles só conheciam a Vera Fisher.

*"[...] acudiram pela praia homens aos dois e aos três [...] pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas."*

Acudiram pela praia homens aos magotes, de todas as cores, quase nus, com muito pouca coisa cobrindo suas vergonhas. Quando lhes perguntei porque não cobriam melhor suas vergonhas, retrucaram: "Vergonha? O que é isso?"

*"E tomou dois daqueles homens da terra que estavam numa almadia [...] levou-os à Capitaina. [...] Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro."*

E tomamos dois daqueles homens que ali andavam a surfar. Ambos traziam furados os beijos, as orelhas, a língua, as abas do nariz, os sobrolhos, o umbigo e não sei quantas partes mais. Em cada um dos buracos estavam enfiadas umas coisas estranhas que eles chama de piercings.

*"Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta do que sobre-pente."*

Os cabelos deles são de todas as cores, jeitos e feitios. Ora tosquiados, de tosquia alta, ora compridos, soltos ou amarrados à nuca. Quando amarrados dessa forma, eles os chamam com o nome daquela planta de que falei na primeira carta: rabo-de-asno (ou coisa parecida...).

*"Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cosido, confeitos, fartéis, mel e figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora."*



Deram-lhes ali de comer: feijão, arroz, carne assada e goiabada com queijo de Minas. Não quiseram daquilo comer quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora, perguntando: "Não tem Big Mac?"

*"Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais."*

Trouxeram-lhes vinho em uma taça. Mal o puseram na boca o cuspiram, indagando: "Não tem Coca-Cola?"

*"E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas."*

E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de disfarçar suas vergonhas, muitas das quais eram fanadas. Quando lhes perguntei se não se entristeciam com isso, riram muito e comentaram: "Ele não conhece Viagra". Eu não sei de que estavam falando.

*"E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados d'escaques."*

Agora são poucos os que se quartejam de cores. Em compensação, os que o fazem quartejam o corpo quase todo com umas garatujas de aspecto nauseante. Chamam-nas tatuagens. Quando lhes perguntei se as pinturas eram preparativos para a guerra, responderam-me que não. Creio que não têm sentido algum, sendo pura idiotice.

*"Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de a nós muito bem as olharmos, não se envergonhavam."*

Ali andavam entre eles muitas moças, algumas bem novinhas e gentis, outras nem tanto. Quanto às vergonhas, não as deixam agora inteiramente à mostra. Cobrem-nas com uns paninhos muito finos que chamam de fio dental. Não atinei com a razão disso, pois nunca vi dentes naquelas partes.

*"[...] levantaram-se muitos deles e tangeram corno e buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço."*

Ainda hoje, mal alguém tange corno e buzina ou qualquer outra coisa que estupore os ouvidos, põem-se todos a saltar de um modo muito parecido com o que vi quando aqui estive da primeira vez. Disseram-me que houve época em que a dança era feita em pares (um homem e uma mulher) que giravam suavemente ao som de músicas melodiosas. Esse costume, porém já está quase esquecido, tendo voltado a prevalecer a autenticidade dos primitivos habitantes da terra. Nas músicas prevalece o som dos tamboris — hoje chamados baterias — sendo esse som amplificado quase ao infinito. Quanto mais alto o som, mais alto pulam os dançantes...

*"E quando [...] nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco, e alçaram as mãos, estando assim até se chegar ao fim."*

Esse é outro costume que perdura até hoje. Sempre que, aos milhares, se reúnem para algum festejo, erguem os braços e os balançam, ao ritmo da música, e assim ficam até se chegar ao fim. A única diferença que notei em relação aos velhos tempos é que agora além de balançarem os braços erguidos, gritam até ficarem roucos.

*"Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem."*

Isso mudou inteiramente. Agora lavram e criam. E há bois, vacas, cabras, ovelhas, galinha e... ratos, muitos ratos. Estes últimos são uma praga, porque roubam a maior parte do que produzem os que lavram e criam. O pior é que, além dos tradicionais ratos de quatro patas, os há agora de duas patas. Estes andam eretos e são os mais vorazes.

*"Esta terra, Senhor [...] nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos — terra que nos parecia muito extensa."*

A terra continua muito extensa, já os arvoredos são difíceis de encontrar. A culpa, disseram-me, é de uma senhora chamada Moto-Serra que, desconfio, é descendente de um daqueles dois degredados que o Capitão-mor aqui deixou.

*"A terra em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo."*

Minha previsão estava correta. A terra continua graciosa e nela tudo dá. O problema são os ratos...

## O CASAMENTO

- Querida, veja a que ponto estamos chegando. Diz aqui no jornal que também no Brasil estão querendo legalizar o casamento entre homossexuais!

- E que mal você vê nisso? É o progresso.

- *Tu quoque?*

- Eu mesma. Temos conversado muito lá no cabeleireiro sobre esse assunto e cheguei à conclusão de que eu era muito bitolada, muito retrógrada.

- No cabeleireiro!?

- É, por quê? O grupo que ali se reúne é da melhor qualidade. Nós temos cabeça.

- Eu sei, eu sei que vocês têm cabeça. Se não tivessem não iriam ao cabeleireiro.

- Lá vem o machismo. Isso já está muito fora de moda.

- Não é nada disso, eu não tenho restrições às freguesas, suas amigas, minha preocupação é com a "dona" do salão. Não é Madame Satã o nome "dela"?

- É, mas não precisa debochar. Madame Satã é só um apelido, posto pelos que têm inveja do sucesso do Roger. Ele é um homossexual assumido, mas tem muita compostura e, além disso, é um profissional competentíssimo.

- Quanto a isso não tenho a menor dúvida. É tão competente que está fazendo a cabeça de vocês por fora e por dentro.

- Além de preconceituoso você está sendo injusto (com perdão pelo pleonasma). O Roger é a discrição em pessoa. Ele jamais se intromete em nossas conversas. Nunca disse uma palavra sobre o tema.

- É? Como, então, vocês sabem que ele é *gay*?

— Muito simples. Foi a Rosinha, com aquela sem-cerimônia que você tão bem conhece, que um dia perguntou, de chofre: "Roger, você é *gay*?" Ele respondeu apenas: "Sou, mas essa é uma questão muito íntima, sobre a qual não gosto de tecer considerações." E nunca mais disse uma palavra sobre o assunto.

- Como foi então que você se converteu a esse modernismo selvagem, que despreza os séculos de cultura que são os próprios fundamentos da civilização ocidental?

- Agora é a mim que cabe dizer que não é nada disso. Eu não me converti a coisa nenhuma, nós não estamos falando de religião. Eu apenas raciocinei e mudei minha opinião. Só isso.

- Um ataque de incoerência explícita.
- Não é nada disso, repito. Incoerência é agir de modo contrário às suas convicções. Aceitar argumentos racionais contrários às suas convicções e modifica-las não é incoerência, é inteligência. É parecido com o problema racial. Durante séculos achou-se que os pretos eram inferiores e, por isso, até a escravidão era justificável. Hoje, ninguém mais que mereça a qualificação de civilizado adota essa postura e nem por isso é acusado de incoerente.
- Você está baralhando os conceitos. O problema do homossexualismo é fundamentalmente moral, o que, em nenhuma hipótese ocorre com a questão racial. Você já ouviu alguém dizer que é imoral ser preto, ou amarelo, ou vermelho? "*Jamais de la vie*", como dizem os franceses. O problema com os *gays* não é genético, é de comportamento.
- Isso não muda em nada os aspectos do preconceito contra eles. Por que lhes negar o direito de agirem da forma que lhes dá prazer?
- Porque esse comportamento ofende o senso moral da maioria.
- Isso é só questão de tempo. Pelo andar da carruagem, os *gays* em breve serão a maioria, como aliás aconteceu no tempo dos gregos, os maiores filósofos de todos os tempos.
- Há quem diga que foi justamente esse fato que fez com que a civilização grega se extinguisse.
- Se você vai partir para o deboche, eu não converso mais.
- Está bem, desculpe, a tese não está provada, mas "*si non e vero e bene trovato*"...
- Assim não dá! Vamos voltar a falar sério. Os *gays* são cidadãos iguais a quaisquer outros. Por que só eles não podem casar com quem amam?
- Só eles, não, todos os cidadãos estão sujeitos a restrições de ordem moral.
- Em termos especificamente matrimoniais, não existe uma só restrição que não seja exclusivamente contra os *gays* e as lésbicas. Segundo os retrógrados, só eles devem sufocar seus anseios amorosos.
- Só eles, não. A ninguém é lícito casar com a própria irmã, por mais que os dois se amem.
- Até isso está sendo questionado em comunidades mais evoluídas...
- ...mais evoluídas ou mais animalizadas?

— Mais evoluídas. As que dão prevalência à lei natural sobre regras criadas pelo homem.

- Avance um pouco mais, então. A lei deve permitir o casamento do filho com a própria mãe? Nada existe mais sublime do que o amor filial e o amor materno. Por que impedir o consórcio, mesmo carnal, dos dois? Puro preconceito?

- Você está delirando! Isso já é outra questão, inteiramente diversa, que comporta outro tipo de discussão, não a de que estávamos tratando. Você está querendo me confundir.

- Não, não estou querendo te confundir, só estou querendo mostrar que o argumento dos direitos é uma falácia. Ele pode levar a limites perigosamente deletérios...

- Está bem, eu vou aprofundar meus estudos filosóficos, mas, até lá, continuo achando que não se deve impedir o casamento de dois rapazes ou de duas moças, que sejam livres e desembaraçados.

- Faça isso, aprofunde seus estudos e verá que a moral, necessariamente restritiva, é indispensável à existência da civilização. Sem ela, voltaremos à barbárie primeva.

- Não exagera, meu bem...

- Você acha exagero porque estamos falando em tese. Eu gostaria de ver todo esse seu vanguardismo se (Deus nos livre!) nossa filha desandasse e fizesse uma escolha não ortodoxa.

- Aí é que você se engana. Eu não estou divagando, *in abstractu*. Se nossa filha fizer uma escolha "não ortodoxa", como você diz, terá todo o meu apoio.

.....  
.....

- Mamãe, eu vou casar.

- Que ótimo, minha filha, você nem pode imaginar como eu fico feliz com essa notícia.

- Bem...mamãe, não se entusiasme tanto porque não é propriamente um casamento daqueles caretas em que você certamente está pensando. Eu vou morar junto com o objeto de minha paixão.

- E como você chegou tão rapidamente a essa decisão? Eu nem sabia que você, sempre mergulhada em suas pesquisas na Fundação, estivesse namorando. Por que você não nos contou nada?

- Não foi repentino, não, mamãe, eu já venho amadurecendo a idéia há muito tempo. Eu não falei antes porque tinha medo da reação de vocês.

- Medo por que, minha querida? O que você escolher terá a nossa benção. Ainda ontem eu e seu pai estivemos conversando longamente sobre o tema.

- Eu sei, eu ouvi do meu quarto e foi justamente o que me levou a contar-lhe tudo. Puxa, mãe, eu nunca poderia imaginar que você tivesse a mente tão aberta. Fiquei até comovida.

- Que bom, minha filha. Comigo você pode se abrir inteiramente. Nada, absolutamente nada, me levará a condena-la.

- Não seja tão enfática, mamãe. Eu fiquei animadíssima com o que ouvi, mas ainda guardo alguns temores.

- Que bobagem, filhinha. Se você ouviu toda a nossa conversa deve ter sentido que não se trata de uma brincadeira. Cheguei a uma convicção tão profunda que nada, absolutamente nada, repito, me fará mudar de idéia, especialmente quando o que estará em jogo é a sua felicidade. Vocês já têm apartamento?

- Não será preciso, eu vou morar no alojamento dele, lá na Fundação.

- Dele? Ah... que alívio...

- Que é isso, mãe? Você achou que eu era lésbica? Se fosse, estaria perdida, né?

- Não, filhinha. Se esse fosse o seu sentimento, tudo bem, mas confesso que fiquei aliviada por não ser. Ele é colega seu?

- Bem... ele não é pesquisador, não é um cientista, mas é um colaborador inestimável.

- E você acha que será bom vocês morarem na Fundação? Isso não poderá vir a prejudicar sua carreira?

- Não, mãe, o diretor já concordou e me deu todo o apoio. Ele me trata como a uma filha e reconhece a importância do trabalho que eu estou realizando.

- Que bom. Já começo a sonhar com o meu netinho.

- Nem pense nisso, mãe, eu...

- ... está bem, filhinha, não precisa explicar, eu entendo. O planejamento familiar é questão muito íntima e só ao casal cabe decidir. Pode ficar tranquila que eu jamais a pressionarei.

- Obrigado, mãe, você é um anjo.

- Agora que já está tudo esclarecido, quando é que nós iremos conhecer o seu eleito?

- Não sei, mãe, eu ainda estou apreensiva. Não sei se, apesar de toda sua boa vontade, você irá aceitar com naturalidade a minha escolha.

- Por que, filhinha? Ele é preto? Se for isso, não se preocupe. Sob esse aspecto, nem eu nem seu pai jamais tivemos qualquer preconceito. Você parece que nem se lembra de como recebemos bem o crioulo de sua prima Jaqueline...

- ... crioulo, mãe!!!!?? E você ainda diz que não é preconceituosa!

- Desculpe, desculpe, eu não fiz por mal. Talvez tenha sido influência do programa que passou ontem na televisão sobre O Samba do Crioulo Doido, do Sérgio Porto. Ele também usou o termo e não tinha o menor vestígio de racismo.

- É, mas hoje o termo é pejorativo e seu uso é até crime, mas está perdoada. Respondendo à sua pergunta: não, meu escolhido não é afro-brasileiro.

- Então, por que ainda persiste sua apreensão? Ele seria algum boçal que você tem vergonha de apresentar?

- Mamãe... assim você está me ofendendo! Você me acha capaz de escolher um boçal? Ele é muito bem educado e muito inteligente.

- Ah... já sei, ele é um daqueles muçulmanos fanáticos, capaz de qualquer loucura em nome de Alá? Mesmo assim, não se preocupe...

- Ficou maluca, mãe? Que idéia mais disparatada.

- Então desisto de tentar adivinhar. Diz logo como é o seu eleito e porque você ainda insiste em achar que nós não vamos aprovar a sua escolha.

- Você quer mesmo saber? Não prefere aguardar um pouco mais, para ir se acostumando com a idéia de que ele pode não corresponder às suas expectativas?

- Não, não quero esperar. Estou preparada para tudo.

- Então... prepare-se de verdade. Eu vou casar, coabitar, com o orangotango da Fundação Jardim Zoológico, onde faço as minhas pesquisas científicas. Apaixonei-me por ele.

- !!! !!! !!! !!! !!! !!! !!! ...

.....  
 .....  
 - Socorro, papai, socorro, venha correndo, a mamãe desmaiou.

- Ah..., minha filha, agora é tarde. Sua mãe não está desmaiada. Ela se foi, para sempre...





## O CRIME PERFEITO

John Smith sentia-se desgraçadamente infeliz. De que lhe adiantara ter nascido nos Estados Unidos, se tinha de carregar, até o fim de seus dias, aquele nome, desgraçadamente vulgar, e era desgraçadamente feio. Havia momentos em que ele chegava a se revoltar contra sua mãe: “Que Deus a tenha... e a perdoe por me ter gerado tão feio.”

A feiúra, porém, não era irremediável, pois se concentrava no nariz, ridiculamente disforme. Suas demais feições eram harmoniosas e se aquele defeito fosse removido ele se tornaria um rapaz excepcionalmente belo.

Com moderno desenvolvimento das técnicas de cirurgia plástica, a solução era até relativamente simples, mas ele tinha medo. “E se ficasse pior?” Além disso, havia uma dificuldade insuperável, ele não tinha dinheiro para cobrir as despesas da caríssima operação.

Por cúmulo de ironia do destino, John trabalhava na caixa-forte de um banco. A todos os seus infortúnios, somava-se aquele suplício de Tântalo: viver cercado de milhões de dólares sem poder desfrutar das delícias de sua posse.

Naquele sábado, tristemente solitário, como de hábito, John desligou a televisão, já de madrugada, mas ficou pensando no filme que acabara de assistir. Era mais um com aquele cínico final em que ladrões sorridentes e felizes, com as malas abarrotadas de dinheiro, embarcavam com destino ao paraíso tropical chamado Rio de Janeiro.

Brotava naquele momento em seu cérebro a semente do crime. Se tantos compatriotas seus já se haviam valido daquela proverbial hospitalidade brasileira, por que ele não poderia fazer o mesmo? Lembrou-se, em especial, do caso de um assaltante de trem, inglês, que nem precisara esconder sua identidade. Mal chegou ao paraíso, fugido de uma prisão britânica, foi acolhido de braços abertos pela maior rede de televisão do país, que lhe deu guarida e suporte e ainda o ajudou a explorar

comercialmente sua fama de criminoso. Diziam que era um Macunaíma albino, um herói sem nenhum caráter.

A princípio era apenas uma vaga idéia, contra a qual sua consciência se opunha denodadamente. Com o tempo, porém, a idéia se fortaleceu, derrotou a consciência e acabou se transformando em um plano.

A parte financeira, relativamente simples, em função da natureza de seu emprego, foi deixada para depois.

O ponto fundamental, e objeto de sua imediata atenção, era saber como poderia contornar a eficiência da polícia de New York até conseguir embarcar para a segurança absoluta da Cidade Maravilhosa.

Foi quando lhe ocorreu que os motivos básicos de sua infelicidade poderiam transformar-se na garantia de êxito daquilo que, certamente, viria a ser conhecido como “O Crime Perfeito”.

Eram tantos os John Smith existentes na América, que a polícia levaria pelo menos um século para concluir as investigações se tentasse aquela via de pesquisa.

A feiúra também ajudaria. Tomada a decisão de deixar de ser honesto, o problema de dinheiro para custear a operação deixaria de existir. E quando esta estivesse concluída, de nada adiantariam as fotografias nos cartazes de “Procura-se” que polícia habitualmente espalha, especialmente nos aeroportos, para impedir a fuga dos criminosos.

A segunda etapa foi o acerto de todos os pormenores com a clínica onde seria feita a cirurgia plástica. John sujeitou-se a todos os exames que esses casos exigem e debateu exaustivamente com o cirurgião as inúmeras alternativas que seriam possíveis.

As maravilhas da digitalização de imagens possibilitaram o conhecimento prévio de como exatamente ficaria a sua nova fisionomia. Feita a escolha definitiva, o médico brincou:

— Olha, John, você vai ficar tão bonito que se eu fosse gay nem deixaria você sair do hospital.

Tudo combinado, ficou restando apenas ser marcada a data para a internação. John alegou que não poderia fazer a indicação de pronto porque dependia ainda de uma decisão de seu chefe quanto à ocasião em que lhe seriam concedidas férias. Na verdade, porém, o motivo era a necessidade de um perfeito *timing* para cada uma das etapas da programação, sem o qual todo o plano fracassaria.

Chegara, afinal, a hora da parte financeira. Esta acabou sendo realmente a mais simples, com a vantagem adicional de dispensar a existência de um comparsa, o que é inevitavelmente um risco imenso em “empreitadas” daquela natureza. O esquema que John idealizara permitia-lhe agir inteiramente sozinho. Uma sorte, aliás, já que ele praticamente não tinha amigos.

Tudo se baseava no sistema de controles adotado pelo banco. O numerário de movimentação freqüente era conferido diariamente, com o rigor típico das tesourarias. Havia, entretanto, uma “reserva técnica”, mantida em prateleiras especiais ao fundo da caixa-forte, que só era conferida por ocasião das auditorias realizadas a cada seis meses.

Confiando tranqüilamente na regularidade e precisão das normas regulamentares do banco, John começou a retirar, diariamente, pequenas quantidades de cédulas da reserva técnica.

Quando o montante dos “saques” atingiu dois milhões de dólares, ele parou, por dois motivos. O primeiro era de ordem eminentemente prática: mais do que isso seria difícil de dissimular nas malas com que ele viajaria. O segundo motivo era de natureza especulativa. Dois milhões de dólares era muito dinheiro em termos absolutos, mas, para o banco, era relativamente muito pouco. Talvez a diretoria preferisse nem apresentar queixa à polícia para evitar o escândalo que, em termos de imagem da instituição, seria muito negativo. A hipótese não era provável, mas também não era impossível...

Completadas as retiradas, John comprou a passagem, de ida e volta, para não despertar suspeitas e telefonou para o médico, marcando o dia da operação.

Um mês depois, ele era outro John, alto, louro e simpático, sem o menor vestígio da feiúra original.

Sua primeira providência foi tirar uma fotografia e pedir um passaporte. Tudo correu às mil maravilhas e ele tinha ainda mais de quinze dias de folga em relação à auditoria, quando o desfalque iria fatalmente ser descoberto.

O dia do embarque amanheceu magnífico e John estava eufórico. Muito em breve estaria a salvo no Brasil, o país do futuro, como ouvira dizer. Quanto ao futuro dos brasileiros poderia haver dúvida, não quanto ao dele, que era certo e radioso.

Já no táxi, indo para o aeroporto, mandou fazer uma parada na igreja de São Patrick. Queria agradecer aos céus a proteção que, afinal, lhe havia sido dispensada e pedir perdão à sua mãe pelo que dela havia pensado. Orou fervorosamente: “Querida mãezinha. Perdão, mil perdões, pelo que antes pensei. Bendita a hora em que fui gerado tão feio. Não fosse isso, eu provavelmente nunca teria a felicidade que agora sinto, rico, bonito e tranquilo como jamais havia sido.”

Quando entrou no saguão do aeroporto, seu sangue gelou à vista de enorme cartaz com o seu retrato e a legenda “Procura-se - Ladrão de banco - Gratifica-se com cem mil dólares a quem der informações que resultem em sua prisão”. Parou, perplexo, pois não conseguia sequer imaginar como poderia ter ocorrido uma antecipação na auditoria.

O susto, porém, logo desapareceu. O retrato, como não poderia deixar de ser, era do antigo John, “feio como anhangá” (um dos mil nomes do diabo), como dizia uma velha expressão popular brasileira que ele conhecera no curso de português que freqüentara. John ainda se deu ao desplante de gracejar com um guarda que estava próximo ao cartaz: “Como é feio esse bandido. Eu, se fosse juiz, lhe daria uns vinte anos de cadeia só por andar por aí poluindo o ambiente com a exibição desse focinho.” O guarda sorriu aprovativamente...

O pouso no Rio de Janeiro foi ao raiar do dia, com uma alvorada esplendorosa , daquelas de causar inveja aos habitantes do hemisfério norte, que jamais conseguem ver um sol tão brilhante.

A fila para verificação dos passaportes era imensa e morosa, como qualquer fila que se preze. Nem isso, porém, afetou a alegria de John. Esperou pacientemente a sua vez, cantarolando a Aquarela do Brasil, cuja letra decorara, embora sem saber muito bem o significado da maioria das palavras. Mesmo assim, não via a hora de poder apreciar de perto a beleza das mulatas inzoneiras que deveriam existir às centenas nas brancas areias de Copacabana.

O sorriso da moça que o atendeu era mais radiante ainda do que o sol da alvorada. Entretanto, mal ela olhou a tela do computador que tinha à sua frente, sua fisionomia se fechou. Chamou um guarda que estava junto ao balcão de atendimento, entregou-lhe o passaporte de John e disse, secamente: “Por favor, conduza este senhor à sala do Chefe.”

John ainda pensou em falar alguma coisa, mas a carranca do guarda , que já o segurava pelo braço, fez com que desanimasse.

O Chefe era um senhor sisudo, mas o atendeu com a maior cortesia e, graças a Deus, falando um inglês fluente e impecável. Indicou uma cadeira à frente de sua mesa para que John se sentasse e só então esclareceu o motivo da entrevista:

— Mr. Smith, lamento informar que o senhor está detido, a pedido da Intepol, e será imediatamente reencaminhado aos Estados Unidos. Sua bagagem foi confiscada e será entregue, lacrada, às autoridades policiais norte-americanas. Se o senhor desejar, pode fazer uma ligação telefônica, a cobrar, para o seu advogado.

John engoliu em seco, mas abriu o melhor de seus sorrisos e falou:

— Calma, calma, meu amigo, isso só pode ser um mal entendido gigantesco. Eu até já estou quase acostumado com esse tipo de problema, por causa de meu nome. John Smith na América é como João da Silva aqui, existem aos milhares. Não tenho a

menor dúvida de que o pedido da Interpol refere-se a algum homônimo. Eu vim de férias, apenas para conhecer sua cidade maravilhosa. Já tenho até a volta marcada para daqui a vinte dias. Veja o senhor mesmo o bilhete da passagem, que tenho aqui comigo.

— Não perca seu tempo com essa lábia de aprendiz de malandro carioca. Não há nenhum engano possível. Nós escaneamos as impressões digitais de todos os passaportes e o computador faz, instantaneamente, a comparação com as que a Interpol nos fornece. Não há dúvida, não, é o senhor mesmo o ladrão de banco que a polícia está procurando. Volte para sua terra, nós já temos vigaristas de sobra por aqui, não precisamos de importação.

Pálido, mais de espanto do que de medo, John tentou sua última cartada, que supunha infalível:

— O que é isso, companheiro? Você não está falando sério. Não se pode dar um jeito? Eu sempre soube que aqui é a terra do jeitinho e que conversando é que a gente se entende. Nós estamos sozinhos, pode falar que eu entendo...

— Como o senhor já aprendeu e aprecia nossa gíria, eu esclareço que a coisa não é bem como o senhor soube. Desta vez o companheiro dançou, entrou pelo cano, danou-se. Fique-lhe a lição: nem tudo o que dizem os filmes, a televisão, os jornais sobre o Brasil é verdade. Ainda há aqui muita gente que se respeita e há muito mentiroso na sua terra...

**De:** [dinheiro@terrapontocom](mailto:dinheiro@terrapontocom)  
**Para:** [deus@ceupontocom](mailto:deus@ceupontocom)  
**Data:** Terceiro ano do terceiro milênio  
**Assunto:** Queixa e Súplica

— Perdoai-me, Senhor, pela ousadia de dirigir-me a Vossa Excelência... Perdão, perdão, por equipara-Lo a um congressista ou a um ministro. Vossa Majestade não merece o insulto. Perdão, novamente, mas majestade também não parece adequado, pois até o Chatô já foi chamado de Rei... e era um pilantra muito sem-vergonha. Vossa...? Vossa o quê seria devido ao Senhor, como tratamento? Ah, já sei: perdoai-me, Senhor, pela ousadia de dirigir-me a Vossa Eternidade por e-mail.

Por favor, não se ofenda. É que eu não consigo ficar repetindo, sem cair no sono, aquelas melopéias anacrônicas que chamam de orações. Além disso, eu gostaria de dizer-Lhe algumas coisas muito particulares minhas e que, portanto, não poderiam constar de fórmulas estáticas redigidas há centenas de anos.

Pensei em escrever-lhe uma carta, mas me disseram que agora nem Deus as aceita. Já um e-mail ninguém recusa e creio poder confiar inteiramente na eficiência do provedor celestial para fazer com que ele chegue diretamente a Suas mãos, sem intermediários.

— Não se preocupe com nada disso, meu neto, são ninharias. Essa história de que “o meio é a mensagem” é coisa de ímpios que só pensam em tirar proveito das enganações que impingem aos incautos. A única coisa realmente importante é a sinceridade de propósitos. Abra seu coração e eu o escutarei.

— Graças a Deus... (desculpe a impropriedade da expressão, é a força do hábito). Obrigado, Senhor, suas palavras são um alívio. Eu estava um tanto preocupado porque me haviam ensinado que os homens foram criados à Sua imagem e semelhança e eu tenho enorme receio de confiar neles.



— Não se preocupe, repito. O que lhe disseram é verdade, mas esqueceram de mencionar que eu concedi livre arbítrio aos humanos. Com esse instrumento é que muitos deles maculam a beleza e a harmonia da criação. Isso, porém, não é relevante.

Você colocou como assunto da mensagem “Queixa e Súplica”. Qual é a sua queixa?

— Tenho muitas, mas antes de especificar a que me traz à Sua augusta presença, eu gostaria de obter um esclarecimento. Por que “meu neto” e não o milenar “meu filho”. Eu não sou filho de Deus, como todo mundo?

— Infelizmente, não. O dinheiro foi gerado na mente dos homens, com o uso daquele livre arbítrio que já mencionei. Não se aflija, porém, pois minha misericórdia é infinita. Diga o que mais o atormenta.

— É a calúnia de que sou vítima, diuturnamente, Senhor.

— Acusam-no de alguma coisa que você não é ou não fez?

— Exatamente. Vivem dizendo que eu, o Dinheiro, sou a desgraça do mundo, ou melhor que eu sou a causa de todas as desgraças do mundo.

— E isso não é verdade?

— Não, absolutamente não. Eu sou neutro, não faço nem bem nem mal. O meu uso é que pode ser bom ou mau.

— Basicamente isso é correto, mas você há de convir que sua criação não foi feita com objetivos altruísticos. Quem primeiro lhe deu vida — um tal de Gerson, o mais remoto ancestral do formulador da Lei que, no Brasil, eternizou seu nome — não estava pensando em fazer o Bem, sua idéia era “levar vantagem em tudo” o que fosse possível.

— Eu sei, eu sei, mas isso não elimina a minha condição de instrumento neutro, tanto que, apesar de minha origem espúria, muitos não me utilizaram de modo iníquo. Ao contrário, usaram-me para mitigar as dores dos menos favorecidos.

Portanto, atribuir-me a culpa exclusiva pelas mazelas do mundo é uma calúnia, que me angustia profundamente.

O mais irônico é que os maiores caluniadores são justamente os que me obtiveram por meios não ortodoxos, digamos assim. Cometem os atos mais sórdidos que se possa imaginar em sua ânsia de ter-me com exclusividade e depois me acusam de ser o culpado pelas desgraças dos espoliados.

Às vezes eu consigo me vingar, queimando as mãos ávidas dos que me injuriam. Lembra-se do caso do Rei Midas? Foi minha melhor proeza no sentido de punir a ganância.

Hoje, porém minha reação está se tornando cada vez mais difícil, tal o número dos que me usam e me caluniam.

O problema está se tornando insuportável, em virtude da força descomunal dos meios de comunicação de massa, que Vossa Eternidade deixou que os humanos criassem.

— Meu neto, meu neto, você se queixa de ser caluniado e está fazendo a mesma coisa comigo. A mídia, como são agora chamados os meios de comunicação de massa, não é criação por mim autorizada. Foi também parida pela mente humana. A televisão, por exemplo, foi inventada por inspiração direta do Demônio. Sempre e sempre com a utilização do livre arbítrio.

— Perdoe-me a insolência, mas por que diabos, então, Vossa Eternidade permite a continuidade da existência desse maldito livre arbítrio?

— Porque sem ele os humanos perderiam essa característica e reverteriam à condição puramente animal em que antes chafurdavam. E isso eu não desejo, para o próprio bem de meus filhos.

O livre arbítrio é peça fundamental no desenvolvimento do Universo, que criei por ato do mais puro amor.

— Vossa Eternidade poderia explicar melhor essa história de tanto sofrimento ser fruto do amor, o mais sublime dos sentimentos?

— Poder eu posso, pois, como você bem sabe, eu sou o Todo Poderoso. Mas não quero. Meus desígnios são um mistério insondável para mentes mortais e assim permanecerão até o fim dos tempos.

Os humanos terão de conseguir, por seu próprio esforço, trilhar o caminho da salvação. A fórmula já lhes foi dada há milênios, no vetusto decálogo entregue a Moisés e cuja síntese é muito simples: solidariedade.

— Novamente imploro Seu perdão por mais uma ousadia. Vossa Eternidade não acha que os humanos estão custando muito a aprender?

— O tempo é irrelevante para mim.

— Para mim, entretanto, é muito importante. O Senhor não poderia fazer alguma coisa que pelo menos atenuasse a bestialidade dos humanos? Essa era a súplica que eu desejava Lhe fazer.

— Seu mal é não atentar para o sentido da História. Houve época em que você era utilizado para comprar escravos, como se isso fosse a coisa mais natural da vida. Hoje não mais existe a escravidão. Foi um grande progresso, que muito alegrou meu coração.

— É..., mas a praga está voltando. Disfarçada, mascarada, com formas sibilinas e sutis, mas está voltando.

— Você tem razão. Essa é, porém, uma outra característica da vida humana. Seu desenvolvimento não é linear, é cíclico, como quase tudo, aliás, na natureza. Há vales de barbárie e picos de civilização. Eras em que prevalecem os sentimentos humanitários e eras em que prevalecem os bestiais. E com uma circunstância agravante: quando se degradam, os humanos tornam-se piores até do que as feras. Até um dos princípios básicos para a sobrevivência das espécies — lobo não come lobo —

eles esquecem e atacam a tudo e a todos, com especial preferência pelos seus semelhantes.

— Nós estamos, então, em um dos vales que Vossa Eternidade mencionou?

— Olhe à sua volta e tire suas próprias conclusões. Em que outro momento houve, por exemplo, falsificação de remédios? Essa é talvez a mais vil maneira de obtenção de riqueza e, no entanto, vem se tornando quase corriqueira. A disseminação das drogas, corrompendo até crianças, é outro exemplo, embora essa iniquidade ainda cause alguma repulsa, tal a profundidade de sua sordidez. Já o jogo, que suga impiedosamente justamente os mais pobres, é visto com certa benevolência e praticado até por instituições que se pretendem respeitáveis.

Nada, porém, se compara, em termos de malignidade, com a Mentira, pois sem ela as outras degradações não vicejam.

Quando ela impera absoluta e predomina até na mídia; quando se apresenta até como uma qualidade, como no *marketing*; quando se pretende até indispensável, como na política; e as pessoas, em número cada vez maior, não percebem isso e até a cortejam, usando-a para encobrir sua corrupção; o triunfo da civilização, do humanismo, torna-se realmente difícil.

— E Vossa Eternidade, que se orgulha de ser o Todo Poderoso, nada faz para impedir a calamidade?

— Outra vez a ignorância da História gerando a calúnia. E por parte de quem se queixa de ser caluniado.

Você talvez não perceba, porque eu atuo apenas quando a degradação dos humanos põe em risco a sobrevivência da própria espécie.

A primeira grande intervenção foi o dilúvio. Poupei apenas uma família, mas quase me arrependi quando a primeira coisa que Noé fez, após ser salvo, foi se embebedar.

Uma outra ação expressiva, embora tópica, foi a destruição de Sodoma e Gomorra, cidades cuja população se corrompera até a medula dos ossos.

Novo aviso, também tópico, foi o soterramento de Herculano e Pompéia, com toda a podridão moral que lá existia.

De maior amplitude foi a Peste Negra, com a qual fiz uma assepsia na humanidade, dizimando mais de dois terços dela.

A mais moderna advertência foi bem recente, no século passado, quando permiti que dois agentes pessoais do Demônio — Hitler e Stalin — agissem por longo tempo. A própria humanidade soube deter a pestilência deles, mas parece que não aprendeu a lição. Voltou a se corromper de modo excessivamente amplo ensejando o surgimento e a prosperidade de novos agentes do Príncipe das Trevas, e se nega a reconhecer isso, *going around the bush...*

— Posso então ter ainda esperança de justiça? O Bem não será eliminado da face da Terra?

— Certamente. No momento oportuno, os que caluniam você serão exterminados e surgirá nova aurora de civilização, radiante e bela.

— Amém.

## A SENHA

— Um momentinho, querida, fica aqui no carro que eu vou ali correndo apanhar um dinheiro no caixa eletrônico do banco.

— “Senha inválida. Tente novamente.”

— “Senha inválida. Tente novamente.”

— “Senha inválida. Para sua segurança, seu cartão ficará retido. Compareça à sua agência para retirada do cartão e registro de nova senha.”

— Já de volta, querido? Foi rápido!

— Rápido e rasteiro. A máquina “engoliu” o meu cartão porque digitei a senha errada. Devo ter confundido com a de outro lugar.

— Não tem importância, querido. Quando chegarmos na casa do Junior você usa o computador dele e faz o pagamento pela Internet.

— Boa idéia.

— "O serviço que você deseja é exclusivo de assinantes. Digite sua senha."

— "Senha inválida. Tente novamente."

— "Senha inválida. Tente novamente."

— "Senha inválida..."

— ... vá para o inferno, computador sádico...

— Que é isso, querido, não se estresse.

— Eu não estou estressado, estou é com raiva dessas máquinas idiotas. É senha pra tudo, um inferno.

— Não são as máquinas, querido. Elas só fazem o que está em seus programas. E esses são feitos para sua própria segurança. Se não fossem as senhas, você não teria garantia alguma, não teria privacidade.

— Eu sei, eu sei, mas já são tantas senhas que não há cristão que as decore. Além da quantidade, os "protetores" de nossa segurança são sádicos. Data de aniversário, não serve; número de telefone, não serve; números seqüenciais, não servem. Nada do que seja fácil de memorizar serve, só servem números e letras malucas que nem o diabo lembra. Um horror, eu não agüento mais.

— Calma, querido, você assim acaba tendo um enfarte. Relaxa, respira fundo e se concentre que tudo se resolve.

— Pronto. Já relaxei, já respirei fundo e já me concentrei. O que devo fazer agora?

— Tenta o celular. Esses aparelhinhos são fantásticos. Fazem de tudo, até falam, como um telefone... Você pode usa-lo como se fosse um mini-micro-computador. Ele manda e-mails, manda fotos, manda o que você quiser, até "torpedos".

— Ah, ótimo, vou mandar uns torpedos. Com eles eu expludo todos os malditos "protetores" de minha segurança.

— Expludo não existe. Explodir é verbo defectivo.

— Não existe, mas deveria existir. É um abuso de autoridade dos gramáticos...

— Calma, querido, deixa os gramáticos em paz e usa o celular, vai...

— "Senha inválida. Tente novamente."

— Viu? Até o celular está contra mim.

— Calma, querido, que senha você teclou?

— A que você me deu: 0853XYZ4917KW24.

— Ah, foi isso. Essa senha é para recarga do aparelho, a de mensagens é: 0853ZYX4917KW24.

— E não é a mesma que eu tecliei?

— De jeito nenhum. Na primeira, a primeira seqüência alfabética é XYZ, na segunda a seqüência é ZYX. São coisas completamente diferentes. Tenta outra vez, vai...

— Lá vai...

— Peraí, antes de clicar o SEND, deixa eu conferir no visor.

— Confere, vai...

— Viu? Você já ia errando novamente. E depois reclama das máquinas.

— O que é que está errado?

— Faltou o primeiro zero.

— E zero à esquerda vale alguma coisa? Desde que inventaram os algarismos, o zero à esquerda não tem valor algum. Mudaram isso também? Agora nem a matemática é respeitada?



— Quem falou em matemática? Não tem nada a ver. Em senhática...

— ... senhática? Que diabos é isso?

— É a ciência que trata das senhas. É mais importante que a filosofia, a ética, a moral. Como eu ia dizendo, em senhática todos os caracteres são fundamentais. Se você não respeitar esse dogma, não vive.

— E você chama de vida a esse tormento? Para mim, a coisa é de morte...

— Deixa de rabugice e tenta de novo.

— Aleluia, aleluia!

— Que foi?

— "Comando aceito. Prossiga."

— Viu como é simples? Tecla agora o número do banco, o da agência e o da conta; o número do seu telefone; a data do seu nascimento - dia, mês e ano; o número do CEP de sua residência; o número do seu CPF e o da Carteira de Identidade.

— Só isso?

— Só. O que está reclamando agora? Todos esses dados são de facilíma memorização. É tudo para sua segurança.

— Santa Paciência! Lá vai.

— "Comando aceito. Prossiga."

— "Tecele o número do título a ser pago."

— Me ajuda aqui, querida. Dita aí essa infinidade de algarismos que, sem separação alguma, aparecem acima do código de barras. Eu sozinho não consigo ler esse troço.

— Cadê? Tecla aí, mas cuidado para não errar: dois, três, sete, nove, zero, quatro, sete, um, zero, nove, nove, zero, zero, seis, zero, oito, um, cinco, zero, sete, quatro, sete, quatro, zero, zero, cinco, um, dois, zero, zero, zero, seis, sete, zero, zero, zero, zero, zero, zero, zero, zero, zero, zero, zero, zero e zero.

— "Comando aceito. Confirme."

— Que é isso, querido? Ficou maluco?

— Por quê?

— Você jogou o celular pela janela do carro!

— É... não agüentei. Pediram para eu teclar a senha de minha conta.

— E daí?

— Essa é a senha que eu não consegui lembrar, quando toda esta história começou. Mas vamos para casa que eu não estou me sentindo bem.

— É, você está pálido, suando.

— Depressa, querida, eu estou cada vez pior.

— Pronto, querido, deita aí no sofá mesmo, que eu vou ligar para o hospital.

— "Você ligou para o **Hospital Viva a Vida**, o mais informatizado de toda a América Latina. Se o seu problema é de alergia, tecla 00001; se é renal, tecla 00002; se..., se..., se..., se é psiquiátrico, tecla 01001; ou aguarde atendimento personalizado."

— Boa tarde, Bill Gates da Silva falando. Em que posso ajuda-lo?

— Agora você não pode ajudar em mais nada. Meu marido estava com um enfarte, mas já morreu.

— Como não posso ajuda-la? Nossos serviços são totalmente informatizados. Estou transferindo sua ligação para a **Funerária Viva a Morte**.

.....

.....

— Alô, São Pedro no interfone. O que você deseja?

— Ah, meu santo, desculpe o incômodo, eu não sabia que este era o portão do céu. Eu não mereço.

— Calma, meu filho, me diga o seu nome para eu ver aqui nos meus registros. E me diga também de que você morreu.

— Meu nome é Job da Silva e eu morri de um acesso de impaciência.

— Impaciência, meu filho? Com esse nome?

— Uma ironia, não é? Mas o senhor não imagina o que fazem agora com a gente na Terra. Paciência de Jó já não basta.

— Eu sei, eu sei, eu sei de tudo, mas não se preocupe, meu filho, estou vendo aqui no seu prontuário que você vai poder entrar. Eu só preciso ainda de uma coisa...

— ... ah, então deixa pra lá, meu santo, senha eu não tenho.

— Nada disso, meu filho, isso não existe aqui. A senha foi invenção do Demo. Eu só preciso que você faça um pequeno estágio no Purgatório. Sua casmurrice, até na hora da morte, incomodou um tanto sua mulher e isso é pecado. Venial, mas que tem de ser purgado...



## O TRANSVIADO

Cândido estava preocupado com o neto que havia criado desde pequenino, desde quando os pais do menino haviam morrido, juntos, vítimas de um trágico e nunca bem explicado acidente de ônibus. O veículo despencara em uma ribanceira e afundara, com todos os passageiros, em um dos diversos açudes que se encontram às margens das rodovias nordestinas. O inexplicável fora o fato de o corpo do motorista ter sido encontrado no banheiro, localizado na parte traseira do ônibus. Pelo menos fora isso o que aparecera nos jornais da época...

O drama, porém, já tinha muitos anos e não valia a pena ficar recordando desgraças antigas. Suas preocupações eram muito atuais e diziam respeito ao destino de Félix, um belo rapaz que acabara de completar dezessete anos.

Ele era saudável, inteligente, bem educado e bastante culto para sua idade, mas era "diferente". E isso fazia o avô temer por seu futuro.

Cândido lembrava-se do famoso livro de Jerzi Kosinski, **O Pássaro Pintado**, em que um garoto sofre horrores durante a II Guerra Mundial, na Polônia, exclusivamente por ser visto como "diferente". O título do romance referia-se a uma brincadeira perversa dos meninos de uma pequena aldeia, que se divertiam capturando um pássaro do tipo que vive em bandos, pintando-o de uma cor diferente e soltando-o em seguida. O prazer sádico dos meninos era ver o "diferente" ser estraçalhado a bicadas por seus antigos companheiros, sem nem ao menos saber porque eles não o acolhiam mais no grupo.

- Cândido bem que se esforçava para que Félix agisse como "todo mundo". Como, aliás, ele próprio fazia, pois, apesar da idade um tanto avançada, tinha a mente aberta para tudo o que a modernidade oferecia. Sua principal diversão, e fonte de inspiração, era a televisão e ele não conseguia entender como um jovem podia não apreciar as maravilhas ali produzidas.

- Félix, vem ver comigo a nova novela das oito. Está maravilhosa.

- Desculpe, vô, mas eu não gosto.

- Como "não gosto", se você nada viu ainda? Nem o título - **A Transviada** - te motiva?

- Eu não disse que não gosto **dessa** novela. O de que eu não gosto é do gênero "artístico" chamado novela de televisão.

- Isso é uma heresia. Nossas novelas são da melhor qualidade. São até exportadas para inúmeros países.

- Então eu sou herético, mas esse argumento não me convence. Há muita droga que é exportada. E o mesmo ocorre com as importações, como é o caso, por exemplo, do hábito de *fast food*, que também detesto.

- Não mude de assunto. Ninguém está falando de Mac Donald, estou falando é das novelas, as nossas novelas. "Todo mundo" gosta. Você se acha melhor do que os outros?

- Melhor, não, posso ser, no máximo, diferente e não creio que isso seja crime.

- Crime não é, mas é muito perigoso, eu já te disse isso mil vezes. Eu não quero te forçar a nada, mas não me parece que sua postura faça honra à sua inteligência. "Não gosto porque não gosto" não é racional. Você precisa ser mais específico. Você não gosta de quê? Da beleza das moças, da riqueza dos cenários, da criatividade dos temas?

- Criatividade dos temas? Onde o senhor vê criatividade nas tramas das novelas? Para mim são simples fofocas, de uma indigência intelectual assustadora. A riqueza dos cenários chega a ser um deboche em relação à miséria do país. É uma ilha da fantasia, num mar de pobreza. É a apologia do cinismo do "filósofo" que disse: "Pobre gosta de luxo, quem gosta de miséria é intelectual." Só se salva a beleza das moças, mas isso é pouco para justificar tudo mais.

- Ainda bem que se salva alguma coisa. Haveria algo mais de que você não gosta nas novelas?

- Há. O *merchandizing*, por exemplo é para mim asqueroso. Não há trabalho artístico que possa manter um mínimo de dignidade, se faz concessões à propaganda. Não me surpreenderá se, qualquer dia, as personagens começarem a declarar, cinco a dez vezes por capítulo, suas preferências por determinada marca de absorventes femininos...

- Não exagera. O *merchandizing* não é, realmente, muito louvável, mas não é tão difícil de suportar. As montagens são caras, eles precisam arrecadar...

- Há mais, porém. Não me parece que o endeusamento da mais descarada esperteza e da mais desenfreada promiscuidade seja justificável como entretenimento. Será que não existe mais uma família decente cujos sentimentos possam ser retratados? Só existe traição e safadeza na sociedade brasileira?

- Isso é típico do teatro. A virtude não "dá IBOPE". Ninguém quer saber de histórias de pessoas virtuosas. Você está querendo o impossível.

- Teatro? Que teatro? Comparar novelas com teatro é um escárnio. O Teatro (com T maiúsculo) morreu, sufocado pela vulgaridade das novelas.

- Já está você exagerando novamente. A novela é um gênero teatral tão respeitável como o tradicional, de inspiração grega. Além do mais, não são as novelas que criam a degradação, elas apenas mostram o que existe. Um pouco cruamente, talvez, mas elas vão sempre buscar os exemplos na própria vida.

- O senhor, meu avô, como "todo mundo", acha isso. Eu, como sou "diferente", penso exatamente o oposto. Hoje, mais do que nunca, em face do "efeito realidade" da televisão (primo rico do "efeito demonstração" dos economistas) e a incomensurável difusão que ela agora possui, a massa age do modo que lhe é ali indicado como "normal". A vida é que está copiando as novelas e não o contrário.



- Isso é uma insensatez. A televisão é mera diversão. O caráter das pessoas independe da forma como elas se divertem.

- Ou seja: não existe educação pelo exemplo, não existe doutrinação, não existe a possibilidade de aprimoramento da civilização.

- Está bem, está bem. Essa discussão não terminaria nunca. Não vou insistir com as novelas, mas a televisão tem outras coisas que valem a pena ser vistas...

- ... cite uma.

- São tantas que é até difícil escolher. Os noticiários, por exemplo. Vai me dizer que também não gosta dos noticiários? Nunca o povo teve tanta informação. Você acha que também isso é mau?

- Mau? Não, eu...

- ... graças a Deus, uma pitada de bom senso.

- Não acho mau, acho péssimo. Nunca o povo teve tanta informação... superficial e distorcida e, além disso, focada, invariavelmente, no que de mais baixo exista na condição humana, com um destaque todo especial para a violência. A sede de sangue dos repórteres parece insaciável.

- Você deve estar delirando. Os noticiários (especialmente os do horário nobre) são vistos (e apreciados), todo santo dia, por milhares, ou melhor, milhões de pessoas, que não pensam como você. Todas elas estarão erradas e só você está certo?

- Não sei, mas a hipótese não é tão absurda assim. Quando Galileu disse que a Terra é que girava em torno do Sol, quase "tacaram" ele na fogueira. Todo mundo (literalmente) **sabia**, sem a mais remota sombra de dúvida, que era o Sol que girava em torno da Terra. Bastava olhar para o céu...

- Que maravilha! Vou passar à História como do avô do Galileu do Século XXI.

- Se você não for junto comigo para o martírio, por ter criado o "monstro"...

- Chega de brincadeiras, voltemos ao que interessa. Seu ódio à TV, além de ser evidente preconceito, é um perigo.

- Eu não odeio a TV. O de que eu não gosto é da ação deletéria dos que hoje a dominam. Veja, por exemplo, na área política. Não existe um "picareta" de alto bordo que não seja também controlador da mídia de suas bases eleitorais. No campo religioso é a mesma coisa, não há um "bispo" de peso que não controle uma rede de televisão. Na área da jogatina (essa forma sibilina de sugar impiedosamente os tostões de quem mais precisa deles), idem; uma "arca da felicidade" ou uma teleloto seriam possíveis sem uma poderosa rede televisiva por trás delas?

- Exageros, exageros e mais exageros...

- Você costuma dizer que não entende como eu, sendo jovem, não aprecio as maravilhas produzidas na televisão. Eu lhe restituo a perplexidade. Não consigo entender como o senhor, na sua idade, não se envergonha do voyerismo explícito que representa a assistência de coisas abjetas como os *reality shows*. Verdadeiros atentados contra a dignidade humana.

- Mas é tudo brincadeira, Félix. Ninguém está ali obrigado.

- Eu sei, eu sei, mas é justamente isso que me enoja e me apavora: haver quem faça os programas, por míseros punhadinhos de dinheiro, e haver quem até pague para poder ver a degradação durante as vinte e quatro horas do dia. Por menos que isso, Zeus explodiu o Vesúvio e soterrou Pompéia. Fico imaginando o que nos acontecerá quando a TV a cabo chegar ao Olimpo.

- Não sei de onde você terá tirado tanto puritanismo. Começo a temer que o seu seja um caso perdido. O que você não aceita é a evolução dos costumes, a eliminação

dos tabus, que tanto infelicitaram a humanidade no passado. A televisão tem sido o grande instrumento dessa liberação e você ainda a critica. Não dá, realmente, para entender.

- Eu não posso fazer nada, "é da minha natureza", como na velha fábula do escorpião e o sapo.

- Pode, sim, pode se esforçar para mudar e apreciar o lado bom dos programas.

- Fantástico o seu otimismo...

- Isso mesmo - **Fantástico** - um bom programa para você se iniciar. Há quem diga que "se deu no Fantástico, deve ser mentira", mas isso é uma calúnia gerada pelos concorrentes de menor audiência. O programa é altamente informativo. É um poderoso instrumento de divulgação científica. Sem ele o povão nem teria como conhecer os fantásticos progressos que ocorrem nessa área. Dizem que até o Ministro da Ciência e Tecnologia usa o programa como base de sua política. É uma afirmação fantasiosa, sem dúvida, mas mostra bem a importância do programa.

- Não foi lá que anunciaram, já faz algum tempo, a cura do câncer? Com chá de babosa, se não me engano...

- Seu pessimismo é insuportável, mas se você não gosta dos programas nacionais, por que não assiste aos filmes. A variedade é imensa.

- Variedade? Que variedade? Em termos práticos, os filmes abordam dois temas apenas: violência e sexo.

- E você não gosta de sexo? Você é *gay*, por acaso? Se for, não há problema, já existem inúmeras produções voltadas especificamente para os "liberados", machos e fêmeas... sem ironia...

- Não, eu não sou *gay*.

- Então você é daqueles fósseis que ainda não conseguiram desvincular o sexo da idéia de pecado?

- Não, também não sou fóssil. Apenas só concebo o sexo como um complemento do amor. Sem isso, é coisa de animais. As pessoas que "fazem amor", mal se encontram, sem saberem realmente o que é o amor, não deveriam se declarar da raça humana. Mais honesto seria se reconhecerem carijós, garnisés, d'angola, etc.

.....

.....

- Oi, Cândido, há quanto tempo não nos víamos! Como vai essa vida mansa de velho jovial? Como vai o Félix, aquele garoto um pouco "diferente", mas muito simpático?

- Ah... nem me fale... uma tristeza. O Félix revelou-se um completo transviado, um rebelde, sem o menor respeito pelos costumes de seu tempo. Um caso perdido, não tive outra alternativa, internei-o num hospício.